

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**LEONARDO BENTO DOS REIS**

**O FRANCO FALAR DE JESUS DE NAZARÉ COMO LUZ PARA OS  
POVOS E PARADIGMA DE EVANGELIZAÇÃO**

**SÃO PAULO**

**2014**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**LEONARDO BENTO DOS REIS**

**O FRANCO FALAR DE JESUS DE NAZARÉ COMO LUZ PARA OS  
POVOS E PARADIGMA DE EVANGELIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. Edelcio Serafim Ottaviani.

**SÃO PAULO**

**2014**

**LEONARDO BENTO DOS REIS**

**O FRANCO FALAR DE JESUS DE NAZARÉ COMO LUZ PARA OS  
POVOS E PARADIGMA DE EVANGELIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. César Teixeira.

Aprovado \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus pai pela vida, saúde, inteligência, e por ter me concedido a vontade de seguir os passos de Jesus de Nazaré, para que iluminado pelo Espírito eu possa contribuir na construção do Reino.*

*Aos meus familiares, especialmente à minha esposa, Sonia Maria Alavarces, que além de me incentivar de forma irrestrita, sobrecarregou-se na administração de nosso lar em razão de minhas ausências. E também as minhas filhas Mariana e Isabela.*

*Ao meu orientador e querido mestre, Edelcio Serafim Ottaviani, que desde o início do curso aguçou em mim o desejo pelo pensar filosófico e pela pesquisa com perspicácia, paciência e extrema dedicação.*

*A todos os professores da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, os quais, cada qual a seu modo e área de conhecimento, têm me ajudado a aprofundar meus conhecimentos teológicos e fazer de mim um ser humano melhor.*

*Aos meus colegas de estudo, que ao longo destes cinco anos partilham comigo suas vidas, sonhos, angústias e expectativas, e que sempre se mostraram solícitos e dispostos a me ajudar, apoiar e incentivar.*

***“Recusar a misericórdia é abandonar o temor do Senhor” (Jó 6,14).***

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| RESUMO.....   | 2  |
| ABSTRACT .....  | 3  |
| CAPÍTULO I .....  | 11 |
| <b>A PARRESÍA NA FILOSOFIA GREGA.</b> .....                               | 11 |
| 1.1 A Compreensão Filosófica do Termo <i>Parresía</i> .....               | 11 |
| 1.2 A <i>Parresía</i> Socrática. ....                                     | 15 |
| 1.3 A Mestria Socrática e a Constituição do Sujeito.....                  | 18 |
| 1.4 O Olhar de Michel Foucault Sobre a Verdade.....                       | 23 |
| CAPÍTULO II .....   | 25 |
| <b>A PARRESÍA NAS TRADIÇÕES BÍBLICAS.</b> .....                           | 25 |
| 2.1 YHWH, O Deus Verdadeiro da Tradição Bíblica.....                      | 25 |
| 2.2 A <i>Parresía</i> Profética do Antigo Testamento.....                 | 29 |
| 2.2.1 Miquéias, um Profeta em Luta pelo Direito e a Justiça.....          | 29 |
| 2.2.2 Jeremias, Paradigma da <i>Parresía</i> Profética.....               | 35 |
| 2.3. A <i>parresía</i> de Jesus de Nazaré na Perspectiva Joanina.....     | 40 |
| 2.4 A Mestria de Jesus de Nazaré no Evangelho de Marcos.....              | 44 |
| 2.5 A <i>Parresía</i> de Jesus de Nazaré e o Reino de Deus.....           | 48 |
| CAPÍTULO III .....  | 51 |
| <b>A EXIGÊNCIA DA PARRESÍA PARA O SEGMENTO DE JESUS</b> .....             | 51 |
| 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....   | 51 |
| 3.2 O Concílio Vaticano II. ....  | 54 |
| 3.3 A noção de Povo de Deus na Perspectiva da <i>Lumem Gentium</i> . .... | 56 |
| 3.4 A Questão Social no Concílio Vaticano II. ....                        | 58 |
| 3.5 Medellín e Puebla Exemplos do Profetismo Latino.....                  | 59 |
| 3.6 A Teologia da Libertação e a <i>Parresía</i> . ....                   | 67 |
| 3.7 <i>Parresía</i> e Martírio na América Latina.....                     | 71 |
| 3.8 Mudar para Voltar ao Caminho de Jesus. ....                           | 73 |
| 3.8 Francisco, o Arauto da Esperança.....                                 | 76 |
| CONCLUSÃO .....   | 78 |
| BIBLIOGRAFIA .....  | 85 |

## RESUMO

As pesquisas mostram que a Igreja Católica vem perdendo paulatinamente espaço para outras religiões e sua popularidade vem decrescendo em razão dos escândalos envolvendo membros de seus quadros em casos de pedofilia. Não bastasse isso, o fato de muitos fiéis não pautarem suas vidas nas palavras e na práxis de Jesus de Nazaré, independentemente da posição que ocupam no corpo eclesial, resulta num grande entrave para a evangelização. Nesse sentido, cabe ao teólogo encontrar saídas, à luz da fé e da razão, não só para esses impasses, como para outros problemas que atingem a Igreja de seu tempo. Partindo de uma perspectiva teológico/filosófica, este trabalho busca resgatar o valor da virtude da *parresía*, franco-falar, para a constituição do sujeito ético e para a construção de um autêntico e frutuoso discipulado em nosso tempo. Como a noção de *parresía* advém da filosofia grega clássica, antes de estudá-la do ponto de vista teológico, ela será analisada filosoficamente, tomando-se por referência aspectos da vida do pensador ateniense Sócrates, estudado pelo filósofo francês Michel Foucault. Em termos teológicos, a *parresía*, será apreciada com base em textos proféticos (Miquéias e Jeremias) e nos termos *logos* (palavra), *ergon* (obras) e *alétheia* (verdade), expressos no Evangelho de João. Esses elementos serão fundamentais para uma retomada da mestria de Jesus, abordada no evangelho de Marcos, como um modo de ser na verdade (*parresiasta/profético*), fonte de inspiração para a reestruturação tanto da pastoral como da vivência eclesial.

**Palavras-chave:** Jesus de Nazaré, *parresía*, Igreja Católica, discipulado.

## ABSTRACT

Researches show that the Catholic Church has slowly been losing space in between other religions and its popularity has been decreasing by virtue of the scandals involving members of the institution in cases of pedophilia. Other than that, the fact that a lot of believers, do not live according to the word and praxis of Jesus of Nazareth, regardless their position in the ecclesiastic crew, becomes a huge obstacle for evangelization. In this sense, it is the theologian duty to find ways, on the track of faith and reason, not only for this holdups but also for other problems that strike the congregation nowadays. From a theological and philosophical perspective, this paper aims to rescue the virtue value of the free speech, to the constitution of the ethical being and the construction of an authentic and fruitful discipleship in our time.

As the free speech, notion comes from the Classic Greek philosophy, before further studies in the theological point of view; it will be analyzed in the philosophical field, taking as references aspects of the life of Socrates, the Athenian thinker studied by the French philosopher Michel Foucault. In theological means, the free speech will be sighted taking into consideration the prophetic texts (Micah and Jeremiah) and in the terms: *logos* (word), *ergon* (works) and *alétheia* (truth) expressed in the Gospel of John. These elements are crucial to the return of the Jesus mastery, addressed in the Gospel of Marcus, as a way to be the, indeed, the fountain of inspiration for the restructuration of the pastoral and ecclesiastic life.

**Key-words:** Jesus of Nazareth, free speech, Catholic Church, discipleship.

## INTRODUÇÃO

É fato amplamente conhecido que a religiosidade é um dos elementos constitutivos do ser humano. e como tal, deve contribuir efetivamente para o seu crescimento pessoal, moral e espiritual. Porém, com maior frequência, as religiões deixam de ser a referência básica na vida das pessoas, e por conta disso, perdem espaço e importância frente ao materialismo, ao consumismo e ao hedonismo crescentes em nossos dias. Como agravante, muitas religiões, em vez de buscar corrigir os desvios existentes, tendem a adaptar-se à mundaneidade do mundo, como diria Heidegger, e assim reforçam situações que lhes caberiam enfrentar.

No caso específico da Igreja Católica, é fato amplamente conhecido que ela vem perdendo, de forma crescente, espaço para outras religiões, situação que entre outras causas, é provocada pelo contratestemunho dado por muitos católicos, que por não pautarem suas vidas nos ensinamentos e práticas de Jesus de Nazaré, desestimulam e até mesmo se tornam um grande obstáculo ao segmento do Nazareno, o que compromete e prejudica um número incontável de pessoas.

Partindo dessas e de outras realidades, como estudante de teologia, e com base nos conhecimentos teológicos e filosóficos obtidos no decorrer do curso, me senti na obrigação de refletir e buscar saídas para os aludidos problemas, que empobrecem sobremaneira a vida e a missão da Igreja. E ao tomar conhecimento da noção de *parresía*, o franco-falar, virtude presente tanto na filosofia como nas tradições bíblicas, percebi, que, o resgate e o aprofundamento a respeito desse conceito poderia ser de grande valia a vida da Igreja como um todo, e isso por se configurar em uma utilíssima ferramenta a ser empregada para o revigoramento e fortalecimento da ação pastoral. Além disso, procurei levar em conta que o emprego de um discurso filosófico poderia atingir com maior eficácia aqueles que menosprezam ou até mesmo ignoram qualquer ensinamento que proceda de uma instância religiosa.

Em minha concepção, e isso desde o início do curso de teologia, sempre entendi que além de seu caráter especulativo e investigativo de questões correlatas a Deus e à fé, também é papel desse saber buscar respostas aos problemas práticos que rondam a vida eclesial em particular e a humanidade como um todo, até porque, a salvação ofertada por Jesus de Nazaré jamais se mostrou sectária ou exclusivista.

Em meu entendimento, para que o cristianismo católico possa cumprir a contento a sua missão, que nada mais é do que a extensão da própria missão de Jesus de Nazaré, deve balizar a sua prática de seu Mestre e Senhor, missão tão necessária quanto arriscada.

Partindo dessas premissas, entendi que o trabalho tenderia a ser mais produtivo caso fosse dividido em três capítulos, sendo que o primeiro deles se ocuparia em investigar a origem e os benefícios da virtude da *parresía* em seu nascedouro, ou seja, no período da filosofia grega clássica. No segundo momento, teria por escopo buscar nas tradições bíblicas do Antigo e do Novo Testamento as manifestações *parresiásticas* (proféticas) manifestas naqueles textos e mostrar sua relevância para o Judaísmo e o Cristianismo. Por último, no terceiro capítulo, me propus investigar os eventuais desvios de membros da Igreja do Caminho de Jesus de Nazaré, seus respectivos os impactos para uma evangelização eficaz, bem como as vozes proféticas que se levantaram contra os desvios verificados e os riscos e as perdas incorridos por seus locutores. Finalmente, com base na realidade atual, tentei perscrutar possíveis caminhos que favoreçam uma evangelização mais ampla, efetiva e consistente, que possa beneficiar amplamente todo o povo de Deus.

Para que tal objetivo fosse atingido, o trabalho foi desenvolvido com base nos estudos filosóficos de Michel Foucault, uma vez que seus últimos cursos ministrados no *Collège de France*, foram ministrados com base em suas pesquisas sobre os diferentes modos do exercício da *Parresía*. No âmbito teológico, a compreensão de *parresía* foi buscada nas tradições bíblicas, e de modo especial nos Evangelhos, por retratarem a vida do Nazareno. Também foram empregados, por conta de sua riqueza e profundidade, alguns textos do Magistério e ainda contribuições de alguns

renomados teólogos, que ao longo dos anos têm estudado e buscado incansável e corajosamente respostas para os impasses e as incongruências vistas no seio da Igreja Católica.

Também veremos ao longo deste trabalho que, a despeito de o cultivo da virtude da *parresía* ser um fator indispensável para a prestação de um autêntico culto a Deus, a sua manifestação nem sempre foi bem compreendida e aceita por todos os grupos, especialmente pelos detentores do poder, seja ele político ou religioso. Isso fez com que muitos profetas fossem perseguidos, caluniados e até mesmo martirizados.

Constataremos ainda que no transcurso da história da Igreja o emprego da *parresía* nem sempre se apresentou de forma linear e contínua. Em decorrência disso, se em certos momentos surgiram fortes testemunhos de personagens que protestaram veementemente e lutaram com todas as suas forças contra às práticas de dominação de seu tempo, ao lado desses, muitos outros cristãos, por covardia, vaidade ou algum tipo de interesse, se não chegaram a rejeitar frontalmente o cultivo dessa virtude, certamente relegaram-na a um segundo plano, o que fez com que o cristianismo perdesse não só a sua importância, mas, acima de tudo, boa parte de sua capacidade de transformar o mundo em lugar mais justo e fraterno, como desejou o próprio Jesus.

Diante do exposto, procuraremos mostrar a importância de a Igreja resgatar a sua essência *parresiástica*, que teve origem nas palavras e nas obras de Jesus de Nazaré, para não corra o risco de perder a sua credibilidade. Caso isso venha ocorrer, de forma universal e efetiva, é certo que sua missão de evangelizar o mundo estaria seriamente comprometida. Em razão do pretendido, este trabalho obedecerá a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo, elaborado com base no pensamento do filósofo francês Michel Foucault, intitulado *A parresía na Filosofia Grega*, resgatará a compreensão e a importância da vivência da virtude do franco-falar tanto na esfera pessoal como na esfera política. Em decorrência disso, serão destacadas algumas passagens da vida

do filósofo ateniense Sócrates, que de acordo com os textos estudados, viveu e morreu de forma *parresiástica*. Sócrates é tido por Foucault como o filósofo que dedicou sua vida não só a compreender como vai o universo, como também à constituição de si e dos outros enquanto sujeitos de veridicção como meio de se ter acesso à verdade que leva ao exercício efetivo da liberdade.

Serão ainda destacados os princípios constitutivos do franco-falar, os riscos envolvidos nessa prática, as diferenças entre um discurso *parresiástico* e o retórico e, acima de tudo, a importância de um mestre viver em plenitude aquilo que professa. Destacaremos que a estreita coerência entre o que o *parresiasta* prega e o que ele efetivamente o transforma num modelo de vida que merece ser ouvido e seguido. Finalmente, abordaremos a perspectiva socrática do “cuidado de si” (*epimeleia heautou*) e os atributos necessários a todo aquele que toma para si o cuidado dos outros e faz do franco-falar um instrumento eficaz desse fim.

No segundo capítulo, a virtude da *parresía* deixará de ser vista pelo prisma da filosófica grega clássica, para ser contemplada pela ótica do universo religioso semita, momento em que nos aproximaremos da linguagem profética apresentada no Antigo Testamento. Nesse ponto, fragmentos e comentários dos livros de Miquéias e de Jeremias nos darão uma clara noção de como o emprego da *parresía* é importante para que uma religião possa ser acolhida como algo bem maior do que crenças e ritos, mas como o *locus* efetivo onde homens e mulheres, movidos por uma genuína fé em Deus, se mostram capazes de colocar em risco seus próprios interesses para defender aqueles que não têm voz nem vez.

Ainda na mesma seção, serão vistas as características do Deus de Israel, ou seja, os fatores que distinguiam Javé das divindades mesopotâmicas, a ponto de os judeus reconhecerem-no como o Deus verdadeiro, enquanto as demais divindades eram tidas como falsos deuses ou meros ídolos. No âmbito do Novo Testamento, o Evangelho de João será a referência utilizada para apresentar o “modo de ser na verdade” de Jesus Cristo como caminho e vida, já aqui na terra e não somente no céu, Cf, Jo 14, 6. Tal estudo será levado a termo por intermédio de uma sucinta análise

do vocábulo grego: *ergon* (obras) e sua ligação com o termo *logos* (discurso) e *alétheia* (verdade), entrecruzados com elementos do discurso filosófico, de modo a relacionar veridicção como modo de ser na verdade que dá efetivamente acesso à verdade e, conseqüentemente, ao exercício da liberdade: “*Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*” (Jo 8, 31-32).

Será abordada ainda a importância da mestria de Jesus de Nazaré para a constituição de seus discípulos, para que eles, após a volta do Mestre ao Pai tivessem as condições necessárias para continuarem a sua missão. Nesse ponto, as reflexões serão pautadas no Evangelho de Marcos, por ser esse o texto evangélico que melhor representa o grande empenho de Jesus para aperfeiçoar seus discípulos, pois, até mesmo os seus seguidores mais próximos, em diversas passagens do texto marcano, mostram dificuldades para entender, assimilar e aceitar os ensinamentos do Senhor.

Este mesmo capítulo terminará com um rápido estudo sobre a *parresía* de Jesus de Nazaré e a sua relevância para a instauração do Reino de Deus. Em decorrência disso, serão apresentados alguns aspectos relevantes da sociedade de seu tempo, tais como: Quem eram os seus opositores? Que interesses defendiam e porque viam o Nazareno como uma ameaça potencial a ser eliminada? Em contrapartida, será mostrado que Jesus, por atuar destemidamente como profeta de Deus, mesmo sendo injuriado e perseguido jamais recuou de seus princípios e ideal, mesmo sabendo que isso o levaria à morte na cruz.

O terceiro capítulo III, *A Exigência da Parresía para o Seguimento de Jesus*, após uma ligeira contextualização do mundo atual com suas disparidades e incongruências afetando os âmbitos eclesial e teológico, procura lançar luzes sobre as sombras de nosso tempo e discernir caminhos que mostrem as saídas para retirar o cristianismo cristão católico do marasmo no qual se encontra e resgatar sua vocação de instrumento à evangelização e à instauração do Reino de Deus.

Ainda será objeto desse capítulo trazer à luz algumas questões levantadas no Concílio Vaticano II, bem como as tensões vivenciadas em seu desenrolar entre forças

conservadoras e progressistas no interior da Igreja — tal é o caso da elaboração do documento sobre as Fontes da Revelação e a recusa do documento preparado pelas comissões preparatórias —; os diferentes posicionamentos eclesiológicos relativos à compreensão da categoria Povo de Deus; ao papel dos leigos no seio da Igreja (Constituição Dogmática *Lumen Gentium*) e à defesa dos pobres no contexto econômico global (*Gaudium Spes*).

Na sequência, serão trabalhados aspectos da II e da III Conferências do CELAM - Conselho Episcopal Latino americano e Caribe, considerando as influências que o Concílio e as realidades sociais, políticas e econômicas da América Latina de então tiveram sobre elas, a ponto de originar uma teologia inovadora, a Teologia de Libertação, que por conta de seu cunho *parresíástico* e profético gerou polêmica e rejeição em alguns segmentos eclesiais. Apresentaremos ainda um breve perfil de algumas das vozes proféticas martirizadas nas décadas de 60, 70 e 80, por terem tido coragem de denunciar a opressão e clamarem por justiça nos “anos de chumbo”.

Na seção intitulada: O Que é Preciso Mudar para Seguir o Caminho de Jesus, serão expostas algumas das posições eclesiais e teológicas defendidas no Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1985, especialmente a substituição gradativa da expressão “Igreja Povo de Deus” por “Igreja de Comunhão”.

Na sequência, serão apontados alguns comportamentos não conformes com os valores e ensinamentos deixados por Jesus de Nazaré, que ao serem praticados por membros da Igreja, tornam-se grandes obstáculos para uma profícua evangelização. Situação essa que suscita a seguinte questão: Como a teologia poderia contribuir com a Igreja para enfrentar os eventuais desvios dos valores evangélicos encontrados na estrutura eclesial?

Por último, e tomando por base um parágrafo da *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, que sinaliza os rumos que o Papa Francisco pretende dar à Igreja, *procuraremos* vislumbrar como o corajoso posicionamento do pontífice poderia influenciar a Igreja e o pensar teológico nos anos vindouros, dando ênfase à

expressão paulina de que, para uma autêntica evangelização, urge pregar com ousadia (*parrêsia*).

## CAPÍTULO I

### A *PARRESÍA* NA FILOSOFIA GREGA.

#### 1.1 A Compreensão Filosófica do Termo *Parresía*.

Antes de abordar a virtude da *parresía*<sup>1</sup>, é importante resgatar que a teologia, desde seus primórdios, tem utilizado conceitos filosóficos como um instrumental de importância capital para que o discurso sobre Deus, objeto da teologia, faça sentido à racionalidade, como atesta a Encíclica *Fides et Ratio*, de João Paulo II<sup>2</sup>. Por conta disso, serão utilizados alguns elementos dos estudos filosóficos de Michel Foucault para a realização da síntese entre essas duas áreas de saber. Tal escolha prende-se ao fato de o pensador francês se ter debruçado na última fase de sua vida, entre 1982 e 1984, sobre a temática da *parresía*, por compreendê-la como um caminho válido para a constituição do sujeito portador do discurso veraz, médium indispensável no acesso à verdade.

O termo *parresía*<sup>3</sup>, de origem grega, foi citado pela primeira vez por Eurípides (484-407 a.C.). Em língua portuguesa, de forma mais corriqueira, costuma ser

---

<sup>1</sup> Os autores das diversas fontes de pesquisa utilizadas para a produção deste trabalho traduzem o vocábulo grego *παρρησία* de diferentes formas, por exemplo: *parrésia*, *parrhésia* ou *parrhêsia*. Em decorrência disso, e com vistas a padronizar a leitura deste texto, optamos por utilizar tanto no corpo do trabalho como nas notas de rodapé a forma *parresía*, assim como faz Michel Foucault nas obras de sua lavra. As derivações do termo serão assim grafadas: *parresiasta*, *parresiástico*.

<sup>2</sup> A *Fides et Ratio*, décima segunda encíclica de João Paulo II, publicada em 1998, afirma em sua introdução que a fé e a razão são as duas asas que elevam o homem para a contemplação da verdade. Condição essa que o parágrafo 48, explicita com as seguintes palavras: “A razão sem a contribuição da Revelação, percorreu caminhos marginais com o risco de perder de vista a sua meta final. A fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. Com a razão enfraquecida, a fé corre o risco de ser considerada como mito ou superstição, por sua vez, a razão sem a fé torna-se incapaz de desvendar a radicalidade do ser. Em função do exposto, João Paulo II afirma: “a fé e a filosofia devem recuperar sua profunda unidade, cada qual com a sua autonomia, com a devida coerência entre as suas naturezas”. “Ao desassombro (*parresia*) da fé deve corresponder a audácia da razão”. (JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*, § 3.

<sup>3</sup> Em nome de uma maior clareza, é importante destacar que o termo *parresía* tem mais de uma conotação, motivo pelo qual Michel Foucault faz a distinção entre a “boa” e a “má” *parresía* com a seguinte argumentação: “Há dois tipos de *parresía* que devemos distinguir. Primeiro, há o sentido pejorativo da palavra não muito distante de “tagarelice” e que consiste em dizer qualquer coisa ou tudo que se tem à mente sem distinção. Esse sentido pejorativo ocorre em Platão, por exemplo, como uma

traduzido como franco falar, falar tudo ou falar verdadeiro<sup>4</sup>. Desse termo derivam dois outros: *parresíazesthai*, que significa portador do dizer verdadeiro e *parresiasta*, que identifica a pessoa que se expressa de forma verdadeira. Por conta do exposto, conclui-se que *parresiasta* é alguém que abre inteiramente tanto o seu coração como a sua mente para os seus interlocutores, dirigindo-se a eles com total franqueza<sup>5</sup>.

Outro fator distintivo da *parresía* está no fato de ela se associar a uma relação social específica na qual subsiste uma diferença no status social entre o falante e o seu interlocutor, o que faz com que todo aquele que se arrisque a se expressar

---

caracterização da má constituição democrática onde tudo mundo tem o direito de se dirigir aos seus concidadãos para lhes dizer qualquer coisa – mesmo as mais estúpidas ou perigosas coisas para a cidade. Esse sentido pejorativo é também achado mais frequentemente na literatura cristã, na qual tal *parresía* “má” se opõe ao silêncio como uma disciplina ou uma condição exigida para a contemplação de Deus. Como atividade verbal que reflete cada movimento do coração e da mente, a *parresía* neste sentido negativo é obviamente um obstáculo para a contemplação de Deus”. [...] Na maior parte do tempo, entretanto, a *parresía* não tem esse sentido pejorativo nos textos clássicos, mas antes o oposto. *Parresiesthai* significa “dizer a verdade”. Mas o *parresiástes* diz o que ele pensa ser a verdade, ou ele diz o que é realmente verdadeiro? Para mim, o *parresiástes* diz o que é verdadeiro porque ele sabe o que é o verdadeiro; e ele sabe que isso é verdadeiro porque é realmente verdadeiro. O *parresiástes* não é apenas sincero e diz qual é a sua opinião, mas sua opinião é também a verdade. Ele diz o que sabe ser verdadeiro. A segunda característica da *parresía* então é que há sempre uma exata coincidência entre a crença e a verdade [...]. (FOUCAULT, Michel. Discurso e Verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a *parresía*, p.5).

<sup>4</sup> No que tange à compreensão das categorias verdade e verdadeiro, Foucault faz uma distinção assaz interessante das conotações dadas às mesmas pelos filósofos gregos e os modernos, a partir de Descartes: “Mas o *parresiasta* diz o que ele pensa ser a verdade, ou ele diz o que é realmente verdadeiro? Para mim, o *parresiasta* diz o que é verdadeiro porque ele sabe o que *parresiasta* não é apenas sincero e diz qual é a sua opinião, mas sua opinião é também a verdade. Ele diz o que sabe ser verdadeiro. A segunda característica da *parresía* então é que há sempre uma exata coincidência entre a crença e a verdade. Seria interessante comparar a *parresía* grega com a moderna (cartesiana) concepção de evidência. Pois, desde Descartes, a coincidência entre crença e verdade é obtida através de uma experiência de evidência (mental). Para os gregos, entretanto, a coincidência entre crença e verdade não ocorre numa experiência (mental), mas numa atividade verbal, a saber, a *parresía*. Parece que a *parresía*, em seu sentido grego, não pode mais ocorrer em nossa estrutura epistemológica moderna. [...] Devo acentuar que nunca encontrei qualquer texto na cultura grega no qual o parresiasta parece ter qualquer dúvida sobre sua própria posse da verdade. E, inclusive, esta é a diferença entre o problema cartesiano e a atitude parrhesiástica. Pois, antes de Descartes obter a indubitável evidência clara e distinta, ele não está certo de que aquilo no que crê é, de fato, verdadeiro. (Ibidem, p.5-6).

<sup>5</sup> Vejamos a contribuição que Saly Wellausen nos dá para uma compreensão mais apurada do termo *parresía*: [...] É uma noção rica, ambígua, difícil na medida em que designa uma virtude, uma qualidade, um dever e a exigência de se fazer a prova de *parresía*; e por fim, é uma técnica, um procedimento, uma virtude, esse dever, essa técnica devem caracterizar a homem que se dispõe a dirigir os outros com o seu esforço, a fim de estabelecer uma relação com eles que seja uma relação adequada. A *parresía* é uma virtude, um dever e uma técnica que se deve encontrar naquele que dirige a consciência dos outros e o ajuda a constituir sua relação a si. (WELLAUSSEN. Saly. *A Parresía em Michel Foucault: um enunciado político e ético*, p.45).

francamente pode vir a sofrer pressões, ser castigado, perder benefícios adquiridos ou até mesmo a própria vida<sup>6</sup>. Inclusive, uma das virtudes que permitem distinguir um verdadeiro *parresiasta* é justamente a sua coragem em dizer algo que pode desagradar a alguém que é mais poderoso, podendo assim prejudicá-lo das mais diversas formas e até mesmo eliminá-lo, caso sintasse muito incomodado ou prejudicado pela palavra franca que lhe foi dirigida. Assim sendo, a coragem e a liberdade fazem parte do rol das qualidades morais indispensáveis de um *parresiásta*, o qual não se retrai ante os riscos envolvidos em sua enunciação. Logo, ter consciência do risco que se corre ao falar francamente é um dos elementos que faz de alguém um autêntico *parresiasta*<sup>7</sup>.

A despeito de a ideia de *parresía*, enquanto virtude e conceito, ser originária da cultura grega, ela também esteve presente no mundo semítico, podendo ser claramente percebida nos enunciados e na práxis de Jesus de Nazaré, como nos mostram os relatos evangélicos, questão que será retomada mais detalhadamente à frente com base no Evangelho de João.

Outro traço distintivo do *parresiasta*, e que atesta o seu compromisso com a verdade e sua qualidade moral, está no fato de ele não nutrir qualquer tipo de interesse pessoal na persuasão ou no convencimento alheio, isso porque sua única preocupação consiste em constituir um conhecimento relacional que seja capaz de

---

<sup>6</sup> Joseph Ratzinger, no tomo dois da trilogia Jesus de Nazaré, elenca algumas das ações parresiásticas de Jesus que fizeram com as autoridades judaicas planejassem matá-lo: [...] No início, obviamente, a aparição de Jesus e o movimento que ia se formando ao seu redor suscitavam pouco interesse nas autoridades do templo. [...]. A situação mudava com o Domingo de Ramos: a homenagem messiânica prestada a Jesus por ocasião de sua entrada em Jerusalém; a purificação do templo, com a palavra interpretativa que parecia anunciar o fim do templo enquanto tal e uma mudança radical do culto em contraste com os ordenamentos dados por Moisés; os discursos de Jesus no templo, em que se podia perceber uma reivindicação de autoridade plena, que parecia dar à esperança messiânica de Israel uma nova forma que ameaçava o seu monoteísmo, os milagres que Jesus realizava em público e o afluxo cada vez maior de pessoas que vinham ter com Ele; Todos esses fatos já não podiam ser ignorados [...] (RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da Entrada em Jerusalém Até a Ressurreição*, p. 155-156).

<sup>7</sup> [...] Existe *parresía* sempre que o dizer verdadeiro se diz com consequências cara para aqueles que dizem a verdade. A *parresía* não ao lado da estrutura interna do discurso, nem da finalidade que o discurso verdadeiro procura alcançar no interlocutor, mas está ao lado do locutor, ao lado do risco que o discurso verdadeiro abre para o locutor. A *parresía* está no locutor, a partir do efeito que ele produziu no interlocutor [...]. WELLAUSEN, Saly. (*A Parresía em Michel Foucault: um enunciado político e ético*, p. 61).

despertar uma mudança no modo de ser de seus ouvintes. Em outros termos, o discurso *parresiástico* é proferido com o intuito único de que o outro se constitua como o soberano de si mesmo através de uma reelaboração ética. Por conta disso, a parresía pressupõe uma relação de um indivíduo com o outro<sup>8</sup>.

O agir *parresiástico* do Nazareno – cristalizado em seus discursos, práticas e sinais – influenciou de tal modo seus discípulos a ponto de eles, em um primeiro momento, abandonarem suas famílias, trabalhos e negócios para seguirem-no (Mt 4,18). Posteriormente, doze deles foram constituídos como seus Apóstolos (Mc 3,13-14) os quais, após sua morte e ressurreição, deram prosseguimento ao trabalho do Mestre e fundaram a Igreja da qual mais adiante brotou a teologia.

Contudo, é importante frisar que o modo de vida de Jesus de Nazaré não foi aceito por todos os seus contemporâneos. E entre outros motivos, pelo fato de Jesus ter sido venerado e seguido por párias sociais e religiosos (pobres e impuros) embevecidos que ficaram por conta de sua pregação, milagres e a promessa de um reino futuro, no qual o rei governaria de forma amorosa e misericordiosa, pautada na defesa do direito e da justiça (Cf. Mc 3,7-12).

Em razão disso, a elite de Israel, composta entre outros por sacerdotes, escribas e fariseus, incitou o povo a conjurá-lo, desacreditá-lo, taxando-o de subversivo e blasfemo. Ações feitas com o firme propósito de entregá-lo ao poder romano para que fosse morto. Se por um lado, havia aqueles que compreendiam os sinais (milagres) realizados por Jesus como advento do Reino de Deus<sup>9</sup>, por outro, os

---

<sup>8</sup> Na Aula de 10 de março de 1982, ministrada no *Collège de France*, Foucault esclarece à sua assembleia aquilo que entende ser o propósito primeiro da parresía: “O objetivo da parresía é fazer com que, em um dado momento, aquele a quem se endereça a fala se encontre em uma situação tal que não necessite mais do discurso do outro. De que modo e por que não necessitará mais do discurso do outro? Precisamente, porque o discurso do outro foi verdadeiro. É na medida em que o outro confiou, transmitiu um discurso verdadeiro àquele a quem se endereçava que este então, interiorizando este discurso verdadeiro, subjetivando-o, pode se dispensar da relação com o outro”. (FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*, p. 340).

<sup>9</sup> A Constituição Dogmática *Dei Verbum* Sobre a Revelação Divina, no parágrafo dois, esclarece que: Aproveu a, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério de sua vontade ao homem, mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, Têm acesso ao Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina. [...] Esta “economia” da Revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades

detentores dos poderes político, econômico e religioso, sentiam inveja e medo de Jesus (Cf. Mt 27,18). E eram invejosos porque Ele arrastava multidões e também tinham medo dele porque trazia à luz seus atos abomináveis (Cf. Jo 13,18-19) e desmascarava as injustiças realizadas em nome de Deus e da Lei (Cf. Mt 21,28-32).

## 1.2 A *Parresía* Socrática.

Como será visto mais adiante, vários traços do agir de Jesus de Nazaré, expressos por intermédio de suas pregações e atos, podem ser compreendidos como *parresiásticos*, sem que com isso se corra o risco de se fazer afirmações levianas ou heréticas, e isso porquê o termo *parresía* não se encontra nos Evangelhos. E para que não restem dúvidas sobre isso, é oportuno e necessário buscar entender a origem desse termo e os valores que ele encerra, o que será feito com base em subsídios da filosofia grega clássica, trabalhados nos estudos do filósofo francês Michel Foucault.

Após a aproximação e breve aprofundamento do conceito de *parresía*, será possível constatar que mesmo que esse conceito proceda de um tempo e um espaço diferente daquele em que viveu o Nazareno, não existem empecilhos ou incongruências em se olhar para a sua caminhada a partir desse ponto de vista. Além do mais, deve ser considerado que um estudo mais aprofundado do franco-falar pode ser valioso em nossos dias, e isso por possibilitar uma análise crítica da práxis da Igreja, a qual cabe atuar no mundo seguindo estritamente o mesmo caminho trilhado por seu Mestre e Senhor, o que infelizmente nem sempre é feito a contento.

Uma primeira noção estudada e aprofundada por Michel Foucault o levou a enxergar em Sócrates os traços distintivos de alguém que pautou a sua existência como um compromisso pelo franco-falar<sup>10</sup>.

---

significadas pelas palavras enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido [...]. (Constituição Dogmática Dei Verbum, In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, p. 348-349).

<sup>10</sup> Nos escritos de Platão, Sócrates aparece no papel de *parresiasta*. Embora a palavra *parresía* apareça diversas vezes em Platão, ele nunca usa a palavra *parresiastas* – uma palavra que aparece tardiamente

Marca ainda fortemente tanto a imagem do filósofo grego como a do Profeta de Nazaré a posse de certas qualidades de caráter, tais como: a retidão moral, a coragem, a preocupação, o respeito para com o outro e o compromisso com a verdade. Em razão disso, mesmo que Foucault não tenha traçado um paralelo entre ambos, não há arbitrariedade alguma em utilizar-se de suas palavras para afirmar que tanto um como o outro podem ser considerados como autênticos *parresíastas*<sup>11</sup>.

Outro ponto de intersecção que o texto de Foucault em lide permite traçar entre Sócrates e Jesus de Nazaré refere-se ao fato de ambos terem considerado o franco-falar como uma espécie de dever, dever esse que mesmo sendo vivido livremente, levou-os ao limite de desprezarem o senso de autopreservação inerente à condição humana. A partir dessa constatação, Foucault distingue os tipos de discurso que podem ser compreendidos como *parresíásticos* dos que não podem<sup>12</sup>,

Até aqui foram mencionados alguns dos elementos próprios da *parresía* socrática, sem, no entanto ser dada mostras de como ela efetivamente se materializou, e para que isso possa ser feito, será empregado o Curso de Foucault, A

---

como parte do vocabulário grego. E embora o papel de Sócrates seja tipicamente *parresíástico*, pois ele constantemente confronta os atenienses nas ruas e, como observado na Apologia, mostra-lhes a verdade, ordenando-os a preocupar-se com a sabedoria, a verdade e a perfeição de suas almas. No Primeiro Alcibiades, Sócrates também assume um papel *parresíástico*, pois, enquanto todos os amigos e amantes de Alcibiades o adulam em sua tentativa de obter seus favores, Sócrates arrisca-se a provocar a ira de Alcibiades quando lhe conduz a esta ideia: que antes que Alcibiades seja capaz de realizar o que ele está tão empenhado em atingir, a saber, tornar-se o primeiro entre os atenienses a governar Atenas e se tornar mais poderoso que o rei da Pérsia, que antes que seja capaz de cuidar dos atenienses, ele deve primeiro cuidar de si mesmo. (FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*, p. 349).

<sup>11</sup> [...] Na concepção grega de *parresía*, entretanto, não parece haver problema quanto à aquisição da verdade, já que tal posse da verdade é garantida pela posse de certas qualidades morais: quando alguém tem certas qualidades morais, então esta é a prova de que ele tem acesso à verdade – e vice-versa. O jogo *parresíástico* pressupõe que o *parresíasta* seja alguém que tem as qualidades morais que são exigidas, primeiro, para saber a verdade, e segundo, para transmitir tal verdade a outros [...] (ibidem, p. 6).

<sup>12</sup> [...] Na *parresía*, dizer a verdade é considerado um dever. O orador que utiliza essa verdade, por exemplo, pode ser exilado, ou punido de alguma forma, é livre para manter o silêncio. Ninguém a força a falar; mas ele sente que é seu dever fazer tal. Quando, por outro lado, alguém é compelido a dizer a verdade (como, por exemplo, sob a coerção de tortura), então seu discurso não é um proferimento *parresíástico*. Um criminoso que é forçado por seus juízes a confessar seu crime não usa a *parresía*. Mas se voluntariamente confessa seu crime a alguém sem o sentido de obrigação moral, então ele realiza um ato *parresíástico* para criticar um amigo que não reconhece seu erro, ou na medida em que é um dever para com a cidade ajudar um rei a melhorar a si mesmo como um soberano. (Ibidem, p. 8-9).

*Coragem da Verdade: O Governo de Si e dos Outros II*, ministrado por ele no *Collège de France*, nos anos de 1983 e 1984.

Na primeira hora da aula de 15 de fevereiro de 1984, são relatados e analisados dois momentos em que o franco falar socrático se manifesta de forma inequívoca. No primeiro deles, Foucault aponta os riscos da utilização da *parresía* na época da democracia grega, referindo-se ao fato de Sócrates manifestar-se contrário à predisposição de uma assembleia popular, desejosa de condenar à morte alguns generais das *Arginusas* (batalha naval ocorrida no ano de 406 a.C. na guerra do Peloponeso).

Tais comandantes estavam sendo julgados por terem abandonado os cadáveres de seus comandados após uma vitória em batalha, o que foi considerado por seus concidadãos como um ato de impiedade e gesto político duvidoso. No segundo momento, Foucault faz alusão a outro fato, porém esse não ocorrido em um regime democrático, mas sim durante o transcurso de um governo autocrático, quando Sócrates foi arrolado como testemunha de acusação e pressionado a mentir e a colaborar com o governo despótico e sanguinolento dos Trinta, para a condenação de um inocente<sup>13</sup>.

Partindo daqueles fatos, ocorridos no período da democracia ateniense, Foucault, além de tecer algumas considerações a respeito da *parresía*, enumera

---

<sup>13</sup> [...] Há, portanto na assembleia pessoas que fizeram uma queixa contra os generais das *Arginusas*. O que fez Sócrates, então? “Fui o único dos pritanes a vos enfrentar para vos impedir de violar a lei, fui o único a votar contra vosso desejo. A Assembleia condenou efetivamente os generais das *Arginusas* e Eles foram executados. Pois bem, a despeito do fato de que toda a assembleia era favorável a essa condenação, eu, diz Sócrates, “votei contra o vosso desejo”. “ Em vão os oradores [partidários da condenação dos generais; M.F.] se diziam dispostos a me processar, a me deter, e vós os convidáveis a isso [Diz Sócrates ao povo de Atenas; M.F.] com vossos gritos, eu estimava que o meu dever era enfrentar o perigo com a lei e a justiça, em vez de me associar a vós em vossa vontade de injustiça, por temer a prisão e a morte”. Temos aí um exemplo que prova que, na democracia, corre-se um risco de morte querendo dizer a verdade em nome da justiça e a lei. Mas ao mesmo tempo que mostra que se corre efetivamente esse risco, Sócrates mostra também que ele afrontou efetivamente esse perigo e desempenhou papel típico do parresiasta político. É verdade que a *parresía* é perigosa, mas é verdade também que Sócrates teve a coragem de afrontar os riscos dessa *parresía*. Ele teve a coragem de tomar a palavra, teve a coragem de dar uma opinião adversa diante de uma Assembleia que procurava calá-lo, processá-lo, eventualmente puni-lo. [...] (FOUCAULT, Michel. *A Coragem da verdade II: o cuidado de si e dos outros II*, p.68).

certos perigos decorrentes do cultivo dessa virtude para aquele que se dispõe a colocá-la em prática.

Já no que concerne ao exercício da *parresía* em um regime oligárquico, Foucault ressalta a atitude de Sócrates que, em nome da verdade e da justiça, arriscou sua vida com inusitado destemor.

Neste episódio, Sócrates deixa claro que não teme morrer por dizer a verdade, mas que se afastou da política porque ela o levaria rapidamente à morte. Paradoxalmente, Sócrates deixa antever que não é por medo da morte que ele se afasta da política, mas porque vivo ele é mais útil aos atenienses. Essa proposta ele levará a cabo até o momento em que não poderá mais resistir aos malogros de seus inimigos. Por assumir a *parresía*, de forma destemida e recorrente, Sócrates foi condenado à morte sob a acusação de corromper a juventude ateniense e de questionar as divindades da polis.

### **1.3 A Mestria Socrática e a Constituição do Sujeito.**

Como explicitado anteriormente, o exercício virtuoso da fala franca, a despeito dos riscos potenciais impostos àqueles que a cultivam, foi um valiosíssimo instrumento na luta pela preservação da justiça e da integridade dos cidadãos na Grécia de Sócrates e na manutenção da estrutura da polis. Todavia, os benefícios advindos do franco-falar não se resumem à esfera política, mas também às esferas ética e espiritual.

No que diz respeito à constituição do sujeito ético, a prática da *parresía* se faz notar na relação mestre-discípulo, e isso porque ninguém forma o seu próprio caráter sem o auxílio do outro, em especial o mestre. Como costuma dizer Foucault, na constituição de sua própria beleza (estética da existência), o outro é indispensável. Assim, lançar mão da *parresía*, é uma “técnica” utilizada pelo bom mestre, como feito por Sócrates. Ela, a fala franca, é um instrumento eficaz para que um discípulo se conheça cada vez mais, e assim, possa tanto desenvolver as suas potencialidades

como corrigir suas imperfeições e, ao se conhecer mais profundamente, passe a cuidar melhor de si e dos outros.

Na prática pastoral, a possibilidade de desenvolver a direção de consciência nos moldes da técnica aplicada pelo pensador ateniense, com a utilização da *parresía* é bastante enriquecedora. Na teologia, a relevância de se estudar a virtude da *parresía* socrática sob o olhar aguçado e perspicaz de Michel Foucault, possibilita um maior conhecimento do teólogo em sua missão de contribuir para o aprimoramento das práticas pastorais em nossos dias.

Porém, antes de se ater ao estudo da direção de consciência praticada por Sócrates, é necessário enumerar algumas das características distintivas de sua fala franca, empregada para a promoção e o aperfeiçoamento de seus pupilos. Quanto a isso, Foucault relembra que o franco-falar não permite bajulações, falsos elogios ou qualquer outro subterfúgio de comunicação que possam ser prejudiciais ao desenvolvimento de um aprendiz<sup>14</sup>.

Para elaborar um quadro com as características de Sócrates que permitem identificá-lo como um adequado mestre na direção de consciências, Foucault recorre a diversos textos da literatura grega clássica, sendo um deles o *Laques* (ou sobre a coragem) de Platão, no qual dois de seus personagens centrais, Lisímaco e Melésias, filhos de dois generais importantes de Atenas, comprometem-se a utilizar-se da *parresía* para confessarem que a despeito de sua nobre descendência não haviam conseguido realizar nada de muito importante em suas vidas. E em função disso, sem

---

<sup>14</sup> [...] Na tradição socrático-platônica, a *parresía* e a retórica estão em forte oposição; e esta oposição aparece muito claramente no *Górgias*, por exemplo, onde a palavra *parresía* ocorre. O discurso longo e contínuo é um artifício retórico ou sofisticado, enquanto o diálogo por meio de questões e respostas é típico da *parresía* [...] A oposição entre *parresía* e retórica também atravessa o *Fedro* – no qual, como vocês sabem, o problema principal não é sobre a natureza da oposição entre fala e escrita, mas concerne à diferença entre o *logos* que fala a verdade e o *logos* que não é capaz de tal dizer da verdade. Essa oposição entre *parresía* e retórica, que é tão nítida no século 4 a.C. através dos escritos de Platão, irá durar por séculos na tradição filosófica. Em Sêneca, por exemplo, encontra-se a ideia de que as conversas pessoais são o melhor veículo para o falar franco e o dizer da verdade, na medida em que se pode dispensar, em tais conversas, a necessidade de artifícios retóricos e ornamentação. E mesmo durante o século 2 d.C. a oposição cultural entre retórica e filosofia é ainda muito clara e importante. (FOUCAULT, Michel. *Discurso e Verdade: conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a parresía*, p.10).

reservas, revelam-se inteiramente a dois generais famosos e respeitados, para que esses falassem francamente o que pensavam sobre aqueles. Além do mais, os generais deveriam, por terem saído vitoriosos de inúmeras batalhas, definir objetivamente o que viria a ser a coragem. Porém, esse último objetivo não foi alcançado nem mesmo por Sócrates, que a despeito disso, foi convidado e aceitou a tarefa de atuar como mestre dos jovens, que ao final do diálogo diz que todos deveriam procurar cuidar de si próprios e de seus filhos. Assim, nesse momento do texto, surge o conceito de *epimeleia heautou* ou “cuidado de si”, que permite enxergar, por intermédio da figura *parresiástica* de Sócrates, os atributos necessários àqueles que atuam como mestres, naquilo que tange ao problema do cuidado de si.

Antes de discorrer propriamente sobre o cuidado de si é importante destacar que o tema da educação da juventude ateniense permeia todo o referido texto, cuja preocupação central gira em torno da seguinte questão: É melhor delegar essa tarefa a um mestre sofista, que não se mostra compromissado com a verdade ou a um mestre *parresiasta* como Sócrates, que pauta as suas ações pedagógicas inteiramente no franco-falar em vista do desenvolvimento integral de seus discípulos? É justamente na busca de uma resposta para tal dilema, que ao analisar o Laques, Foucault faz uma clara diferenciação entre os dois estilos de mestria e os seus implementadores<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> [...] Dois homens idosos, Lisímaco e Melésias, estão preocupados com o tipo de educação que deveriam dar a seus filhos. Ambos pertencem a eminentes famílias atenienses: Lisímaco é o filho de Aristides, “o Justo”, e Melésias é o filho de Tucídides, “o Ancião”. Mas, embora seus próprios pais fossem ilustres em suas próprias épocas, Lisímaco e Melésias não realizaram nada de muito especial ou glorioso em suas próprias vidas. E [...] Usam a *parresía* para admitir isso publicamente. E eles também se perguntam: “Como é que, de tão bons *genos*, de tão boas procedências, de tão nobres famílias, ambos eram incapazes de se notabilizarem?” Claramente, como suas próprias experiências demonstram que ter um bom berço e pertencer a uma nobre casa ateniense não é o suficiente para dotar alguém com a aptidão e a habilidade para assumir um papel ou uma posição proeminente na cidade. Eles imaginam que algo mais é necessário, a saber, a educação. Mas que tipo de educação? [...] As técnicas educacionais que estavam sendo propostas nessa época normalmente lidavam com vários aspectos da educação, por exemplo, a retórica (saber como se dirigir a um júri ou uma assembleia política), várias técnicas sofisticadas e amiúde a educação e treinamento militares. [...] E todas as preocupações políticas, sociais e institucionais com a educação, que, no contexto geral desse diálogo, se relacionam com o problema da *parresía*. No campo político, vimos que havia uma necessidade de que o *parresiasta* pudesse falar a verdade sobre as instituições e decisões políticas, e o problema era saber como reconhecer tal falante da verdade. Em sua forma básica, o mesmo problema reaparece agora no campo da educação. Pois se a própria pessoa não é bem-educada, como

No cenário nebuloso do Laques e de suas muitas interrogações, em um determinado momento, Foucault traz à baila Estesilao, personagem que representa, no que concerne ao ensino das artes militares, um modelo de ensino (mestria) entendia por ele como sofista<sup>16</sup>.

Muito embora as habilidades de Estesilao fossem diversificadas e incontestáveis, o fato de tal habilidade não ter sido efetivamente posta à prova no calor de uma batalha, faz com que Nícias e Laques tenham pontos de vista díspares quanto ao valor daquele mestre para uma boa preparação dos soldados atenienses. Situação essa que Foucault analisou como veremos.

Diante de tamanha dúvida, por fim, os dois generais consideram-se incapazes para dar uma resposta adequada à questão que lhes fora posta, e em decorrência disso, convocaram Sócrates, por razões eminentemente práticas.

Foucault apropriou-se do trecho acima do Laques para que pudesse, em seu entender, destacar as características indispensáveis a uma eficaz direção de almas. E como no contexto do Laques Sócrates, por conta de sua verve *parresiástica*, é a única personagem que detinha os predicados necessários para tanto, os generais acabaram por aceitar interagir com ele<sup>17</sup>.

---

pode então decidir o que constitui uma boa educação? E se o povo deve ser educado, deve receber a verdade de um professor competente. Mas como podemos distinguir os bons professores, falantes da verdade, dos maus ou desnecessários? (Ibidem. p. 58-59).

<sup>16</sup> [...] Estesilao – um homem que afirma ser um professor de hoplomachia, ou a arte de lutar com armadura pesada. Esse professor é um atleta, técnico, ator e artista. O que significa que embora seja muito habilidoso no manuseio de armas, ele não usa sua habilidade para, de fato, lutar contra o inimigo, mas somente para fazer dinheiro, dando performances públicas e ensinando os jovens. O homem é um tipo de sofista das artes marciais. (Ibidem, p. 59).

<sup>17</sup> [...] O discurso de Nícias descreve o jogo *parresiástico* de Sócrates sob o ponto de vista de alguém que é “testado”. [...] Aqui temos um jogo *parresiástico* que requer uma relação pessoal, cara a cara. Assim, o começo da citação afirma que: “quem quer que entre em muito estreito contato com Sócrates em uma discussão e dele se aproxime cara a cara” [...] Nessa relação com Sócrates, o ouvinte é conduzido pelo discurso de Sócrates. [...] Aqui, o ouvinte é levado pelo logos socrático a “dar um relato” – *didonai logon* – de si mesmo, “do modo como atualmente passa seus dias e ainda do que haja feito em seu passado”. [Porém] [...] nunca o vemos pedindo um exame de consciência ou uma confissão dos pecados. Aqui, dar um relato da sua própria vida, seu *bios*, tampouco é dar uma narrativa dos eventos históricos que acontecerem em suas vidas, mas, de fato, demonstrar se é capaz de mostrar que há uma relação entre o discurso racional, o logos, que é capaz de usar, e o modo que vive. Sócrates está investigando o modo que o *logos* dá forma ao estilo de vida de uma pessoa, pois ele está interessado em descobrir se há uma relação harmônica entre os dois. Mais à frente, no mesmo diálogo,

As ações de direção realizadas por Sócrates em favor do desenvolvimento de seus discípulos é o que permite reconhecê-lo legitimamente como um *basanos*, isto é, como uma “pedra de toque”, adjetivo atribuído a alguém que tem a capacidade de testar o grau de acordo entre a vida de uma pessoa e seu princípio de inteligibilidade do *logos*<sup>18</sup>.

A leitura dos trechos do Laques selecionados e analisados por Foucault permite perceber como a direção praticada por Sócrates foi de importância capital para modificar os rumos existenciais de seus discípulos, fazendo com que eles, com o tempo se tornassem capazes de, mesmo sozinhos, cuidarem melhor de si mesmos pelos restos de suas vidas. E tal conquista, em grande parte, foi o resultado do zelo com que o mestre deles, Sócrates, teve para com a condução de seus pupilos, que após um período de direção, se tornaram responsáveis pelo próprio aprendizado e educação. Nota-se com isso que, na atuação socrática, havia um procedimento que capacitava seus interlocutores a descobrirem a verdade sobre eles mesmos, isto é, a relação entre seu *bios* com seu *logos*<sup>19</sup>.

Mais à frente, e guardadas as devidas proporções de tempo e espaço, poderemos aferir o quanto a mestria de Jesus também foi decisiva para o desenvolvimento pessoal e espiritual de seus discípulos.

---

(190d-194b), por exemplo, quando Sócrates pede a Laques que dê o motivo de sua coragem, ele não quer uma narrativa das façanhas de Laques na Guerra do Peloponeso, mas que Laques tente expor o logoi que dá inteligibilidade racional à sua coragem. O papel de Sócrates então é pedir o relato racional da vida de uma pessoa. (Ibidem p. 61-62).

<sup>18</sup> [...] A palavra grega *basanos* refere-se à “pedra de toque”, isto é, uma pedra preta usada para testar a legitimidade do ouro através do exame do risco deixado na pedra quando “tocada” pelo ouro. Similarmente, o papel “*basânico*” de Sócrates o permite determinar a verdadeira natureza da relação entre o *logos* e o *bios* daqueles que entram em contato com ele. (Ibidem, p. 62)

<sup>19</sup> Saly Wellausen, com muita propriedade e clareza, esclarece a relação existente entre *parresía* e *bios*: “Com Sócrates, a problemática da *parresía* toma a forma de um jogo entre *logos*, (verdade) e *bios* (vida) na esfera de uma relação pessoal de aprendizado entre duas pessoas, e a verdade que o discurso *parresiasta* revela é o tipo de relação que alguém tem com a verdade: como essa pessoa se constitui em alguém que deve alcançar a verdade e com sua relação com a verdade se manifesta ética e ontologicamente em sua própria vida. *Parresía*, por sua vez, se torna uma característica ontológica do *basanos*, cuja relação harmônica com a verdade pode funcionar como uma pedra de toque. O objetivo dos exames que Sócrates conduz em seu papel de pedra de toque, é então testar a específica relação que há entre a existência de um indivíduo com a verdade”. (WELLAUSEN, Saly. *A Parresía de Michel Foucault: um enunciado político e ético* p. 88-89).

#### 1.4 O Olhar de Michel Foucault Sobre a Verdade.

Mesmo que a visão de Michel Foucault a respeito da verdade não coadune com a visão bíblico-teológica expressa por Mateos e Barreto, como veremos adiante, o que decorre do fato de o filósofo francês não compartilhar da compreensão teológica da verdade, pelo fato de ela encerrar conotação metafísica, ele jamais negou a existência da verdade nem afirmou que todo conhecimento seria relativo ou arbitrário.

Os estudos de Foucault, em vez levá-lo a crer em verdades transcendentais, imutáveis e absolutas, levaram-no a defender aquilo que denominou de normas de veridicção, ou seja, de possibilidades de verdade. Desse modo, em sua concepção, verdadeiros são os fatos singulares, capazes de serem comprovados por provas documentais. Partindo dessa lógica, ele entendia que seria mais relevante estudar aquilo que se mostra verídico do que propriamente as diferentes teorias sobre a verdade.

Ao se debruçar sobre o tema da verdadeira vida, *aléthés bios*, Foucault toma por base a filosofia dos cínicos, de Platão e de outros pensadores gregos. Por meio desses estudos, esse autor conseguiu discernir quatro estruturas que lhe deram uma noção bastante clara a respeito daquilo que poderia ser aceito como verdade na época clássica<sup>20</sup>.

Partindo dessas quatro referências sobre a verdade, Foucault explica que tais entendimentos não são aplicáveis unicamente às proposições e aos enunciados, mais

---

<sup>20</sup> a) *a-alethés*, segundo a estrutura negativa do termo, é o não escondido, o não dissimulado, é o que é dado ao olhar em sua inteireza, o que é completamente visível;

b) *alethés* é o que não recebe nenhuma adição ou suplemento ou que não sofre nenhuma mistura de outra coisa que não seja ele mesmo; o que não é alterado por um elemento que lhe seria estranho e que lhe alteraria ou terminaria por dissimular o que ele realmente é;

c) *alethés* é o que é direito (*euthús*: direto), em oposição ao que se desvia ou é plissado; neste sentido: “dir-se-a pois, com toda naturalidade, que uma conduta, uma maneira de fazer são *aléthai* na medida em que são retas, conformes à retidão, conformes ao que é preciso”.

d) *a-lethés* é o que existe e se mantém além de toda a mudança, o que mantém sua identidade, sua imutabilidade e incorruptibilidade. (FOUCAULT, Michel. *A Coragem da Verdade*, p. 193).

também à forma de ser e fazer, em outras palavras, da forma como alguém se conduz e age<sup>21</sup>.

Ao tomar por base os elementos levantados por Foucault e aplicá-los à pessoa de Jesus de Nazaré, tal qual nos apresentam as narrativas dos textos evangélicos, é possível perceber uma perfeita conexão entre as palavras proferidas pelo Nazareno e a sua práxis, como já comentado. Em razão disso, mesmo que a sua natureza divina não fosse considerada, o que é inconcebível ao olhar da teologia, a coerência de vida apresentada entre suas palavras e ações é argumento suficientemente forte para aqueles que, em qualquer lugar e momento, se identificam com o seu projeto seguirem-no e se tornarem seus discípulos.

Analisando outro aspecto, a maneira visceral e verdadeira por meio da qual Jesus se empenhou em instaurar o Reino, levou-o a combater tenazmente os ímpios de seu tempo, motivo mais do que suficiente para angariar ferozes inimigos, ansiosos para desacreditá-lo e exterminá-lo. Logo, todo aquele que se proclama discípulo de Jesus, em seu nome prega e ensina, para que possa ter credibilidade deve, obrigatoriamente, seguir o mesmo Caminho do Mestre, pois no caso de negar-se a percorrê-lo, estará certamente fadado ao descrédito e ao fracasso.

\*\*\*

---

<sup>21</sup> [...] O *logos alethés* não é simplesmente um conjunto de proposições que são exatas e podem receber valor de verdade. O *logos alethés* é uma maneira de falar na qual, primeiramente, nada é dissimulado, na qual, em segundo lugar, nem o falso, nem a opinião, nem a aparência vem se misturar ao verdadeiro; [em terceiro lugar], é um discurso reto (*droit*), um discurso que é conforme as regras e à lei, e, enfim, o *alethés logos* é um discurso que permanece o mesmo, não muda, não se corrompe nem se altera, nem pode nunca ser vencido, nem revertido, nem refutado. (Ibidem, p.193).

## CAPÍTULO II

### A PARRESÍA NAS TRADIÇÕES BÍBLICAS.

#### 2.1 YHWH, O Deus Verdadeiro da Tradição Bíblica.

Ensina-nos a Constituição Dogmática Dei Verbum, que IAHWEH, o verdadeiro Deus de Israel e dos patriarcas, Abraão, Isaac e Jacó, e também dos profetas, revelou-se na história, na qual sempre caminhou e agiu em favor dos seus, por meio de ações e palavras (DV 2) e deles cuidando, amparando e protegendo de toda sorte de agressões e sofrimentos.

Conduto, antes de se discorrer sobre a noção do que seria o Deus verdadeiro para o povo judeu, é de suma importância termos uma ideia, mesmo que de passagem, das diferentes acepções que derivam do conceito de verdade, seja no universo filosófico ou na mentalidade do antigo povo de Israel, E para tanto, recorreremos a uma contribuição de Gustavo Gutierrez, dada em sua obra de 1990, *A Verdade nos Libertará*.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> [...] A palavra verdade evoca facilmente em certos meios cristãos o sentido que a filosofia lhe dava. Nesse contexto, a verdade está na essência das coisas, e a ela chegamos por meio da relação entre a coisa e a ideia que fazemos dela, se houver conformidade entre a realidade e o conceito, estamos na verdade. É um enfoque legítimo de tipo intelectual, para muitos, característico do mundo grego, que deixou a sua marca na história da filosofia ocidental. [Bem outra é a significação de verdade na mentalidade semita em que a Bíblia se insere. O termo hebraico que traduzimos por verdade (emet e semelhantes, que traduzimos por amém) implica firmeza, fidelidade, confiabilidade, lealdade. É uma perspectiva concreta, histórica, que se situa no mundo do interpessoal, no qual o que acontece tem tanto ou mais importância que aquilo que é. [...] Mais precisamente, trata-se na escritura de uma relação não entre a coisa e o conceito, e sim entre a Promessa e o Cumprimento. Tal relação é fundamental, por isso alguns quiseram ver nela o tema central em torno do qual seria possível construir uma teologia do Antigo Testamento e até de toda a Bíblia. Seja como for, o certo é que a dialética promessa-cumprimento fala de uma referência primeira a Deus, coloca-nos no âmbito de uma relação entre pessoas e não entre coisas e conceitos. Trata-se de uma revelação de Deus na história mediante a realização de sua promessa de amor e redenção. Nesse amplo leque está compreendida a noção veterotestamentária da Aliança e o estabelecimento da nova Aliança por Jesus [...]. (GUTIERREZ. Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*, p. 114-115).

Diferentemente de outros deuses de então, como por exemplo, Baal ou e Marduk<sup>23</sup>, que se colocavam ao lado dos poderosos, YHWH, sempre se postou ao lado dos mais fracos, trilhando assim os caminhos dos desprotegidos e marginalizados, ou seja, dos pobres, que eram ignorados, desprezados, marginalizados e até mesmo perseguidos pelas autoridades políticas e religiosas do antigo Israel. Pobres esses que tinham a sua mais evidente representação na pele dos levitas, dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros, os quais, em decorrência de seu mais absoluto desamparo, despertavam a misericórdia do Senhor, razão pela qual eram especialmente protegidos por sua Lei, a qual determinava que recebessem e necessária guarida da sociedade. Esse partidarismo de Deus pelos pobres é evocado em muitas das passagens do Antigo Testamento, a exemplo de Dt 26,13, onde se lê: *“Tu dirás diante de YHWH teu Deus: “tirei de minha casa o que estava consagrado e o dei ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, conforme todos os mandamentos que me ordenaste”. Não transgredi nem esqueci os teus mandamentos”*. Isso indica que aquilo que hoje exala ares de modernidade, e se conhece por “questão social”, há muito estava presente no contexto do AT.

---

<sup>23</sup> Renold J. Blank, no livro Deus na História apresenta um perfil recorrente em outras divindades do mundo mesopotâmico que permitem realizar uma clara distinção entre eles e IAHWEH, vejamos: [...] Quando se analisam os deuses anteriormente mencionados como possíveis pretendentes a serem o Deus verdadeiro, percebe-se um fato exponencial: todos eles apresentam uma característica bem acentuada em comum. Eles, na sua época, estavam do lado do poder, sustentavam o poder vigente da época, dando prestígio a esse poder, e por causa disso, eles mesmos tinham prestígio. “A atividade do culto muitas vezes envolvia o rei de alguma forma, e apoiava o seu poder e a ordem existente como a vontade declarada dos seres divinos” [...] O agir deles era temido, e quem falava deles sabia que devia tomar cuidado para não ofender senhores tão poderosos [...] Os deuses sustentavam o poder, e o poder das classes dominantes sustentava-se se nele. Assim, garantia-se a permanência do poder político e, ao mesmo tempo, a continuação do culto da divindade. (BLANK, Renold J. *Deus na História*, p. 19-21).

A caracterização do Deus de Israel como o grande defensor dos menos favorecidos foi expressa por Blank por intermédio da utilização do termo *go'el*<sup>24</sup>. Que apresenta características únicas<sup>25</sup>.

Outro autor que contribui grandemente para a aproximação de uma noção mais adequada de Deus é Andres Torres Queiruga, que busca resgatar nos textos veterotestamentários aquilo que denomina de “*O caráter histórico e pessoal de lahweh*”, e para tanto, ele procura fugir de uma imagem de Deus que seja abstrata, ou pior ainda, construída a partir de medidas e referências particulares. E para afastar-se de tal perigo, esse Autor trabalha no sentido de trazer à luz aquelas que são as características mais marcantes do Deus de Israel, que são a justiça de Deus<sup>26</sup> e o seu explícito partidarismo em favor dos pobres<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> Segundo o dicionário eletrônico “abiblia.org”, as funções básicas do *go'el* são as seguintes: [...] Os membros da família em sentido amplo devem uns aos outros ajuda e proteção. A prática particular desse dever é regulada por uma instituição da qual se encontram formas análogas em outros povos, por exemplo, entre os árabes, mas que, em Israel, toma uma forma particular, com um vocabulário especial. É a instituição do *go'el*, palavra procedente de uma raiz que significa “resgatar, reivindicar”, e, mais fundamentalmente, “proteger”. A obrigação mais grave do *go'el* israelita é a de assegurar a vingança de sangue, na qual se descobre uma lei do deserto. O sangue de um parente deve ser vingado mediante a morte do que o derramou ou, na falta desse, com a morte de alguém de sua família; no interior do grupo não há lugar para a vingança de sangue, mas para o castigo ou expulsão do culpado. Os árabes dizem: “Nosso sangue foi derramado.” Esse dever pesava primitivamente sobre todos os membros da tribo, e sua extensão permitia determinar os limites do grupo tribal. [...] (HOLTHMAM, Ivete. Qual o significado da Palavra Vingador de Sangue?).

<sup>25</sup> [...] A característica de Deus defensor dos despojados, dos excluídos, dos marginalizados e de todos aqueles que não têm mais ninguém que os defenda impõe de maneira insistente desde o início da história da revelação. Começando com as primeiras experiências de um grupo de seminômades na região de Ur. [...] Chegando ao cume em Jesus Cristo, encontramos Deus engajado na defesa daqueles que não tem mais apoio nenhum, nem das instituições, dos poderosos e, em muitos casos, nem das autoridades religiosas. De todos eles, o próprio Deus assume a defesa: contra os poderosos inimigos políticos e sociais no decorrer da história de Israel, contra as instituições e, em não poucos casos, até contra as autoridades religiosas, quando dentro do próprio povo tinham-se tornado estruturas de exclusão. (BLANK, Renold J. *Deus na História*, p.140).

<sup>26</sup> [...] A justiça de *lahweh* não é neutra: olha sempre para baixo, tem caráter de proteção e de defesa para o inocente injustamente tratado. [...] O espírito religioso de Israel compreendeu que a presença de Deus na sociedade dos homens supunha necessariamente um impulso salvador para todo necessitado. Salvador até diante da própria justiça humana, porque o mais das vezes a justiça legal transforma-se também na institucionalização da injustiça exercida pelo mais poderoso, pelo mais forte [...]. (QUEIRUGA, Andres Torres. *Do Terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma nova imagem de Deus*, p.271).

<sup>27</sup> [...] Deus não só defende os pobres e os humildes, mas une o destino deles a seu próprio destino histórico. Porque ao colocar-se ao lado deles, rejeitando os ricos e poderosos, ele submete-se à rejeição e à marginalização com que o poder e a riqueza exercem a sua prepotência no mundo O Destino de Jesus, “lançado fora do acampamento” (Hb 13,13), torna cruel e gloriosamente visível essa decidida e consequente identificação de Deus [...]. (Ibidem. p.273).

Apesar de a Igreja, em diversos documentos magisteriais professar a sua preferência pelos pobres, na prática, infelizmente, isso não acontece, situação criticada acidamente por Queiruga<sup>28</sup>.

Em outro momento de sua busca por uma noção mais apurada da imagem de Deus, o Autor em foco esclarece que a despeito do partidarismo de Deus em favor dos pobres, nenhum homem ou mulher está alijado de seu amor incondicional. Contudo, Deus, em hipótese alguma, aceita a exploração de um ser humano por outro<sup>29</sup>.

Outra questão relevante evocada e condenada por Queiruga diz respeito à deturpação da imagem de Deus, mormente quando empregada de maneira distorcida para a justificação de atos de impiedade, o que se agrava ainda mais quando tal deturpação parte de meios religiosos<sup>30</sup>.

Esta sucinta apresentação de algumas das características distintivas do Deus de Israel, embora não exaustivas, são suficientes para o objetivo deste trabalho, na

---

<sup>28</sup> [...] O estranho é que essa constatação evidente se veja obrigada a conviver com uma realidade não menos evidente: a de que apesar de tudo, a mesma Igreja que proclama a opção pelos pobres, não é uma Igreja dos pobres. E não o é nem em nível prático, pois não são os pobres que determinam a vida eclesial, nem em nível teórico, pois, no momento de precisar o que se entende por essa opção, surgem inevitavelmente reservas, discussões, desconfianças e tergiversações [...]. Existe, evidentemente, todo um aspecto prático, que de forma obscura, mas eficaz, condiciona a atitude e enturva a visão. Vai dos interesses descarados daqueles que não querem ver claro porque não lhes convém, a “má fé” e aos obscuros medos que em todos nós – mais ou menos bem instalados, apesar de tudo – suscita sempre o tema da pobreza real e de seu conseqüente chamado ao compromisso efetivo. (Ibidem, p. 279-280).

<sup>29</sup> [...] Pai e mãe de todos, ele não pode senão querer o bem e a igualdade para todos. As desigualdades o ferem em seu amor e negam a sua paternidade real. Qualquer desigualdade, isto é, qualquer crescimento de um homem à custa de outro homem, vai diretamente contra sua intenção e contradiz o próprio núcleo de sua obra no mundo. Se a simples consideração de qualquer pai humano decente ou de qualquer mãe não desnaturada não bastasse para torná-lo evidente, está aí toda a *pregação profética*, para comprová-lo. Quando o assentamento na terra acirra as desigualdades sociais, a proliferação dos abusos, os profetas – justamente em nome de Deus salvador entrevisto no Êxodo – levantam-se em defesa de todo tipo de oprimido: do pobre e do injustiçado, do órfão e da viúva, do escravo e da estrangeira. A energia inflexível de tal pregação é bem conhecida, não só em sua força moral, como também em sua conseqüência lógica. Recordemo-lo: “Ele julgou a causa do pobre e do indigente. Não é isso conhecer-me? – Oráculo de Iahweh” (Jr 2,16) [...]. (Ibidem, p. 282).

<sup>30</sup> [...] Horrível é que o homem abuse do homem rompendo o plano de Deus, mas mais horrível ainda é que para isso tome o próprio Deus como testemunha e tente torná-lo cúmplice. E é justamente o que acontece quando a injustiça social é sancionada religiosamente: a quem foi roubado pela sociedade e expulso às margens da miséria é dito, ainda por cima, que isso é castigo divino por seu pecado, que é Deus que assim o quer. Uma deformação monstruosa, que constitui o pano de fundo do protesto dos evangelhos: “pobre” era “pecador” e porque pecador. [...] (Ibidem, p. 284).

medida em que elas também estão presentes na pessoa de Jesus de Nazaré, e manifestas explicitamente em suas ações e palavras, pois, como afirma o Quarto Evangelho: “*Quem me vê, vê o Pai*” (Jo 14.10). Em decorrência disso, fica fácil perceber que toda a luta de Jesus em defesa dos menos favorecidos derivou de sua inteira consonância com o projeto salvífico e libertador daquele que o enviou.<sup>31</sup> E ao conhecer tal realidade a Igreja, enquanto povo de Deus e corpo de Cristo devem lutar com coragem, *parresía*, para defender tais princípios, impedindo que eles sejam falseados ou se percam.

## **2.2 A *Parresía* Profética do Antigo Testamento.**

### **2.2.1 Miquéias, um Profeta em Luta pelo Direito e a Justiça.**

Antes de se avançar sobre o ministério profético de Miquéias, é necessário traçar um breve perfil desse profeta. O nome Miquéias significa “Quem pode ser como Deus. O livro canônico de Miqueias ocupa a terceira posição nos livros dos ditos “profetas menores”, denominação atribuída aos livros proféticos de pequenas dimensões, o que não reduz em nada a importância dessa personagem. Além de seu próprio livro, que se desenvolve em 12 partes, Miquéias também é citado

---

<sup>31</sup> Os relatos evangélicos não deixam margem para dúvidas. Na atitude de Jesus, vibra uma indignação que tem raiz na reivindicação da honra de Deus, diante dessa horrível deformação. De fato, aí se concentram suas indignações, que são quase sempre uma defesa do “pobre” social diante sua “demonização” por parte dos dirigentes religiosos. Os “felizes os pobres” e o elevar a sua evangelização a emblema de sua missão é critério de chegada do reino (Lc 14, 18-21). [...] é isso que se deduz do “estilo do Deus” anunciado por Jesus e do seu reino. [...]. Prescindindo de possíveis matizes, fica evidente que aqui se anuncia algo profundamente verdadeiro e que não deixa espaço para dúvidas sobre a orientação do Deus pregado por Jesus e de seu amor gratuito, compreensivo e salvador. O que possui além do mais uma consequência de fundamental importância: é impossível chegar ao Deus verdadeiro sem passar, de alguma forma, pelo caminho dos pobres. A tal ponto que alguém pôde escrever que: “fora dos pobres não há salvação”. Não só porque, como afirmou Puebla (n, 1147), “*Os pobres nos evangelizam*”, mas também porque só eles permitem que nos realizemos efetivamente como filhos e irmãos. [...] (Ibidem, p. 284 – 286).

expressamente em Jr 26,18, Eclo 48,10 e, indiretamente, no Novo Testamento, em Mt 4,2. Muito provavelmente, nosso profeta viveu nos tempos de Isaias, que talvez o tenha obscurecido. Diferentemente daquele profeta, que era frequentador da corte ou da elite, Miqueias foi um homem simples do povo e do campo, o que muito provavelmente o levou a defender destemidamente a população campestre dos exploradores urbanos, conforme Mq 6,9: “É a voz de lahweh! Ela grita à cidade!”. É possível que Miquéias não teria sido um profeta profissional, mas sim um homem do campo, cujos oráculos teriam sido proferidos em idade avançada, na Judá do século VII a.C., período em que a Mesopotâmia era dominada pelo reino Assírio<sup>32</sup>. O Profeta era oriundo da pequena Moressete-Gate, que de acordo com a Bíblia de Jerusalém, distava entre trinta e dois e quarenta quilômetros de Jerusalém. A despeito de ser oriundo de Judá, no Reino do Sul, seus oráculos também foram direcionados aos samaritanos, no Reino do Norte.

De modo especial, sua mensagem profética condenou as injustiças sociais então praticadas e permitidas pelas lideranças políticas e religiosas de seu tempo. Pois, para ele a fé do povo em Deus deveria resultar em justiça social.

Em decorrência do exposto, serão analisados ligeiramente os três pontos considerados centrais em seu ministério profético, a saber: a crítica inflamada contra os líderes nacionais, por fomentarem a desigualdade social entre ricos e pobres; a mercantilização do sagrado, encabeçada pelos sacerdotes, e por último, as admoestações dirigidas contra a alienação de seu povo, que se acomodou ante aos abusos cometidos sem denunciá-los. John Brighth, em *A História de Israel*, pinta um ligeiro quadro que nos permite, ao mesmo tempo, conhecer a situação vivida em Judá no tempo de seu ministério e o modo como suas palavras francas e destemidas foram acolhidas por seus contemporâneos<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Conforme Sicre, este período de Miquéias foi o século áureo da profecia em Israel e que Miquéias estava no período do “surto profético”. (Apud. RAMOS NETO. João Oliveira. Miquéias Um Profeta Relevante, Ontem e Hoje, p.3).

<sup>33</sup> [...] Os ataques de Miquéias seguiam o padrão profético clássico, com ênfase, talvez devido as suas origens humildes, nos abusos socioeconômicos e particularmente na opressão dos proprietários rurais de Jerusalém. Parecia a Miquéias que Jerusalém era sob todos os aspectos tão má quanto Samaria, merecendo igualmente o juízo de Deus (9 1,2-9), pois lá ele viu homens gananciosos desapropriando os pobres (2,1ss.8ss), governantes corruptos que não faziam justiça e eram culpados de cruel opressão (3,1-3,9-11) e um clero que não abria a boca porque a sua única preocupação era viver (3,5-11).

Situações análogas àquelas vividas pelo profeta em questão, ainda hoje, são chagas abertas, sinais da insensibilidade política e econômica que vitimam milhões de filhos de Deus por todo o globo, e de forma mais corriqueira e severa, as populações mais carentes, condição em que se enquadra, por exemplo, muitos países da América Latina<sup>34</sup>.

O ministério de Miqueias desenrolou-se no período dos reinados de Joatão, Acaz e Ezequias, momento em que Israel e toda a Mesopotâmia, como já citado, encontravam-se sob o domínio assírio. Particularmente no transcorrer do reinado de Ezequias, 745-717 a.C., Israel passou por um momento de significativa prosperidade econômica, motivada principalmente pelo fato de aquela nação ter vivido um de seus raros momentos de paz no cenário internacional. Prosperidade essa passível de ser atestada na passagem de 2 Rs 20,13, na qual Ezequias apresenta seus tesouros ao soberano da Babilônia: *“Ezequias ouviu os mensageiros e lhes mostrou o quarto de tesouros, a prata, o ouro, o óleo precioso, bem como o seu arsenal e tudo que havia nos seus armazéns. Não houve nada em seu palácio ou em todo o seu reino que Ezequias não lhes mostrasse”*.

Se a realidade da realeza era marcada pela riqueza e opulência, uma parcela significativa da população que habitava o Reino do Sul vivia mergulhada quase que na miséria provocada por uma cruel concentração de renda e sua consequente má

---

Miqueias denunciou tudo isso veementemente, e não lhe agradeceram pelo trabalho (2,6)! Contudo, com admiração, ele viu que seu povo, certo das promessas incondicionais da teologia oficial e confiante de que lahweh habitava em seu meio, não sentiu medo de perigo (3,11). A resposta de Miqueias a isso foi uma desassomburada mensagem de condenação. Apegado como era às tradições do javismo primitivo, ele considerava essa iniquidade como uma violação dos preceitos da aliança, que lahweh certamente vingaria [...]. BRIGHT. John. *História de Israel*, p. 355.

<sup>34</sup> [...] Não é preciso estendermo-nos na descrição da pobreza na América Latina e no mundo. é um mundo de “Lázarus “ no sentido absoluto da pobreza: Há um bilhão e 300 milhões de seres humanos que têm de viver com menos de um dólar por dia, o que significa uma grave mal para a espécie humana. Em linguagem teológica, são “as macroblasfêmias de nosso tempo, nas palavras de Casaldáliga, que, para um crente, são de uma profundidade teológica comparável às da cruz: “Meu Deus, meus Deus, por que me abandonastes”?!”. [...] Por isso, e para sacudir consciências, permitam-me esclarecer isso com um exemplo tomado do âmbito da indústria do futebol [...], pois bem, os três jogadores melhor pagos do mundo, um inglês, um francês e um brasileiro, que jogam na mesma equipe da Espanha, ganham por ano 42 milhões de dólares, enquanto o orçamento da área de San Salvador, com 1.821.532 habitantes, é de 45,6 milhões de dólares. É o agravo comparativo, insultante e impudico aos pobres, o fracasso da família humana. Em linguagem teológica é o fracasso de Deus em sua criação. (SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres Não Há Salvação*, p.52.).

distribuição, fato condenado pelo Profeta, uma vez que é justamente contra as injustiças praticadas pelos “príncipes de Jacó” que ele se volta peremptoriamente: “*E eu digo: ouvi, pois, chefes de Jacó e dirigentes da casa de Israel! Por acaso não cabe a vós conhecer o direito, a vós que odiais o bem e amais o mal, que lhes arrancais a pele e a carne de seus ossos? Aqueles que comeram a carne do meu povo, arrancaram-lhe a pele, quebraram-lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela e como vianda dentro do caldeirão. (Cf. Mq 3, 1-3).*

No tocante aos sacerdotes e os falsos profetas, promotores da mercantilização do sagrado, Miquéias tratava-os como a mesma dureza com que se reportava aos líderes políticos de Jerusalém, como mostra a narrativa de Mq 3,11: “*Seus chefes julgam por suborno, seus sacerdotes decidem por salário e seus profetas vaticinam por dinheiro*”.

Se as autoridades estatais e religiosas de Jerusalém se corrompiam, com a população em geral as coisas não eram nada diferentes. Fato considerado grave na concepção do profeta moldada pelos preceitos da Lei Mosaica, que entendia ser de responsabilidade dessa parcela da sociedade revoltar-se e criticar os atos de injustiça social praticados. Todavia e como agravante, os maus exemplos dados pelas elites contaminavam as classes populares, que ao se tornarem injustas e corruptas, agiam de forma fraudulenta em seu dia a dia, tanto no comércio como nas demais atividades. Desvios de conduta condenados por Miquéias com as seguintes admoestações: “*É a voz de lahweh! Ela Grita à cidade: teu nome verá o sucesso. Escutai, tribo e assembleia da cidade. Posso suportar uma medida falsa, tesouros iníquos um efá diminuído, abominável? Posso considerar quites as balanças falsas, uma bolsa de pesos falsificados? (Cf Mq 6,9-11).*

Como visto, por ser um legítimo arauto do Senhor, Miquéias não se calava diante de nenhum tipo de injustiça, independentemente de onde ela partisse. E em decorrência disso, ninguém era poupado de suas reprimendas, já que fora escolhido por Deus com o propósito único de fazer ecoar a Palavra dele, e não para ser conivente com os dirigentes locais, os sacerdotes ou o povo, como faziam os falsos

profetas. Posto que esses últimos, visando o prestígio social e outras benesses propalavam mentiras, e como bajuladores e áulicos do poder, só diziam aquilo que seus interlocutores gostariam e esperavam ouvir. No entanto, por não retornarem ao caminho do Senhor, os falsos profetas expunham-se a uma infinidade de infortúnios futuros.

A profecia de Miquéias, centrada na luta pelo direito e pela justiça, é atualíssima ainda hoje. Pois, do mesmo modo que os habitantes de *Moressete-Gate*, pobres trabalhadores do campo, eram espoliados pelos prósperos latifundiários de Jerusalém, em pleno século XXI, a gritante assimetria econômica existente entre países pobres e ricos, provocada pela ganância de um materialismo desmedido, provoca a fome, a doença e a morte que dizimam continentes inteiros<sup>35</sup>, Quadro dantesco que para ser mudado depende em grande medida de uma palavra corajosa e profética, que quando necessária, não pode se acovardar. Assim, como sinal do verdadeiro amor a Deus e respeito aos ensinamentos do Evangelho a Igreja não pode esquecer a sua essência profética, para que não corra o risco de sair de seu Caminho<sup>36</sup>. Quanto à mercantilização do sagrado, tal desvio não se restringiu unicamente ao tempo de Miquéias, pois, nos dias de hoje, também não faltam

---

<sup>35</sup> “Há muita riqueza no mundo, mas, há mais injustiça, a África foi chamada de ”o calabouço do mundo”, uma *shoá* continental. 2 bilhões e 500 milhões de pessoas sobrevivem na terra com menos de dois euros por dia e 25 mil pessoas morrem diariamente de fome, segundo a FAO, a desertificação ameaça a vida de um bilhão e 200 milhões de pessoas numa centena de países”. (SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p.70).

<sup>36</sup> [...] Amor a Deus e amor ao próximo representam suas dimensões fundamentais do Evangelho de Cristo. Algumas das tensões que vivemos na Igreja originam-se na forma enviesada com que interpretamos a relação entre essas duas exigências. Há quem enfatize o amor de Deus de modo a representar a relação com o próximo como algo secundário que se adiciona ao que é realmente importante. Nesta perspectiva é difícil apresentar a relevância da inserção histórica do cristão, bem como as exigências que lhe vêm do órfão da viúva e do estrangeiro. [...] (GUTIERREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*, p. 180 -181).

lideranças religiosas que comercializam o sagrado ou pessoas que se aproximam de uma religião como alguém que procura adquirir um produto qualquer na prateleira de um supermercado. E quando isso acontece, o que se busca não é mais do que a resolução imediata de problemas diversos. Entretanto, quando a religião passa ser vista como mercadoria ela se esvazia e deixa de contribuir para o crescimento humano, seja na esfera moral ou na espiritual.

A escassez ou carência crônica de vozes proféticas como a de Miquéias, em nossa Igreja deixa as pessoas sem referências sólidas e capazes de dar sentido às suas vidas e apontar o autêntico caminho de Deus, que não tem como ser trilhado sem um real compromisso com o próximo, e de modo especial com os menos favorecidos.

### 2.2.2 Jeremias, Paradigma da *Parresía* Profética.

Jeremias é um dos quatro profetas maiores do Antigo Testamento, seu livro, o 24º da Bíblia, tem 52 capítulos. A Bíblia de Jerusalém relata que Jeremias nasceu na pequena Anatot, localizada cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. que descendeu de família sacerdotal, cujo pai era Hilquias. Jeremias foi chamado ao exercício do ministério profético ainda muito jovem, nos tempos do reinado de Josias, o mais promissor dos reis da dinastia davídica, que trabalhou em prol de uma reforma religiosa em conformidade com as normas estabelecidas no livro de Deuteronômio. Porém, antes de levá-la a termo, esse rei foi morto em uma batalha contra os egípcios, em 609 a.C.

Jeremias é conhecido como o profeta das lágrimas, por conta dos muitos lamentos emitidos em favor da população miserável de Judá<sup>37</sup>. Ele profetizou entre os anos de 685 e 616 a. C., num dos períodos mais conturbados da história de Israel, momento em que seu povo afastou-se de Deus e trilhou caminhos desastrosos. Faleceu no Egito, na condição de exilado.

Esse profeta foi escolhido para compor este trabalho por ser um dos grandes exemplos *parresiásticos* do Antigo Testamento, derivado de sua coragem<sup>38</sup>. Jeremias, ainda hoje, a despeito de ter vivido há muitos séculos atrás, é um exemplo a ser seguido pelos cristãos de hoje, especialmente nestes dias em que a religião católica tem deixado de ser uma fonte de referência válida para muitos, e isso porque nem

---

<sup>37</sup> Rosemary F. Neves, Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás, em um pequeno artigo intitulado O profeta-servo do exílio da Babilônia a partir do segundo canto do Servo de YHWH, por meio de um ligeiro resumo, traça um perfil interessante a respeito de Jeremias e da comunidade na qual ele exerceu o seu ministério proféticos: profeta-servo foi um vocacionado de Deus que viveu no meio do povo sofrido e fez a experiência de Deus por meio da dor e do sofrimento dos exilados e teve a coragem de anunciar a esperança de libertação. Com a experiência de Deus esse profeta tornou-se o defensor da Aliança, pois percebia que o povo agia contra a Aliança. Com isso o profeta-servo exigia do povo uma mudança de vida. Nesse sentido o profeta-servo tinha a missão de proferir a profecia que perpassava pelos caminhos da justiça, solidariedade e mística. (NEVES. Rosymary Francisca. O Profeta-servo do Exílio da Babilônia a Partir do Segundo Canto do Servo de YHWH, p.1).

<sup>38</sup> A luta pela justiça sempre levava o profeta ao confronto com o rei, porque o profeta cobrava deste a observância da Aliança, que devia ser cumprida dentro do território confiado ao rei, como realização do projeto de Deus. (Ibidem, p.4).

todos aqueles que se dizem cristãos, independentemente de serem leigos, clérigos ou religiosos não dão testemunhos de vida compatíveis com os ensinamentos e exemplos dados por Jesus de Nazaré.

Para entendermos um pouco mais o ministério profético de Jeremias, é indispensável que, mesmo de passagem, se conheça alguns aspectos do contexto político/religioso em que ele viveu. Naquilo que diz respeito à esfera política, o Profeta foi chamado por Deus para denunciar os desvios então verificados nessa área e, assim, mostrar os corretos rumos para uma política de restauração nacional. Judá. Por conta de seguidas insurgências dos reis da terra contra os babilônicos à época de seu ministério, Israel sofria forte repressão por parte dos invasores. Mesmo assim, seus alertas e exortações não foram bem recebidos por parte das lideranças políticas de então. Razão pela qual, a despeito da grandiosidade de sua vocação profética, em vez de ser ouvido foi desprezado e perseguido pelas elites locais<sup>39</sup>.

No concernente à religiosidade, Jeremias mostrou-se um crítico severo da classe sacerdotal, acusada por ele de ignorar o pobre, o órfão e o estrangeiro, mesmo praticando atos religiosos (Cf. Jr 5,31; 6,13; 8,10 e 34.18-19). Por sua vez, as palavras parresiásticas de Jeremias faziam contraponto ao descalabro religioso, representado pelas práticas religiosas sem sentido e alienadas da realidade. Jeremias.

Em razão de ter uma origem sacerdotal, nosso Profeta conhecia a postura leviana dos líderes religiosos de seu tempo. E em decorrência disso, seu grande desejo era fazer com que o seu povo voltasse às antigas tradições do Deuteronômio, livres de idolatrias e com independência política. Contudo, para que tal objetivo fosse alcançado, uma reforma no coração de sua gente era imprescindível, algo que apenas o exílio poderia trazer.<sup>40</sup> A partir desse quadro desolador, Deus fez de Jeremias um

---

<sup>39</sup> [...] Jeremias, foi testemunha ocular e participante desses anos tempestuosos, em que Judá lutava para manter a sua independência dentro dos fluxos e contrafluxos da ambição imperial dos estados vizinhos. O livro descreve vividamente a paranoia, os interesses concorrentes dos grupos pró-babilônicos e pró-egípcios, a disputa entre “falcões” e “pombas” em Judá. (APUD PONTES. Edimilton de Carvalho. *Vocação e Crise Profética: uma leitura pastoral a partir de Jeremias*, p.22).

<sup>40</sup> A respeito do castigo profetizado por Jeremias, por conta da desobediência do povo de Judá à Lei, John Bright comenta: “Nenhuma personagem mais enérgica ou mais trágica subiu ao palco de Israel do que o profeta Jeremias. Sua voz era a voz autêntica do Javismo mosaico, falando, por assim dizer, extemporaneamente para a nação nas agonias da morte. Sua missão, durante toda a vida, foi dizer, uma e repetidas vezes, que Judá estava condenada, e que esta condenação era o julgamento justo de Iahweh pela violação da aliança por parte de Judá”. (BRIGHT, John. *História de Israel*. p. 401).

instrumento para viabilizar seu plano salvífico, cabendo assim ao Profeta bradar e exortar seus conterrâneos a abandonarem a injustiça e praticar os mandamentos de Deus. Naquilo que tangia às lideranças, Jeremias entendia que caberia a elas incentivarem a prática da Lei, conforme Jr 22,13.

Em decorrência de sua coragem e franqueza, o Profeta foi objeto de múltiplas injustiças, xingamentos, surras, prisões e ameaças de morte<sup>41</sup>, por atuar como um autêntico *parresiasta*. A despeito de ter passado por períodos de crise<sup>42</sup>, os muitos obstáculos que se fizeram presentes em seus caminhos não foram suficientes para fazê-lo desistir de anunciar a Palavra de Deus.

Narra a Escritura (Jr 1,1ss. 3.1), que o Profeta das Lágrimas foi escolhido por Deus para levar a termo uma missão específica: profetizar para a sua nação que se afastara dos preceitos da Aliança<sup>43</sup> e da justiça divina<sup>44</sup>. Para que se tenha uma ideia

---

<sup>41</sup> Várias passagens da Bíblia de Jerusalém relatam as provações pelas quais o Profeta passou por conta de suas denúncias destemidas, seguem algumas delas: foi desprezado por seu próprio povo, Jr 12,5; foi ferido e preso, Jr 20,1-2; 33.1; sofreu solidão, Jr. 15.17; foi duramente provado no calabouço, Jr. 38,6; sofreu com falsidades, Jr. 18,18. 20.9,10 e correu risco de morte, Jr. 26.1 ss.

<sup>42</sup> [...] Jeremias é o personagem dentre os profetas do Antigo Testamento do qual mais temos informações. Em vários dos seus textos temos declarações a respeito das dificuldades para a sua pregação e as suas orações diante de Deus, expressando a palavra, mesclada com as suas dúvidas, inquietações e temores. [...] A vida humilde e a dura atividade rural produziram em Jeremias a capacidade de enfrentar a oposição de seus adversários, mas em contrapartida reverbera uma personalidade melancólica de constante inadequação à atividade pública. [...] (PONTES. Edimilton de Carvalho. *Vocação e Crise Profética: uma leitura pastoral a partir de Jeremias*, p 23).

<sup>43</sup> Rosemary F. Neves, no artigo citado, dá-nos uma ideia do papel desempenhado por Jeremias na defesa da Aliança que Deus firmou com o seu povo: A experiência que o profeta fazia de Deus, era sempre relacionada com o Deus de seus pais, que trazia consigo a lembrança de tudo o que Deus fez no passado e oferecia olhos para entender e atualizar o seu sentido. O profeta, nesse contexto, tornou-se a memória do povo. Uma memória que recordava as coisas que incomodavam e que ele, (o povo sofrido, escravizado, o povo escolhido do Deus de Israel) gostaria de nunca lembrar como, por exemplo, o êxodo (Ex 22,20). Essas memórias que o profeta trazia com ele eram o que ajudavam o povo a identificar se de fato era um verdadeiro profeta ou um falso profeta. [...] Esse profeta, por meio da experiência de Deus, tornou-se o defensor da Aliança, era alguém que cobrava do povo um compromisso, uma postura de fidelidade à Aliança. Ele encarnava as exigências da Aliança ou da Santidade de Deus, exigia fidelidade e pedia a observância prática da Lei de Deus. [...]. A experiência feita pelo profeta era norteadada pela Santidade de Deus, pois experienciava aquilo que o povo deveria ser e não era. Por meio dessa experiência, o profeta percebia quando o povo agia contra a Aliança e exigia do povo uma mudança de vida. Foi a partir dessa experiência do Deus do povo e do povo de Deus que nasceu no profeta a consciência de sua missão. Nesse momento, ele começou a gritar e anunciar a profecia de Deus. Ao denunciar as injustiças, o profeta estava anunciando o amor de Deus e o apelo à conversão. (NEVES. Rosymary Francisca. *O Profeta-servo do Exílio da Babilônia a Partir do Segundo Canto do Servo de YHWH*, p.3).

<sup>44</sup> O caminho da justiça acontecia quando tudo respondia à vontade de Deus. Nesse caso o profeta tinha como missão manter o povo organizado conforme a Aliança proposta por YHWH. Esse profeta não aparecia falando do nada nem era um pregador de teorias, mas denunciava bem claramente as

mais clara a respeito da grandiosidade dessa missão, faz-se necessário resgatar a origem do vocábulo profeta, *nabi*, do hebraico, derivado do verbo *dabar*: dizer, falar. Tal origem permite depreender que ser profeta significa ser um arauto, um mensageiro de Deus, isto é, um portador de uma mensagem divina. Conduto, para que alguém pudesse ser considerado como profeta era necessário possuir certas características, capazes de distinguir um profeta verdadeiro, como foi o caso do próprio Jeremias, de um falso profeta<sup>45</sup>. De acordo com a Sagrada Escritura, o profeta verdadeiro é aquele que falava em nome do Senhor, ver Is 38,1; Jr 12,14; Ez 22,12. Assim sendo, a expressão: “*Assim diz o Senhor*”, caracterizava um profeta autêntico, pois, caso um profeta falasse em seu próprio nome ou em nome de algum deus que não fosse YHWH, passava, automaticamente, a ser considerado como um inimigo da Aliança. Além disso, conforme 1Sm 3,19,20, uma profecia verdadeira não poderia cair por terra. O verdadeiro profeta era aquele que tinha intimidade com Deus, Gn 18,17; tinha autoridade incontestada, assim como Natã, 2 Sm 1,15. No tocante às virtudes, um verdadeiro profeta deveria ter: coragem, Ez, 2.6; Inflexibilidade, Ez 3,8-9; vigilância, Ez 3.17-19; atenção, Ez 3.10; Dt 18.20.

Independentemente do local e da época em que atue, e por ser ele um profundo conhecedor das realidades de seu tempo, o profeta de ser um tenaz e incansável combatente, cuja luta deve se dar em nome da fidelidade à missão que lhe foi atribuída por Deus. Em consequência disso o profeta genuíno enfrenta incompreensões, escárnio, perda de prestígio, prisão, castigos etc., percalços esses que devem ser enfrentados e valentemente suportados, pois só assim ele se torna capaz de cumprir

---

injustiças e ainda ousava apresentar as causas das injustiças. É verdadeiramente fiel à mensagem de Deus. (APUD NEVES. Rosymary Francisca. O Profeta-servo do Exílio da Babilônia a Partir do Segundo Canto do Servo de YHWH, p. 4).

<sup>45</sup> Assim como acontece na atualidade, no tempo do AT também existiam profetas autênticos e falsos. Por conta disso, Haroldo Reimer apresenta alguns critérios bastante úteis para e separar o “joio do trigo” nessa esfera, como segue: [...] No seio de Israel existiam basicamente dois tipos de profetas, os profetas da corte ou ligados a algum santuário (profissionais) e os profetas independentes (vocacionados). Os profetas profissionais ocupam postos vinculados à liderança política da nação, estavam à disposição dos reis, orientando-os segundo os oráculos divinos. Os profetas vocacionados, em sua maioria, exerceram grande influência em Israel. Geralmente não estavam ligados a pressupostos políticos ou sociais nem vinculados a algum grupo que pudesse influenciar a sua profecia. De modo especial, estes homens profetizavam sem respaldo político ou social [...]. (REIMER, Haroldo. Profetismo. APUD PONTES. Edimilton de Carvalho. Vocaçào e Crise Profética: uma Leitura Pastoral a Partir de Jeremias, p.16).

sua tarefa, assim como aconteceu com Jeremias, que terminou seus dias no exílio, e a tudo suportou em nome de sua inquebrantável fidelidade a Deus<sup>46</sup>.

Mesmo não sendo feita de forma aprofundada, a aproximação feita ao agir *parresíastico* de Miquéias e Jeremias, é suficiente para que tenhamos uma ideia de como o franco-falar e o profetismo estão umbilicalmente unidos. Afinal, não é possível que alguém seja reconhecido como profeta se não tiver a coragem necessária para enfrentar de forma audaz todos os desafios inerentes à sua missão.

Em qualquer tempo e lugar, o embate pelo direito e a justiça sempre provocará choques entre justos e injustos, opressores e oprimidos, entre fortes e fracos. Para comprovar isso basta uma rápida olhada na história para vermos que os detentores do poder não costumam predispor-se voluntariamente a abrir mão de seus privilégios, para diminuir a dor e o sofrimento dos necessitados. Até porque muitos dos pobres são mantidos na pobreza justamente para que os poderosos tenham mordomias e desfrutem de coisas supérfluas.

É contra esse estado de coisas ignóbil e cruel que os verdadeiros profetas se põem em guarda diferentemente dos falsos, que por serem uma farsa, aboletam-se à sombra dos poderes estabelecidos, apropriando-se do nome de Deus em benefício próprio sem o menor escrúpulo. Miquéias e Jeremias, por serem portadores de palavras e ações verdadeiras, ao se comportarem diferentemente dos falsos profetas, a um só tempo, nos ensinam e advertem a respeito da postura que devemos adotar, já que nos consideramos como verdadeiros membros da Igreja Cristo.

---

<sup>46</sup> [...] Como resultado da missão se espera a salvação do seu povo, a restauração daqueles que viviam em estado de alienação à vontade de Deus. O profeta será um instrumento de salvação, mas antes será reconhecido como perdição. Somente com o tempo o povo poderá compreender as profecias de Jeremias como ações salvíficas. No momento, qualquer atitude diferente da lógica política em vigor será interpretada como traição, principalmente para os líderes. Mas, como profeta verdadeiro, Jeremias permanecerá até o fim, ainda que ele mesmo tenha que sofrer, para provar o amor de Deus ao povo. Jeremias sabia das implicações do seu chamado. Este conhecimento impossibilitava a sua argumentação de inadequação. Ele é o profeta escolhido para levar a Palavra de Deus, e toda recusa se torna contraproducente ao agir de Deus [...]. (PONTES, Edimilton de Carvalho. *Vocação e Crise Profética: uma Leitura Pastoral a Partir de Jeremias*, p.29).

Exemplos proféticos como os de Miquéias e de Jeremias, e mais propriamente de Jesus de Nazaré<sup>47</sup>, precisam ser urgentemente resgatados. Creio que o resgate da palavra veraz no Cristianismo, a exemplo da palavra profética dirigida ao antigo Israel, é fundamental para que o Cristianismo retorne à sua vocação inicial, a saber: ser sinal de esperança para milhões de pessoas que vivem sob o jugo da dominação.

### **2.3. A *parresía* de Jesus de Nazaré na Perspectiva Joanina.**

Mesmo que em nenhum dos vinte e um capítulos do Quarto Evangelho o termo *parresía* não seja mencionado uma única vez, a perfeita sintonia entre a pregação e a práxis de Jesus apresentada nesse livro, aliada ao destemor com que Ele enfrentou as injustiças e os ímpios de seu tempo, permitem reconhecê-lo como um autêntico *parresiasta*, assim como também foi Sócrates a seu tempo, que preferiu a morte por envenenamento a ter que mentir e ser injusto com um inocente.<sup>48</sup>

Nesse sentido, uma ligeira análise dos termos gregos *logos* (discurso) *ergon* (obras) e *alétheia* (verdade) largamente empregados no texto Joanino para apresentar aos seus leitores o modo ser de Jesus de Nazaré no que tange seus ditos e ações

---

<sup>47</sup> [...] A respeito do inquestionável profetismo de Jesus, José Comblin faz as seguintes afirmações: Jesus tinha consciência de ser um profeta. Entendeu a sua missão dentro das categorias da religião de Israel e identificou-se com os profetas. Entre ele e os profetas do Antigo Testamento, embora havendo diferenças, as semelhanças eram tão grandes que ele atribuiu a si próprio o título de profeta – do mesmo modo que também lhe foi atribuído pelo povo. Jesus sabia que tinha sido enviado pelo Pai como profeta. No povo de Israel, os profetas eram uma categoria bem conhecida e bem definida. Era um modo muito especial de ser homem. Jesus era profeta. Como profeta podia ser reconhecido e identificado pelo povo. Sem essa identificação ele não teria sido nada. Jesus estava em continuidade com os profetas de Israel. Não somente era um profeta semelhante a eles, mas realizou o modelo – o exemplo perfeito de profeta. Desse modo os profetas da antiga Lei foram vistos como precursores, como preparações do papel profético de Jesus. Nessa condição, Jesus inaugurou um novo jeito de ser profeta – que passa a ser modelo e que perdura até hoje. Jesus está no centro da história do profetismo. Ninguém foi igual a ele, mas todos se referiram ou se referirão a ele como profeta [...]. (COMBLIN, José. *A Profecia na Igreja*, p. 52).

<sup>48</sup> Na aula de nove de fevereiro de 1983, na segunda hora, Foucault descreve o que denomina de “resistência individual do filósofo”, ao narrar a perseguição feita contra Sócrates, motivada por sua recusa de participar de um processo jurídico ilegal que culminaria na prisão de um inimigo político dos detentores do poder. Tal fato evidência o perigo no qual incorre todo aquele que faz o uso corajoso da verdade ante o poder. (FOUCAULT, Michel. *O Governo de Si e dos Outros*, p. 197,198).

permitem aferir o seu perfil *parresiástico*. No caso do vocábulo *logos*, os autores Juan Mateos e Juan Barreto explicam que esse termo, contido no prólogo do Quarto Evangelho, além de complexo é polissêmico, pois pode ser traduzido como: palavra, projeto formulado, discurso, dito e mensagem. Apesar dessa diversidade de sentidos, aqui, por conta da proposta de estudo, não nos ocuparemos de todas as suas significações.<sup>49</sup>

Em Jo 1,1, o evangelista afirma que a palavra ou verbo (*logos*), originou-se do próprio Deus que, por intermédio dela, criou tudo o que existe, e de modo especial o homem. Sendo que esse, além de criado, foi salvo por ela. Em suma, na concepção joanina, a Palavra de Deus é a fonte primeira da qual emana a vida, sendo por isso o mais inequívoco sinal do amor divino. Já em Jo 1,15 é dito que a Palavra de Deus deu-se a conhecer como luz que se difunde e ilumina o homem, para que esse conheça a vontade e o projeto divinos.<sup>50</sup>

Tendo em vista a salvação da humanidade, a Palavra de Deus já havia sido dirigida aos homens por múltiplas vias<sup>51</sup>, e dentre outras pela lei mosaica e pelos profetas. No entanto, foi apenas com a encarnação do Verbo, Jesus de Nazaré, que a Palavra de Deus tornou-se absoluta e relativizou todas as demais palavras anteriormente dirigidas aos homens<sup>52</sup>. Em suma, é possível afirmar que o Quarto Evangelho se propõe a provar que o discurso de Jesus é mensagem verdadeira e não um mero discurso, retórica vã proferida apenas com o fito de atrair a atenção para si ou de tornar sua palavra popular.

---

<sup>49</sup> (Cf. MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*, p. 225).

<sup>50</sup> [...] A Palavra não era apenas a expressão do projeto, mas o veículo da vontade criadora de Deus: por isso mediante ela existiu tudo, e sem ela não existiu coisa alguma do que existe [...]. (Ibidem, p. 225).

<sup>51</sup> [...] Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus ultimamente, nestes nossos dias, por meio do seu Filho (Hb 1,1-2). DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum §4, p 350.

<sup>52</sup> E essa Palavra que se torna realidade humana Jo 1,14. Jesus assume assim todos os aspectos desta Palavra; ao longo do evangelho, em que Jo explica o significado da pessoa e atividade de Jesus [...] Jesus como projeto realizado que possui a plenitude da vida é o Homem (o Filho de homem/ a expressão suprema do homem) e o Filho de Deus, Jo 1,34,51, expressão de Deus, como um filho igual a seu pai (1,14). (MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise lingüística e comentário exegético*, p.226).

No caso do vocábulo grego *ergon*<sup>53</sup> (obras) o evangelista o emprega especialmente para comprovar o conteúdo das pregações de Jesus. Assim sendo, em um primeiro momento Jesus dirige-se aos seus seguidores por intermédio de sua pregação (*logos*) e anuncia-lhes o projeto salvífico de Deus, do qual Ele é o realizador. Em segundo lugar, suas obras, ou sinais, como consta no texto joanino, comprovam aquilo que havia sido anunciado previamente.

Os aludidos autores, para sustentar a sua tese, pinçam e apontam diversas características das obras de Jesus contidas Evangelho de João, eis algumas delas: as obras são classificadas de “excelentes” (10,32), opondo-se às realizações humanas, tidas como perversas (7,7; 3,19-20; 8,41). A obra de Jesus decorre de sua consagração ao Pai (10,36), que foi feita por meio do Espírito (1,32 ss), e Jesus, ao responder à obra de Deus, completa a sua própria consagração e atualiza sua capacidade divina de amar, o que ocorre por ação do Espírito. Noutro momento, com base no relato de cura de um inválido (Jo 5,3 ss), o texto sustenta que as obras de Jesus são preponderantemente ações em favor da humanidade sofredora. Ao final da enumeração desses e de outros sinais, Mateos e Barreto afirmam que Jesus só realizou tais prodígios para que sua mensagem salvífica tivesse credibilidade. Merece destaque ainda o fato de que Jesus, como mestre dos Doze, ensinou-os a praticar as mesmas obras realizadas por Ele<sup>54</sup>.

A análise desse último aspecto em chave foucaltiana propicia a visão de um verdadeiro mestre, que sem nutrir interesses próprios, foi um elemento chave na constituição do *ethôs* daqueles que se deixaram guiar por ele. Ademais, como as

---

<sup>53</sup> No singular existe uma “obra”, que Jesus acaba ou dá remate (4,34; 17,4, sentido passivo); obra que ele propõe à multidão da parte de Deus e que equivale a manter a adesão a ele (16,29 - sentido ativo). Nas demais passagens, o sintagma representa o caso particular das obras que Jesus realiza (7,21; 10,32-33). [...]. No plural, “as obras” de Jesus têm sempre sentido passivo. (5, 20.36; 10, 32,38;14, 10.11.12; 15.24. (Ibidem, p.217).

<sup>54</sup> Quanto à mestria de Jesus, Mateos e Barreto tecem o seguinte raciocínio: [...] O homem, por sua vez, deve trabalhar (adesão ativa e contínua a Jesus, pela entrega de si mesmo aos outros). [...]. Por isso as obras dos discípulos são as mesmas que as de Jesus, cf. Jo 9,4: “Enquanto é dia, temos que realizar as obras daquele que nos enviou”. A situação em que os homens se encontram deve estimular os discípulos a realizarem, como Jesus, obras que manifestem o amor de Deus para com o homem. [...] A adesão a Jesus permite aos discípulos realizarem obras como as suas e ainda maiores (Jo 14,12); isso prova não se trata de “sinais portentosos” (4,48), mas do trabalho pela liberdade e pela vida do homem. (Ibidem, p. 219).

palavras e as ações de Jesus sempre se apresentaram umbilicalmente unidas, é lícito afirmar elas se alicerçaram sobre uma genuína *alétheia* (*verdade*). Inclusive, a dita coerência pode ser percebida tanto a partir das concepções da filosofia grega clássica, da teologia, como visto, ou ainda por intermédio de outras fontes do saber<sup>55</sup>.

Mateus e Barreto, na obra em estudo, apresentam aos seus leitores a noção de verdade reconhecida por João evangelista<sup>56</sup>. Outro autor que ajuda-nos a entender um pouco melhor a veracidade de Jesus como acesso à verdade é Gustavo Gutierrez.<sup>57</sup>

Um ponto crucial da verdade de Jesus está no fato de ela não ter se resumido a apenas um mero enunciado ou discurso, pois, como mostram os relatos de sua vida pública narrados nos Evangelhos, tudo aquilo que Ele anunciou foi vivido plenamente, de tal modo que a sua missão e a veracidade de Deus nele encarnada, formam uma

---

<sup>55</sup> Para poder mostrar a importância da verdade para a teologia, recorreremos à tese de mestrado de Edelcio S. Ottaviani, intitulada *A Busca da Verdade no Exercício da Liberdade: especificidades, dificuldades e espiritualidade do teólogo contemporâneo*, texto no qual, tomando como referencial Adolphe Gesché, pondera: “Para Gesché – que parte da perspectiva transcendental de verdade como um anterioridade que nos precede e que, portanto, “não é produzida mas se produz” –, no campo ético a verdade se impõe quase como “um dever” e leva certa vantagem sobre outro transcendental, por exemplo, o bem. Este pode ser fatalmente apagado pelo mal quando, por exemplo, alguém é assassinado, uma vez que o ato está feito e não temos como remediá-lo, ao passo que, quando se mente, a verdade pode sempre reaparecer. No campo da comunicação e da política, no sentido nobre do termo, é impossível que se estabeleça algum trato ou contrato efetivo se não houver um pacto de verdade. Assim, quando falamos, ela se apresenta como o terceiro termo de uma relação binária (dialogal), entre o “eu” e o “tu”, intermediando as trocas e os acordos, ou mesmo as mudanças de ideias a verdade aparece como um terceiro termo (*tertium quid*) na relação que vem não para perturbar, mas para tornar efetivamente possível a relação entre ambos, “é a verdade que une (*veritas liberai vos*)”, e não a unidade (a que preço, para que nos coloquemos de acordo? [...]) Gesché afirma: “o discurso verdadeiro, o *Lógos*, não faz parte do todo: ele é fora do todo, justamente para poder dizer, desvelar o todo”. (APUD OTTAVIANI, *A Busca da Verdade no Exercício da Liberdade: especificidades, dificuldades e espiritualidade do teólogo contemporâneo*, p. 119).

<sup>56</sup> [...] Na concepção joanina, em primeiro lugar, verdade é aquilo que representa a realidade divina que se manifesta e pode ser conhecida pelos homens, da qual o ser humano consegue compreender o amor divino, que é ilimitado. Partindo dessa premissa, a expressão máxima do amor de Deus, que é a sua verdade, está no ato de doação de seu Filho unigênito ao mundo. Expõem ainda tais comentadores, que a força do amor leal de Deus é o Espírito, conforme Jo 4,24: Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade [...]. (MATEOS, J; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*, p. 277).

<sup>57</sup> A promessa de amor do Pai se cumpre de modo soberano e único em Jesus, o Cristo. Quando Jesus afirma “Eu sou a verdade”, Jo 14,6 está dizendo em mim se cumpre a promessa do Pai. “Amou tanto o mundo que o seu Filho único”, nos diz o mesmo evangelho de João 3,16. Nesse envio, no Verbo feito carne humana, se realiza uma promessa. Deus se revela como verdadeiro por meio da missão de Jesus. “Aquele que me enviou é verídico”, Jo 8,26, isto é, fiel e digno de entrega (GUTIERREZ, Gustavo. *A Verdade vos Libertará*, p.117).

realidade única e inseparável, como atesta Jo 18,37: “*para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta minha voz*”. Por conta disso, Mateos e Barreto concluem: “*De fato, a mensagem que se comunica não é mera doutrina, mas a formulação da experiência do Espírito-amor, que é a verdade; é por isso testemunho e não ensino*”.<sup>58</sup>

## 2.4 A Mestria de Jesus de Nazaré no Evangelho de Marcos.

O Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos, o mais antigo dos Sinóticos, por conta de seu pequeno tamanho, conta com apenas 16 capítulos, chegou a ser considerado um escrito de menor importância por personagens insígnies da Igreja, como foi o caso de Santo Agostinho, que o enxergava esse texto apenas como o resumo do Evangelho de Mateus.

A despeito do diminuto tamanho, nenhum outro texto evangélico apresenta de forma tão rica e humana o perfil dos discípulos de Jesus<sup>59</sup>, e por consequência, a relevância que a mestria de Jesus teve na transformação radical de indivíduos frágeis, covardes, contraditórios e egoístas em autênticos discípulos, capazes até mesmo de morrerem pela defesa do projeto de seu Senhor<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> b (MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico, p. 282),

<sup>59</sup> Ao longo do texto marcano, em diversas passagens, os discípulos de Jesus são apresentados de forma pouco lisonjeira e bastante diversa dos outros dois sinóticos. O escrito de Marcos mostra que a despeito de viverem cotidianamente com o Mestre, como autênticos “cabeças-duras”, seus discípulos mostravam-se refratários ou até mesmo resistentes para assimilar os ensinamentos que lhes eram dados. Com relação a isso, Rita Maria Gomes, faz a seguinte observação: “Diferentemente de Mateus e Lucas, para quem o discipulado é matéria de destaque porque visto já em função das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo Greco romano, em Marcos a figura do discípulo é um pouco complexa. Tal figura nos é apresentada praticamente como um espelho do mestre, ou seja, a figura do discípulo não nos chega primeiramente através das pessoas concretas que seguem Jesus. Os discípulos são como que o “negativo” da foto do verdadeiro discípulo revelado em Jesus. Assim, para termos uma visão ampla e completa do discipulado em Marcos, devemos analisar a figura mesma de Jesus e, não a de seus seguidores, em todo o evangelho” [...]. (GOMES, Rita Maria. *Discipulado em Marcos*. p, 1).

<sup>60</sup> [...] O verdadeiro seguimento do Mestre supõe coragem, tendo em vista que em algum momento de sua existência o discípulo verdadeiro terá que enfrentar os mesmos perigos e perseguições sofridas por Jesus: “Marcos desenvolve o drama dos capítulos 11-13, focalizando o embate entre Jesus e as autoridades judaicas. No Templo, Jesus é abordado pelos chefes religiosos e começa o confronto direto. Eles querem saber com que autoridade Jesus faz as coisas. Os sacerdotes e os anciãos

Salta aos olhos ainda o fato de que tamanha transformação tenha acontecido sem que para isso houvesse, da parte de Jesus, a utilização de métodos arbitrários, impositivos ou coercitivos. Porém, antes de mergulharmos um pouco mais no método pedagógico de Jesus, é importante conhecer um pouco mais o ambiente político no qual seus discípulos viverem as suas tensões<sup>61</sup> e como a repressão reinante naquele tempo afetou a todos os destinatários da comunidade de Marcos<sup>62</sup>.

O Evangelho de Marcos, ao descrever como Jesus de Nazaré se relacionava com todos aqueles que cercavam dele, fornece aos seus leitores elementos que permitem classificá-lo como um autêntico mestre, ao mesmo tempo em que apresenta as linhas mestras de sua pedagogia, paradigmática e indispensável até os nossos dias.

Em seu tempo e a seu modo, Jesus foi um mestre inovador, por ensinar com autoridade, o que o diferenciava dos mestres judeus, como aponta Mc 1,22, uma que esses, não raras vezes, empregavam a legislação judaica com o intuito de oprimir e discriminar seus contemporâneos. Por sua feita, o Mestre de Nazaré, apesar de ser um profundo conhecedor da Lei, não se movia por sua letra fria, mas sim pela

---

mantiveram o seu projeto de matar Jesus. Fariseus e herodianos, que antes eram inimigos entre si, agora se unem para combater Jesus. Esses grupos armam ciladas contra ele para poder pegá-lo e condená-lo. Jesus desmascara a hipocrisia dos saduceus, que fazem perguntas sobre assuntos polêmicos que dividiam a opinião pública”. A instrução de Jesus aos discípulos e discipulas, agora, não é mais em palavras, mas sim, em forma de ação e de testemunho. Os discípulos e as discipulas vivem o conflito que a adesão a Jesus traz consigo e aprendem o que significa, no concreto, “Seguir Jesus e carregar a cruz”. (SASSI, Katia Rejane. O Evangelho Segundo Marcos, p. 4).

<sup>61</sup> [...] A década de 60 é marcada pela ocorrência de fatos decisivos para as novas comunidades cristãs e para o judaísmo. Pelo ano 62 d.C., as tensões políticas na Palestina davam início aos movimentos que levariam à guerra entre judeus e romanos (de 66 a 70 d.C.), que acarretou o fim da independência dos judeus e a destruição do Templo de Jerusalém. Nesse meio tempo, morreram as principais lideranças da Igreja: Tiago, Pedro e Paulo na perseguição promovida pelo imperador Nero. O império romano também passava por período de intensa crise política: final do governo de Nero e luta pelo trono imperial. Os autores de Marcos têm como destinatários comunidades cristãs de origem palestinese. No entanto, elas têm em suas meio pessoas de origem não-judaica, uma vez que dão explicações a respeito de costumes dos judeus [...]. (SASSI, Katia Rejane. O Evangelho Segundo Marcos, p.1).

<sup>62</sup> [...] Os destinatários deviam estar passando por situações difíceis, de perseguição, dúvidas e crises de fé. Achavam-se meio perdidos, sem muita convicção e sem muito futuro. Deviam ter opiniões diferentes a respeito de Jesus, o que devia dar origem a confusão e desentendimentos. Como consequência, não devia estar bem claro, diante de tais situações, o que significava ser discípulo e discipula de Jesus. Por isso, os dois principais objetivos do Evangelho segundo Marcos é mostrar quem é Jesus de Nazaré para as comunidades e o que é ser discípulo de Jesus de Nazaré nos dias em que este Evangelho foi escrito. [...] (Ibidem, p.1).

compaixão e misericórdia dela emanadas. Fato que constringia parte de seus ouvintes a tomarem decisões radicais em suas vidas (Mc 1,16-20).

O texto de Marcos ainda permite captar que Jesus foi um mestre realmente comprometido com seus discípulos, isso porque desejava ardentemente que a existência deles fosse real e profundamente transformada em todas as suas dimensões<sup>63</sup>.

A já aludida coerência entre suas pregações e práxis de Jesus também foi determinante para o sucesso de sua mestria, e para certificar-se disso basta conferir Mateus 7,21-29, passagem na qual o Mestre de Nazaré exorta os seus ouvintes sobre a importância de o construtor sensato erigir sua casa sobre a rocha. Com isso, Ele ensinou aos seus interlocutores, e também no ensina, a respeito da importância de se colocar em prática os ensinamentos evangélicos recebidos, pois, antes de tudo, eles exigem um tipo de agir que se transforme efetivamente em um anúncio de bem-aventuranças.

No caso particular dos Doze, é perceptível que o Mestre de Nazaré não pretendeu apenas reforma-los exteriormente, pois se assim fosse eles não se diferenciariam dos fariseus e seu exacerbado legalismo. Em vez disso, Jesus almejou algo bem mais profundo e abrangente: uma transformação interior tal que exigiu-lhes uma reestruturação de caráter, maneira de pensar e de se relacionar com o mundo, exigências passíveis de serem conferidas em Mc 10,40-50.

Por conta do acima exposto, e por analogia, não é exagero afirmar que o método pedagógico de Jesus pode ser entendido como uma espécie de motor, cuja

---

<sup>63</sup> Mestre verdadeiro não é aquele cuja preocupação primeira seja a de repassar conteúdos teóricos para os seus, mas sim de procurar emancipá-los e aperfeiçoá-los, o que não feito apenas por intermédio de palavras, mas também por sua práxis consistente. Poderemos constatar pelo comentário de Sassi, que Jesus de Nazaré apresentado por Marcos preenche perfeitamente tais quesitos: “Como os demais evangelistas [...] Marcos descreve a vida de Jesus intimamente ligada à vida de suas comunidades. Por isso, não informa somente sobre a mensagem e os gestos do Nazareno, mas mistura a mensagem, a prática e os conflitos dos anos 60. Ele atualiza para um novo contexto a Boa Nova do Messias. Os autores de Marcos estão interessados em animar as comunidades a se manterem vigilantes, firmes e perseverantes na fé, apesar das perseguições e conflitos. Procuram corrigir a ideologia messiânica triunfalista de sua comunidade. Lembra que os conflitos, a cruz e o sofrimento faziam parte do caminho de Jesus” [...]. (SASSI, Katia Rejane. *O Evangelho Segundo Marcos*, p. 2).

força motriz se mostrou altamente eficaz na transformação de seus discípulos em cidadãos do Reino engajados na transformação das relações de dominação em práticas de libertação. Em razão disso, gradativamente, seus discípulos mais próximos deixaram de ser egoísta e fechados em si mesmos, conquistando com isso o ferramental indispensável para viverem em comunidade e de forma cooperativa capacitando-os assim a compreenderem mais claramente as dores e as necessidades do próximo.<sup>64</sup>

Como um autêntico mestre do diálogo, Jesus mostrou ter a capacidade de levar os seus ouvintes a refletirem sobre os seus conceitos e a reverem preconceitos, o que os lhes ajudou a construir um novo saber. Diante disso, é possível constatar que ao atuar como um mestre por excelência, Ele sempre esteve imbuído no desenvolvimento das capacidades reflexivas e na formação ética do seu discipulado. A mestria amorosa de Jesus é paradigmática pela capacidade demonstrada por Ele para moldar seres humanos integrais, o que é bem mais do que formar apenas repetidores de leis exteriores e autoritárias.

Por agir de forma simples, acessível, sem afetação ou formalismos Jesus foi capaz de envolver as pessoas (multidões) por onde passou (Cf. Mc 3,7-12). Seu jeito de ser era o de uma pessoa atraente e dotada de talento para construir relações de amizade. E por ser amável, sociável e inteligente, além de amigos, Jesus criou um grupo de seguidores inspirados por seu exemplo. Assim, é o agir qualificado de Jesus que desautoriza e torna inaceitável toda e qualquer postura coercitiva, autoritária e intransigente que se pretenda nutrir no seio da Igreja.

---

<sup>64</sup> Para aprender a ser discípulo, em primeiro lugar, é preciso andar com o Mestre, ver suas ações e como elas aprender e isso não apenas nos tempos de Marcos, como ainda hoje. SASSI nos dá preciosas pistas desse processo: “Caminhando com Jesus, escutando os seus ensinamentos e testemunhando a sua prática, os discípulos e discípulas descobrem quais as mudanças que devem ocorrer em suas vidas: o despojamento de toda ambição de riquezas, prazeres, honras, fama e poder; o serviço sem tiranias em prol do Reino do Pai; o amor fraterno, até para com os “inimigos”; o perdão das ofensas; a doação da vida. Desta forma, pela fé, todos nós somos convidados a “dar um salto qualitativo” no seguimento do Mestre Jesus, como discípulos missionários”. (Ibidem, p. 6).

Porém, nos dias de hoje, com grande pesar, é possível constatar a existência de pessoas que por não se espelharem nos exemplos do Senhor<sup>65</sup> tornam-se autoritárias, e com isso dão um contratestemunho da vivência cristã. E para se enfrentar tal desvio de conduta, além da compaixão, são necessárias a franqueza da Palavra e a retidão no agir.

Mesmo sendo modesto, esse quadro permite perceber a importância da *parresía* para a formação de autênticos discípulos, e isso porque tanto Sócrates como Jesus de Nazaré, por intermédio de suas palavras e ações *parresiásticas*, se esmeraram em construir e lapidar os seus seguidores em pessoas capazes de ter o governo de si mesmos e de renunciar a toda relação de dominação.

Para os Cristãos, a exemplo do evangelista João, o modo de ser na verdade de Jesus é o ápice da condição humana. A mestria de Jesus, ao colocar o aprendiz diante da vida, lhe dá a possibilidade de desenvolver a arte de pensar e amplifica a arte de ouvir, fatores que, de forma inequívoca, contribuem para a construção de uma vida bela, em moldes análogos aos apresentados por Michel Foucault ao tratar da mestria de Sócrates. Uma parcela significativa de nossa Igreja precisa, urgentemente, redescobrir o valor da mestria de Jesus, pelo fato de ela ser indispensável ao anúncio do Reino.

## **2.5 A *Parresía* de Jesus de Nazaré e o Reino de Deus.**

Nas tradições do Antigo<sup>66</sup> e principalmente nas do Novo Testamento, são encontrados diversos episódios que manifestam de forma clara que a centralidade

---

<sup>65</sup> Devemos recuperar aquele cristianismo dos inícios que vivia e se expandia graça ao testemunho dado pelos homens e mulheres que viveram o seguimento de Jesus, desde o batismo no Jordão até a crucificação em Jerusalém. Foi este também o mandato de Jesus aos seus: “O Espírito Santo descera sobre vós e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os extremos confins da terra” (At 1,8). O cristianismo das origens se baseia no testemunho [...]. (SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino*, p. 44-45).

<sup>66</sup> Jon Sobrino faz uma excelente reflexão sobre a centralidade do Reino de Deus no AT: O Reino de Deus é central na tradição do Antigo Testamento, como forma de exprimir o desígnio salvífico de Deus e as esperanças do povo. [...]. Quando Deus reina, o mundo se torna o Reino de Deus, por isso, antes de Reino, é preciso mencionar o Reinado de Deus. Quanto ao conteúdo, esse Reinado se torna real,

evangélica está na instauração do Reino de Deus. Este se tornou o elemento fundante da missão de Jesus de Nazaré e razão de ter entregado a própria vida. Os diversos embates travados por Ele com os detentores dos poderes políticos e religiosos de seu tempo provam-no.<sup>67</sup> Tal fato, por si, evidencia que longe de pregar uma mensagem de cunho puramente espiritual e transcendente, que prometia apenas o gozo dos bens eternos e celestiais, Jesus mostrou que os alicerces desse Reino deveriam começar a ser erigidos aqui na terra, para que os prediletos de Deus, os pobres, pudessem usufruir dele prontamente.

José Comblin faz uma explanação reveladora sobre a importância dos discursos de Jesus em prol do Reino de Deus<sup>68</sup>. A forma como esse Autor discorre sobre essa questão, inclusive, faz lembrar o discernimento de Foucault naquilo que se refere às características necessárias para se distinguir o discurso verdadeiro do falso. Basta uma breve leitura nos textos evangélicos para se perceber que em diversas ocasiões Jesus enfrentou direta e duramente o poder religioso de Jerusalém, seja por sua hipocrisia, pelo rigorismo devotado à letra da lei, por ultrajarem o Templo

---

antes de tudo, ideal anelado de justiça, [...] transforma uma realidade histórico social injusta em outra justa, na qual reina a solidariedade e na qual não há pobres, [...] Segundo isso, o Reinado de Deus deve ser compreendido como libertação, não só como ação benéfica, e como parcial, pois os oprimidos estão - por direito - no centro do olhar e da ação de Deus. Tem uma dimensão histórica, e por tratar-se de libertação de opressões objetivas, embora o olhar vá abrindo-se à transcendência é social, pois é libertação e justiça para um povo, ainda que o olhar vá se dirigindo ao pessoal. E, como dissemos, é teologal, pois Deus revela sua realidade ao passar assim, e não de outra maneira, pela história. [...] (SOBRINO, J. *Fora dos Pobres há Salvação*, p. 121).

<sup>67</sup> Com relação aos corajosos embates travados entre Jesus e autoridades religiosas de seu tempo, situação que o levou à morte, José Comblin tece a seguinte análise: “Jesus esteve em conflito com as autoridades religiosas do seu povo. Esse conflito aumentou até o ponto que autoridades decidiram a sua morte e conseguiram do governo de Pilatos que fosse crucificado. Com certeza Jesus não teve ilusões. Logo viu que a sua maneira de viver os ensinamentos da Bíblia era diferente da interpretação dos fariseus e dos escribas, que foram os seus adversários mais agressivos, Diante das críticas Não se deixou calar, mas, ao invés, provocou pelas suas declarações e pelos seus atos. (COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus*, p. 256).

<sup>68</sup> [...] A primeira atividade de Jesus foi falar. Todos os Evangelhos apresentam-no como um homem que fala, que fala publicamente. [...] A sua palavra de profeta ou de sábio, segundo Mateus, mas fundamentalmente de profeta. Jesus fala do futuro da humanidade como os profetas. O seu discurso não é religioso, a não ser para criticar a religião estabelecida no seu tempo. Não é discurso de conquistador do poder de demagogo. Não fala para aumentar o seu prestígio ou seu poder. Fala em nome do Pai, ou seja, gratuitamente, sem buscar nada para si mesmo, mas, pelo contrário, vendo que o seu discurso suscita oposição e agressão que irá matá-lo. É um discurso que anuncia e pede a conversão total e a vinda de um mundo novo. É um discurso desarmado: Jesus expõe a sua vida, mas assim mesmo fala. Não tem para apoiar a sua palavra nem exército, nem polícia, nem autoridade reconhecida oficialmente. Fala como um pobre pode falar quando tem a coragem de falar. [...] (Ibidem, p. 248-249).

etc. Qual seria o motivo de tanta indignação? Porque ante os outros poderes que sujeitavam o povo de Israel Jesus preferiu desafiar o religioso? Comblin tem uma teoria bastante interessante sobre esse comportamento livre de Jesus<sup>69</sup>.

Toda religião, independentemente do que acredite e professe, pelo simples fato de atuar na história, onde incide toda a sorte de problemas, dificuldades e desequilíbrios, deveria contribuir buscar, firmemente para a construção de um mundo mais justo e fraterno. No caso específico do cristianismo, as suas próprias raízes históricas deveriam impulsioná-lo inteiramente nesse sentido<sup>70</sup>. Questão essa abordada no encontro no SOTER, de 2007<sup>71</sup>.

\*\*\*

---

<sup>69</sup> [...] Podemos perguntar por que Jesus escolheu o conflito com os chefes religiosos do seu povo. Poderia ter contestado o poder romano, [...] os grandes proprietários [...] Eis a hipótese. A corrupção da religião é a pior, porque pode justificar ou incentivar todas as formas de corrupção de todos os setores da sociedade. A religião pode legitimar a dominação ou pelo menos permanecer indiferente aos males materiais e sociais, o que é dar apoio à dominação. O nascimento de um mundo novo deve começar pela religião, para que não seja obstáculo a todas as formas de libertação. Pelo menos a história confirma que a dominação ou a libertação partem da religião. Uma longa experiência histórica em todas as religiões mostra que de um modo geral não promoveram nenhuma libertação humana e aceitaram a estrutura estabelecida. Não somente permitiram classes dominantes se submetessem as grandes massas populares, mas deram aos poderosos títulos de glória, aclamações, papel destacado na cerimônia sem excluir a bajulação. É apenas uma hipótese. (Ibidem, p. 258).

<sup>70</sup> [...] Para a religião judaico-cristã a verdadeira religião é o amor e a justiça, o compromisso com a construção de um reinado de Deus que seja vida, verdade, justiça, paz, graça e amor para todos, porém, em primeiro lugar para os pobres, injustiçados e privados de seus direitos. [...] Outras religiões encontram acesso a Deus por meio da natureza, outras encontram na experiência interior subjetiva ou intersubjetiva. A religião judaico/cristã encontrou de modo privilegiado no encontro libertador com o pobre (Mt 25.31ss, [...]) (VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso*, p.391).

<sup>71</sup> [...] É sobejamente conhecido que nenhuma religião opera no vazio. Toda religião existe e desenvolve-se num contexto específico, em estreita inter-relação com seu espaço geográfico, seu momento histórico e o meio ambiente social concreto onde está situada. Isso significa que toda religião é tributária do seu contexto e exerce sobre ele algum tipo de influência. Nenhuma religião é um compartimento estanque, mas parte integrante e ativa da vida coletiva. É no interior das estruturas sociais que qualquer religião tem de operar, e de fato opera. Em consequência, nenhuma religião pode eximir-se de sua responsabilidade social. Seu potencial transformador ou conservador em relação com o status quo da sociedade é um fato. O que cabe perguntar é até que ponto esse potencial transformador ou conservador é conscientemente assumido por grupos ou forças interessadas na mudança ou opostas a ela como funciona em relação num contexto determinado [...]. (CONGRESSO SOTER (2007) - *Religião e transformação social no Brasil hoje/Sociedade de Teologia e Ciências da Religião*, p. 5).

## CAPÍTULO III

### A EXIGÊNCIA DA PARRESÍA PARA O SEGMENTO DE JESUS

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.

Se olharmos para trás, veremos que em nenhum outro momento da história da humanidade tantas mudanças ocorreram de forma tão rápida e profunda como a partir da segunda metade do Século XX<sup>72</sup>. Em consequência disso, para o bem ou para o mal, aquilo que ontem possuía valor hoje não o tem, e o que hoje tem amanhã, possivelmente, poderá não ter<sup>73</sup>. Além disso, mesmo que as conquistas da biotecnologia, da genética e da informática, só para citar algumas delas, jamais tenham experimentado um desenvolvimento tão vertiginoso, seus frutos além de não serem postos em benefício de todos nem sempre são doces, pois dependem muito das mãos nas quais estão e dos interesses a que servem. Exemplos disso são: o domínio da energia nuclear que pode ser utilizada tanto para erradicar a carência de energia ou a vida no planeta. No caso da decodificação do genoma humano ela pode ser benéfica se empregada em pesquisas para a cura de doenças graves como a AIDS ou câncer. Todavia, também pode ser posta a serviço de propósitos racistas como é o caso da eugenia, o que seria antiético e imoral.

---

<sup>72</sup> Um exemplo das referidas mudanças é dado a nós por Libânio: [...] O mundo europeu presenciava ao rápido reerguimento de suas economias destruídas na Segunda Guerra Mundial com o famoso "Milagre econômico" alemão, italiano, etc. A industrialização e a modernização transformam uma Europa ainda muito agrícola em gigantesco parque industrial, rico, produtivo. A economia de mercado triunfa. Impõe-se a racionalidade econômica, mas ainda sob o controle do Estado do Bem-estar social, da pressão dos movimentos sociais e da Doutrina Social da Igreja, de modo que o neocapitalismo se humanizava muito em relação à sua fase selvagem manchesteriana. (LIBÂNIO. João Batista. A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II, p.1).

<sup>73</sup> No coração da modernidade, estão também a liberdade de pensar, de agir e de opinar, a autonomia das ciências e das realidades terrestres, a democracia, o pluralismo de posições, a valorização do indivíduo, os direitos inalienáveis da pessoa humana, os direitos sociais, o espaço para experiências novas e criativas nos mais diversos campos. (Ibidem, p.6).

E o que a teologia teria a ver com tudo isso? Teria esse saber, ainda hoje, e em um mundo voltado para a técnica e as ciências, respostas válidas para as angústias do homem hodierno? E caso as tenha, levando-se em conta a sua condição de obediência frente ao Sagrado Magistério até onde lhe caberia chegar com as suas indagações?<sup>74</sup> No caso de surgirem divergências entre as ditas partes o que fazer? Caberia à teologia apenas o papel secundário de interpretar e reproduzir os ensinamentos magisteriais mesmo que eles não tragam respostas suficientes para responder às angústias existenciais do homem moderno?<sup>75</sup> Nesse sentido, a título de exemplo, podemos lembrar a situação dos casais de segunda união, cuja condição impede a participação na Eucaristia, sendo que muitos deles, por não se sentirem acolhidos, abandonam a Igreja.

É largamente sabido que em cada momento histórico eclodem novos e diferentes problemas, temores e dúvidas, para os quais a teologia, por princípio, tem a obrigação de buscar respostas criativas e eficazes. Assim sendo, ao teólogo que por vontade própria se propôs a seguir os passos de Jesus de Nazaré não estaria faltando a muitos dos teólogos de nosso tempo um elemento crucial para o pleno exercício de sua atividade: a parresía profética?

Diante dos tantos desafios impostos pela realidade circundante não deveria todo e qualquer teólogo buscar a inspiração necessária nas palavras e nas ações de Jesus de Nazaré? Não estaria o princípio da misericórdia em tensão com o princípio

---

<sup>74</sup> De acordo com o parágrafo 13 da Instrução Sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, apenas o Magistério da Igreja tem plena autoridade para transmitir o dado revelado: “Deus dispôs com suma benignidade que aquelas coisas que ele revelara para a salvação de todos os povos permanecem sempre íntegras e fossem transmitidas a todas as gerações. [...] O povo de Deus, graças ao “senso sobrenatural da fé”, goza dessa prerrogativa, sob o Magistério vivo da Igreja, que pela autoridade exercida em nome de Cristo é o único intérprete autêntico da Palavra de Deus, escrita ou transmitida”. (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Instrução Sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, p.13).

<sup>75</sup> [...] Cada vez mais o papel do teólogo torna-se imprescindível para a vida da Igreja e da sociedade. Não basta repetir doutrinas e fórmulas dogmáticas, oferecendo respostas a perguntas hoje não-feitas. Sua missão na Igreja é buscar respostas para problemas novos e velhos à luz da fé e da razão em comunhão com a hierarquia. Se a fé é condição necessária para fazer Teologia, isto não significa que é suficiente. O teólogo deve buscar “as razões de sua fé” (1Pd3, 15), no mundo de hoje, com discernimento crítico, uma plausibilidade racional da fé, falar com coerência do Deus testemunhado pelas Sagradas Escrituras. Age como “homem de Igreja” mais do que como pensador individual. Mesmo tratando do mistério de Deus, o teólogo não se pode furtar às exigências da racionalidade crítica [...]. (ZILLES, Urbano. O Perfil do Teólogo Hoje, p. 341-342).

da indissolubilidade do matrimônio, tão caro à moral sacramentária desenvolvida pela Igreja?

Muito embora não se queira aqui criticar a autoridade e a competência do Magistério para interpretar a Palavra de Deus, até porque isso seria uma desmedida pretensão, é importante lembrar o depósito da fé, tesouro de incalculável valor, não está sob a guarda de deuses, mas sim de homens, criaturas frágeis, suscetíveis a erros, preferências e preconceitos.

Consideremos ainda, por hipótese, se tais fragilidades estiverem associadas à inflexibilidade, a mescla dessas situações não poderiam estar entre os motivos que hoje levam tantos homens e mulheres a não verem mais sentido na fé, na religião e na Igreja? Pensar e discutir tão importantes e prementes questões antes de tratar-se de laxismo, é uma importante e necessária possibilidade de abertura para a caminhos que ajudem a equacionar os muitos paradoxos verificados na vida eclesial em nossos dias. E assim sendo, incompreensível e até mesmo inconcebível, no contexto atual, que se discutam questões de importância capital para a construção do Reino, e isso sem que todos os atores implicados não possam também fazer uso da palavra franca, mesmo havendo leviandade ou indiferença em relação à Palavra revelada.

Para que esse tipo de situação não perdure ou piore, é imprescindível que a teologia atue de forma *parresíastica* para que com isso resgate, o mais rápido possível, a práxis do Mestre que sempre usou de misericórdia<sup>76</sup> nos casos mais adversos e sempre procurou dialogar com seus interlocutores. O teólogo, por seu lado, como membro do povo de Deus, deve nutrir o mais absoluto respeito pela doutrina da fé, sendo que por conta disso o seu ensinamento não poderá jamais lesá-la. A liberdade própria da pesquisa teológica é exercitada no interior da fé da Igreja. A ousadia, portanto, que com frequência se impõe à consciência do teólogo, não pode dar frutos e “edificar” se não é acompanhada pela paciência da maturação. As novas propostas avançadas pela compreensão da fé “não são senão uma oferta feita a toda a Igreja. São necessárias muitas correções e alargamentos de perspectiva, em um

---

<sup>76</sup> (Cf. Jo 8,2-11).

diálogo fraterno, antes que chegue o momento em que toda a Igreja possa aceitá-las”. Por conseguinte a teologia, enquanto “serviço muito desinteressado à comunidade dos fiéis, comporta essencialmente um debate objetivo, um diálogo fraterno, uma abertura e uma disponibilidade para modificar as próprias opiniões”.<sup>77</sup> No entanto, esse diálogo nem sempre acontece. Nas entrelinhas do parágrafo 11 da *Instrução sobre a Vocação do Teólogo*, podemos notar um olhar de desconfiança sobre a teologia. Não poucas vezes o Magistério procura cercear a reflexão teológica, exigindo uma articulação fundamentada sobre algo que, pelo próprio caráter de novidade, exige maturação por meio do diálogo. Como poderemos constatar a seguir, tais posições restritivas acabam por tornar-se um autêntico entrave em relação ao que foi conquistado pelo Concílio Vaticano II.

### 3.2 O Concílio Vaticano II.

Mesmo que o Concílio Vaticano II (CV II) não seja o foco deste trabalho, fazer referência a esse acontecimento<sup>78</sup>, mesmo que de passagem, é praticamente uma obrigação em decorrência de seu grandioso legado. Durante todo o seu transcurso, entre 1962 e 1965, muitas vozes proféticas se fizeram ouvir, levantando-se contra forças conservadoras<sup>79</sup> para que, enfim, depois de muitos séculos, a Igreja Católica

---

<sup>77</sup> Ibidem, p.10-11.

<sup>78</sup> Libânio viu o Concílio da seguinte maneira: [...] O Concílio é um acontecimento, uma abertura, um movimento que supera de muito os textos produzidos e fazem dele mais que um simples órgão de decisões [...]. (LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do Encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura, p.9).

<sup>79</sup> [...] A leitura apurada dos textos, sobretudo da *Lumen Gentium*, revela duas eclesiologias fundamentais em tensão, que correspondem praticamente ao duplo paradigma da pré-modernidade e modernidade e a intencionalidade do Concílio foi privilegiar o novo paradigma da modernidade, aceitando, pela via do compromisso, elementos do paradigma anterior. A opção eclesiológica fundamental do Vaticano II expressa-se na colegialidade em todos os níveis, na precedência do Povo de Deus em relação à hierarquia que existe em função dele, na Igreja universal como comunhão de Igrejas particulares, na relevância da Igreja particular que realiza a totalidade da Igreja em comunhão com as outras Igrejas e com Roma, no papel do leigo, na dimensão sacramental salvífica, na condição da Igreja de discípula da Palavra a serviço do Reino de Deus. Esta é a eclesiologia nova, original do Concílio. No texto também se encontra uma eclesiologia residual, que valoriza sobremaneira o Primado, a hierarquia clerical, as dimensões jurídicas, a estrutura dos ministérios[...]. (LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento, p. 23).

pudesse vencer sua resistência à modernidade e se abrir novamente ao mundo<sup>80</sup>, condição indispensável para que pudesse promover uma efetiva evangelização. Todavia, antes de entrarmos nessa seara, vejamos, de forma resumida, o que o Papa João XXIII pretendeu alcançar ao convocar o Concílio.

Em primeiro lugar, diferentemente dos concílios que o antecederam, o CV II não pretendeu assumir posições dogmáticas novas ou condenatórias, em vez disso, intensificou o diálogo com a humanidade, abrindo-se assim oficialmente para o mundo contemporâneo<sup>81</sup>. Em sua primeira *Encíclica Ad Petri cathedram*, datada de 29 de junho de 1959, João XXIII apontou os três principais objetivos do Concílio, foram eles: o incremento da fé, a renovação dos costumes e a adaptação, *aggiornamento*, da disciplina eclesiástica às necessidades do tempo atual. E, adicionalmente caminhar em direção à união das comunidades cristãs separadas desde a Reforma.

Dito de outra forma, João XXIII entendia a Igreja deveria atualizar-se, responder ao mundo moderno e caminhar na linha da paz e da unidade da humanidade. Em termos práticos, pode-se afirmar que o Concílio encerrou os tempos de uma cristandade apartada do mundo moderno e ensimesmada, abrindo-se assim para o diálogo com uma modernidade de cunho religioso pluralista e cada vez mais secularizada.

---

<sup>80</sup> [...] Em poucas palavras, João XXIII tinha bem metida a idéia de que a Igreja devia atualizar-se, responder ao mundo moderno e caminhar na linha da paz, da unidade da humanidade. Por isso, tinha muita razão R. Rouquette de dizer que, com João XXIII, se encerrava o tempo de uma "cristandade", segregada do mundo moderno e fechada em si mesma. Em tempos de cristandade, a cidadania era dada pela pertença à Igreja" e "as crenças cristãs envolviam a existência e a cultura das populações ocidentais" tanto no plano do "vivido" como da racionalidade teológica dominante". A Igreja com o Vaticano II abriu-se para a modernidade, para um mundo religioso pluralista e para uma sociedade secular de cidadania civil [...]. (LIBÂNIO, João Batista. A Trinta Anos do Concílio Vaticano II, p. 5).

<sup>81</sup> Segundo a análise de J.B Libânio, o Papa João XXIII visou atingir os seguintes avanços na mentalidade eclesiástica com a convocação do Concílio: Ao falar do "*punctum saliens*" do Concílio, João XXIII insistiu, no Discurso inaugural, no fato de que não se trata de repetir e proclamar o já conhecido, mas se espera "um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências", articulando "fidelidade à doutrina autêntica" e "indagação e formulação literária do pensamento moderno". Numa palavra, interpretar para o mundo moderno a revelação tradicional (Escritura e Tradição). Diálogo com a modernidade: Eis o desafio pastoral! Interpretar e não condenar! Estava em jogo a renovação da Igreja que buscava concentrar-se no essencial da mensagem cristã para cumprir sua missão de sinal da salvação visível e perceptível para o mundo de hoje. (LIBÂNIO, João Batista. A trinta anos do Encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura, p. 10).

### 3.3 A noção de Povo de Deus na Perspectiva da *Lumem Gentium*.

Desde o seu início, manifestou-se no interior do CV II uma grande tensão entre duas correntes de pensamento<sup>82</sup>, de um lado estava a ala conservadora da Igreja, encabeçada por membros da Cúria Romana<sup>83</sup>, que além de não ser afeita a mudanças, não entendia o porquê de João XXIII ter convocado o CV II, do lado oposto, postou-se ala “liberal”, decidida a lutar para mudar os rumos da Igreja de então, de modo que todos os documentos preparatórios, que tinham sido elaborados em uma perspectiva objetivista, a-histórica e neoescolástica foram sumariamente rejeitados no início dos trabalhos conciliares<sup>84</sup>. Situação a respeito da qual Libânio faz comentário

---

<sup>82</sup> [...] Confrontaram-se duas teologias básicas. De um lado, a teologia dogmatista, como descrevemos acima, na afirmação clara das verdades abstratas, universais, imutáveis e, de outro, a teologia hermenêutica que pretende interpretar para o mundo de hoje a revelação de Deus. Esse choque se deu especialmente a propósito da discussão sobre as "Fontes da Revelação" e, de modo especial, sobre a Escritura. Deslocou-se de uma interpretação "especular", a modo de espelho, da Escritura, da Tradição, dos dogmas, da verdade, em geral, para uma interpretação histórico-existencial. O aspecto objetivo perde sua centralidade absoluta, permitindo a entrada da história, da subjetividade, da experiência, da intersubjetividade como mediações interpretativas fundamentais [...]. (LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento, p.20).

<sup>83</sup> [...] Com o Concílio, encontraram no mesmo espaço romano duas instâncias de poder e governo da Igreja: o próprio Concílio e a Cúria romana. Experiência que não se vivia fazia quase um século. E ainda se acrescentava o fato de que o Concílio se tornara uma verdadeira assembleia mundial e a Cúria romana se afigurava um pigmeu diante do gigante. Entretanto, ela tinha experiência de governo, estruturas em funcionamento, poder de fogo uma vez que ocupara as comissões preparatórias do Concílio e julgava poder decidir sobre seus rumos[...]. (LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento, p. 17-18).

<sup>84</sup> Para poder ilustrar as tensões registradas entre conservadores e liberais no tocante à discussão do documento que posteriormente seria a *Lumem Gentium*. Libânio resgata a intervenção veemente do bispo de Bruges, contra o documento preparado pela Cúria Romana: “O espírito da tratção da temática eclesiológica apareceu, de modo cortante, numa intervenção marcante do bispo de Bruges, De Smet, ao pedir a rejeição do esquema preparatório sobre a Igreja. Falta-lhe, disse ele, falta espírito ecumênico por causa de seu triunfalismo, clericalismo e jurisdicismo. Com isso, queria-se criticar uma atitude muito comum de considerar a Igreja nos seus triunfos, na insistência sobre hierarquia deixando o povo em segundo plano e na consideração dos problemas a partir de esquemas jurídicos e apriorísticos. Esquece-se que a hierarquia é secundária, e o povo de Deus essencial. Aquela desaparece no céu, este permanece”.

esclarecedor.<sup>85</sup> O esquema sobre a Igreja que viria ser a *Lumen Gentium* ilustra bem a tensão que vigorou durante todo o CV II<sup>86</sup>.

O ponto central da tensão entre as duas correntes de pensamento resvalou no princípio teológico do Concílio de que há uma unidade, solidariedade e igualdade essencial e fundamental entre todos na Igreja, anterior a qualquer distinção de função<sup>87</sup>, e a carência de um estatuto jurídico que lhe garanta a exequibilidade. Tal princípio teológico foi traduzido de modo significativo pela anteposição do capítulo dois da *Lumen Gentium* (LG), o Povo de Deus, sobre o terceiro que versa sobre a constituição hierárquica da Igreja. Sendo que a partir desse novo entendimento todos os cristãos, Independente de sua posição foi chamado a participar ativamente no contexto ministerial e vocacionalmente variado<sup>88</sup>.

---

Por isso, todos, exceto o [documento] da Liturgia, foram rejeitados logo de início como ineptos até mesmo para serem emendados e melhorados. Os padres conciliares, assessorados por brilhante plêiade de teólogos, já imbuídos da modernidade hermenêutica, tiveram que reescrever todos os textos e discuti-los. Por isso, o Concílio, que, segundo alguns, nos sonhos do velho Pontífice João XXIII, poderia encerrar-se Com a primeira sessão, prolongou-se durante três longos anos. (LIBÂNIO, João Batista, A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura, p. 10).

<sup>86</sup> [...] Assumiu o papel hegemônico a [corrente] que acentuava na Igreja a colegialidade em todos os níveis, a precedência do Povo de Deus em relação à hierarquia que existe em função dele, a Igreja universal como comunhão de Igrejas particulares, a relevância da Igreja particular, que realiza a totalidade da Igreja em comunhão com as outras Igrejas e com Roma, o papel do leigo, a dimensão sacramental salvífica, a condição da Igreja de serva da Palavra a serviço do Reino de Deus. Esta é a eclesiologia nova, original do Concílio. No texto também se encontra uma eclesiologia residual, que valoriza sobremaneira o Primado, a hierarquia clerical, as dimensões jurídicas, a estrutura dos ministérios [...]. (Ibidem, p. 10).

<sup>87</sup> [...] Libânio relembra que a LG foi um divisor de águas naquilo que se refere ao respeito da dignidade de todo e qualquer membro do povo de Deus. Para termos uma ideia clara do progresso alcançado, basta aferir as posições clericalistas de alguns pontificados anteriores: "O Concílio distanciou-se muito das afirmações de Gregório XVI (1831-1846) de que "ninguém pode desconhecer que a Igreja é uma sociedade desigual, na qual Deus destinou a uns como governantes, a outros como servidores". Estes são os leigos, aqueles são os clérigos". Tomou distância também de Pio X que assevera na mesma direção: "Somente o colégio dos pastores tem o direito e a autoridade de dirigir e governar". "A massa não tem direito algum a não ser o de deixar se governar qual rebanho obediente que segue seu Pastor". Como se vê, o Concílio praticou total inversão, ao fazer os ministros hierárquicos servidores de todo o povo de Deus, e ao chamar de povo o que Pio X denomina "massa". [...] (Ibidem, p. 16).

<sup>88</sup> Naquilo que concerne à preponderância da categoria povo de Deus em relação a outras tendências eclesiológicas manifestas no CV II, Libânio afirma: [...] Assumiu o papel hegemônico a [corrente] que acentuava na Igreja a colegialidade em todos os níveis, a precedência do Povo de Deus em relação à hierarquia que existe em função dele, a Igreja universal como comunhão de Igrejas particulares, a relevância da Igreja particular, que realiza a totalidade da Igreja em comunhão com as outras Igrejas e com Roma, o papel do leigo, a dimensão sacramental salvífica, a condição da Igreja de serva da Palavra a serviço do Reino de Deus. Esta é a eclesiologia nova, original do Concílio [...]. (Ibidem, p. 16).

A despeito de o CV II, como visto no caso da LG, ter sido o promotor de grandes progressos no tocante à abertura da Igreja para o mundo, as tensões ocorridas durante as seções deixaram situações pendentes<sup>89</sup>, que ainda hoje refletem negativamente nas relações que se desenrolam nas diferentes instâncias eclesiais.

Para finalizar, vale ressaltar que mesmo depois da eclesiologia do povo de Deus, encetada pela LG, a condição dos leigos na Igreja continua sem uma definição clara<sup>90</sup>, e como agravante, um clericalismo exacerbado complica ainda mais a situação laical.

### 3.4 A Questão Social no Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II também se preocupou com a “questão social”, notadamente na Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes*<sup>91</sup>. Na segunda parte da GS, de cunho pastoral, foram abordados diversos problemas que afetavam a condição humana de então, os quais foram analisados sob um prisma antropológico, além de considerar ainda aspectos ligados à psicologia e às ciências sociais. Em decorrência

---

<sup>89</sup> [...] As tensões em herança com essa dupla eclesiologia, o Concílio deixou em aberto tensões que até hoje geram oscilações de comportamento prático e de reflexões teóricas: a tensão entre a Igreja de Roma e as igrejas particulares, entre a autoridade central e a participação colegiada, entre o monocentrismo e o policentrismo, entre a unidade e o pluralismo, entre a centralização e a descentralização subsidiária, entre a identidade e a pluralidade diferente, entre o centro e a periferia, entre o clero e os leigos. Para zelar pela universalidade e unidade da Igreja está a Igreja de Roma com os órgãos administrativos. Para realizar a pluralidade existem as Igrejas particulares. Nos primeiros anos do pós-Concílio, as Igrejas particulares procuraram marcar sua singularidade, realizar na pluralidade a unidade católica. Pode-se talvez colocar o Sínodo sobre Evangelização de 1974 como pontos altos das contribuições das Igrejas particulares das periferias: América Latina, Ásia e África - para uma consciência universal de evangelização. “A partir de então e, sobretudo depois de 1978, reforça-se a centralização romana a despeito da pluralidade das Igrejas particulares”. [...]. (Ibidem, p. 11).

<sup>90</sup> [...] Hoje, porém, esse movimento leigo vive certa tensão com o recrudescimento do clericalismo. Parece que uma nova geração de jovens sacerdotes sente a necessidade de marcar sua presença presbiteral no ministério ordenado de modo cerceador em relação aos leigos. A maior presença leiga se concretiza nos movimentos de apostolado e espiritualidade que revelam certo paradoxo. “De um lado, são leigos, mas, de outro, procuram atrair para dentro de si a bispos, sacerdotes, religiosos, de modo que se lhe obscurece a condição laical”. [...]. (Ibidem, p. 12).

<sup>91</sup> As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”. (DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Gaudium Spes* § 1, p.539).

disso, várias situações injustas foram apontadas<sup>92</sup> como, por exemplo, no parágrafo 9 da GS. Passados cinquenta anos do Concílio Vaticano II, é triste constatar que o fosso existente entre a riqueza e miséria, em vez diminuir aumenta cada vez mais<sup>93</sup>. O que talvez indique que as mostram-se insuficientes para combaterem a ganância, a injustiça e o egoísmo, aparentemente, cada vez mais enraizados no coração humano.

### 3.5 Medellín e Puebla Exemplos do Profetismo Latino.

Para que fosse possível estudar e analisar tudo aquilo que as Conferências de Medellín e Puebla, realizadas respectivamente em 1968 e 1979, representaram para a Igreja e o povo latino-americano seria necessário produzir um trabalho de grandes dimensões, o que extrapolaria esta proposta de estudo. Em decorrência disso, serão enfatizados apenas e tão somente alguns de seus aspectos sociais, políticos, econômicos e as diferentes visões de igreja que se manifestaram nessas duas ocasiões, visões essas que por serem diametralmente opostas entre si, motivaram fortes tensões e embates entre as duas alas.

Como se poderá constatar, os citados encontros intentaram, em primeiro lugar, aplicar a eclesiologia proveniente do Concílio Vaticano II de forma inculturada à realidade de uma América Latina pobre e inteiramente sujeitada aos interesses do grande capital estrangeiro. Tal intenção, por ferir interesses e ideologias, sofreu fortes resistências tanto no plano eclesial como fora dele, situação que exigiu coragem

---

<sup>92</sup> [...] Os povos oprimidos pela fome interpelam os povos mais ricos. As mulheres reivindicam, onde ainda não alcançaram a paridade de direito e de fato com os homens. Os operários e os camponeses querem não apenas ganhar o necessário para viver, mas desenvolver, graças ao trabalho, as próprias qualidades; mais ainda, querem participar na organização da vida econômica, social, política e cultural [...]. (DOCUMENTOS DO VATICANO II, *Gaudium Spes* § 9, p. 548).

<sup>93</sup> A pobreza estrutural, se em 1960 para cada pessoa rica no mundo havia 30 pobres, hoje a proporção se radicalizou a ponto de que para cada rico, há 80 pessoas pobres. Dos 6.200 bilhões de seres humanos do planeta, 46%, ou seja, 2.850 bilhões vivem na pobreza; deles, 1.200 bilhão em pobreza extrema, cerca de 800 milhões não tendo o pão nosso de cada dia. Se para a erradicação da AIDS, que atinge tanto pobres como ricos, tecnologia científica não se cansa de aplicar milhões de dólares, para a falta de pão, somente para os pobres, não há recursos, ou são jogados, diariamente, toneladas de mantimentos nos lixos não recicláveis. (KUNRATH, Pedro Alberto. *TEOLOGIA E Sociedade Relevância e Funções*, p.316).

profética e impôs sérios riscos aos tantos que lutaram pelas mudanças do *status quo* preponderante nesta parte do mundo.

Na América Latina, no período acima mencionado, as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla fizeram uma inequívoca opção preferencial pelos pobres, a despeito de isso só ter sido explicitado nominalmente na segunda conferência<sup>94</sup>, o que aconteceu de forma concomitante tanto em termos teológicos como pastorais. Tal posicionamento, de uma só vez, complementou e aprofundou as decisões emanadas do Concílio Vaticano II<sup>95</sup>.

É muito importante lembrar que no período compreendido entre as duas conferências uma empobrecida e economicamente dependente América Latina vivia

---

<sup>94</sup> [...] Nas conferências episcopais de Medellín e Puebla houve um grande empenho para que as novidades advindas do Concílio Vaticano II fossem adaptadas às realidades do continente Latino-Americano. Nesse sentido, foi dado um maior enfoque à questão da pobreza no continente. “Assim, em vez de se olhar para a questão social de forma universalista, o episcopado em conjunto teólogos locais trataram, aos olhos da fé, os grandes flagelos que fustigavam especificamente o povo latino: ” O Concílio Vaticano II terminou em 1965 e para 1968 foi convocada a II Conferência - Geral do Episcopado Latino-Americano – CGELA, em Medellín, Colômbia. Depois do texto pouco expressivo emanado da I CGELA, em 1955, no Rio de Janeiro, um conjunto de teólogos do continente vinha discutindo uma teologia e uma pastoral que respondesse aos problemas do povo da América Latina, especialmente o povo pobre. A II CGELA depositou todas as suas forças em ser uma tradução do Concílio Vaticano II para a América Latina, o próprio título do encontro reflete essa preocupação “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Além da específica reflexão teológica acerca desse assunto, a partir da possibilidade, aberta pelo Concílio Vaticano II, de utilização das ciências sociais como instrumento de mediação e leitura do mundo, os teólogos latino-americanos foram buscar uma resposta aos dramas do povo do continente para, a partir desse diagnóstico, realizar um julgamento dessa realidade a partir dos olhos da fé e uma ação condizente com esse julgamento [...]. (BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros e confrontos entre progressistas e conservadores na América Latina, p. 2-3).

<sup>95</sup> Lucelmo Lacerda Brito, mestre em história e doutorando pela PUC/SP elaborou um esclarecedor resumo sobre os bastidores das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla e os seus desdobramentos: [...] Logo após o Concílio Vaticano II (1962-1965) o episcopado da América Latina realizou um encontro com o intuito de interpretar os documentos conciliares à luz da problemática latino-americana. Reunidos em Medellín, Colômbia, em 1968, os bispos produziram um documento avançado, que iria sustentar a ação dos católicos progressistas no continente nos próximos treze anos, ao mesmo tempo em que assustava os conservadores. Em 1979, em Puebla, México, a reunião do episcopado para aprovar as novas diretrizes para a Igreja no continente recebeu forte intervenção do Vaticano, agora sob comando de um novo papa, João Paulo II, em apoio ao setor conservador. Ainda assim, o resultado foi um documento crítico, autor da célebre Opção Preferencial pelos Pobres [...]. Em Medellín, os progressistas conseguiram impor sua temática e sua linha no documento final. Ao invés de partir da dogmática para fazer um documento abstrato, doutrinário, optou-se pelo método da Ação Católica, o Ver-Julgar-Agir, que partia da realidade para julgá-la aos olhos da fé e atuar nela a partir desse julgamento [...]. (Ibidem, p. 1).

à mercê do jugo predador e opressor das nações economicamente desenvolvidas<sup>96</sup>. Para que possamos ter uma ideia um pouco mais clara desse verdadeiro circo de horrores, vejamos o quadro descrito por Andrade Filho<sup>97</sup>.

Em decorrência dessa cruel realidade constituída majoritariamente por um enorme contingente de miseráveis, autênticos párias sociais, parte dos setores responsáveis pela recepção e interpretação do CV II, passou a entender de forma diferenciada o modo de se exercer o poder na Igreja. Em termos pastorais, partindo dessa nova mentalidade ocorreu o desenvolvimento do movimento bíblico na linha do círculo bíblico no meio dos pobres<sup>98</sup>, as celebrações litúrgicas populares, o surgimento das comunidades eclesiais de base e o nascimento da teologia da libertação. Noutra

---

<sup>96</sup> Uma das grandes preocupações da ala progressista da Igreja Latina em Medellín referiu-se à questão econômica, tendo em vista a exploração inescrupulosa que os países economicamente desenvolvidos voltados única e exclusivamente para os seus próprios interesses praticavam contra a população da AL. Inclusive, a reflexão sobre tal problemática foi o que originou a Teologia da Libertação. “Os teólogos da América Latina encontraram na Teoria da Dependência as explicações que entenderam mais condizentes com a realidade do continente. A ideia central era a de que a condição de pobreza do continente não respondia a uma fase de seu desenvolvimento que se superaria com o avanço do capitalismo, mas a uma condição estrutural do capitalismo em sua configuração imperialista em que o subdesenvolvimento de parte do planeta cumpria um papel importante”. [...] Nesse texto (Medellín) apareceu com força a temática da libertação. Dom Paulo Evaristo Arns afirma que “A Teologia da Libertação viera a público na Assembleia de Medellín, em 1968” (Ibidem, p. 3).

<sup>97</sup> [...] Além dos fatores econômicos, é necessário ter uma consideração à dependência política. As estruturas políticas internas e externas de dominação deploram-se não somente a falta de participação política a subsistir em vários setores da população, mas também a tendência e consolidação de governos autoritários e antidemocráticos. Os regimes de força oprimem o povo de nosso continente e frustram o seu desejo de participação, as ditaduras militares produzem mecanismos de rigor e de repressão contra o povo que aspira a uma maior participação de seu destino. O povo é rechaçado do seu processo histórico. Aqui, só a elite do poder é sujeito da história. O povo sem participação é simples objeto. [...]. (ANDRADE FILHO, Francisco Antônio. *Igreja e Ideologias na América Latina Segundo Puebla*, p.22-24).

<sup>98</sup> [...] Se nas esferas econômica e política a AL encontrava-se em uma situação de dependência e subserviência ante aos grandes centros financeiros, no âmbito religioso, a falta de autonomia da Igreja local frente à europeia tornava-se, na opinião, de Andrade Filho, um fator de agravamento para a penosa situação do povo latino: [...] A Igreja romana implantada na América Latina, com exceção da teologia da libertação aqui originada, é de um estilo de pensamento inconfundivelmente europeu: pelos instrumentos conceptuais (sic) que utiliza, pelas categorias fundamentais que regem o desenvolvimento de seu discurso e pela constante vigilância exercida por Roma nos institutos teológicos deste continente. [...] Existe, na América Latina, uma situação de dependência nos campos econômico, político e religioso. Contra essa situação surge o movimento de libertação. Desencadeia-se o processo de libertação. A Igreja assume a linguagem na América Latina e entra no processo de libertação [...]. (Ibidem, p. 33-34).

vertente, a nova forma profética de se relacionar com o mundo desenvolvido adotada pelos países pobres gerou graves conflitos com as forças dominantes<sup>99</sup>.

Para o bem da verdade, é importante resgatar que as manobras para o esvaziamento de Medellín não partiram somente de autoridades militares ou dos lobbies capitalistas, mas também da ala conservadora do clero local, com ou sem o apoio de Roma<sup>100</sup>.

Adiante, veremos que a ala profética e combativa da Igreja pagou com o sangue de seus mártires um alto preço pela coragem e o destemor mostrados em seu enfrentamento com as forças dominantes de então<sup>101</sup>. Foi nessa realidade conturbada, que a III Conferência de Puebla aconteceu, que ainda inspirada pelos bons ventos do Concílio Vaticano II, intentou dar prosseguimento às conquistas e aos avanços duramente conquistados na conferência de Medellín, que havia acontecido

---

<sup>99</sup> [...] Em 1971, no Brasil, a comissão bipartite, uma comissão secreta, composta por membros da ditadura militar e por representantes da igreja católica, para mediar o conflito entre igreja e estado, debateu infrutiferamente a proposta dos militares de que se confeccionasse um documento de interpretação antissubversiva de Medellín e se distribuisse aos milhares em todas as paróquias do Brasil. [...] mas se no Brasil a proposta não foi à frente, algo similar ocorreu no mesmo ano no âmbito da América Latina. Em abril de 1971, na cidade de Itapoá, Bahia, ocorreu um encontro entre os presidentes de comissões episcopais de ação social de dez países latino-americanos. Segundo D. Eugênio Sales, o encontro foi fruto da desconfiança que o texto de Medellín suscitava, visando analisar se havia nele algo de errado e, em havendo, para introduzir as correções necessárias [...]. (BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros e confrontos entre progressistas e conservadores na América Latina, p. 4).

<sup>100</sup> Há toda uma articulação do episcopado conservador, que deságua na conquista do CELAM em 1972, com a eleição de Dom Lopez Trujillo como Secretário-Geral, embora o presidente eleito tenha sido Dom Aloísio Lorscheider, progressista. A principal tarefa de Trujillo foi combater a Teologia da Libertação, luta que se fez no episcopado do continente e no exterior. Em 1975 foi organizado, entre 2 e 6 de março, um Colóquio sobre a TL (sic) na Europa com a intenção de “impedir toda reinterpretação da fé cristã num programa social e político” (Ibidem, p. 4).

<sup>101</sup> [...] Nos anos sucessivos, toda a América do Sul (com exceção da Colômbia e da Venezuela) será arrastada para o torvelinho de sangue que o capital norte-americano impôs em aliança com as burguesias nacionais (que serão absorvidas pelo capital internacional). É o tempo de reabrir o Apocalipse e levar muito a sério o que diz a Sagrada Escritura: “Foi dada à Besta uma bica para proferir palavras grosseiras e blasfemas, com o poder de agir durante quarenta e dois meses. Ela pôs-se então a proferir blasfêmias contra Deus, blasfemando em seu nome, sua morada e seus habitantes do céu. Foi-lhe concedido também fazer guerra aos santos e vencê-los; foi-lhe dado poder sobre todas as tribos, povos, línguas e nações. E adorá-la-ão todos os habitantes da terra que não têm os nomes inscritos, desde a criação do mundo, no livro da vida conservado pelo Cordeiro que foi sangrado”. (Ap13, 5-8). [...] 1969 é um ano de violência. As torturas nas mãos de policiais se multiplicam. Sacerdotes, religiosos, leigos, são objeto de tratamento desumano. O padre Juan Talpe, já no Chile, [informa] que “as vezes se encontra o cadáver com as unhas das mãos e dos pés arrancadas, os olhos vazados e o corpo vergonhosamente mutilado [...]. (DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança*, p. 182 e 187).

dez anos antes. Contudo, avançar ou mesmo manter as conquistas alcançadas, representou uma tarefa hercúlea.

Medellín foi uma grande e grata novidade na realidade da Igreja da AL por dois motivos: por ter produzido um documento importante, ousado e inovador e também por ter sido o berço o berço do Cristianismo de Libertação. E isso sem contar as novas práticas eclesiais oriundas ali inauguradas balançou e desinstalou as hostes conservadoras da Igreja local de então<sup>102</sup>.

Já em 1979<sup>103</sup>, no momento da abertura da conferência de Puebla, a Igreja Católica local encontrava-se cindida em lados opostos, em um deles encontravam-se os conservacionistas, que tinham à frente o papa recém-eleito João Paulo II<sup>104</sup>. Esse

---

<sup>102</sup> Parte do clero latino americano e do Caribe, mesmo depois de Medellín, em vez de defender a causa dos pobres, mantinha uma proximidade constrangedora dos poderosos, situação corajosamente denunciada em 1971 pelo monsenhor Antulio Parrilla Bonilla, de Porto Rico: [...] A partir de dezembro do ano passado não me citaram mais para a reunião dos bispos. Trata-se de uma reclamação de reforma das próprias estruturas da Igreja, naquilo que ela tem, evidentemente de instituição eclesiástica (e não divina). Parece que não quisemos, em nível de conferência, tomar certas iniciativas que o Concílio claramente autorizou. Ainda achamos mais cômodo recorrer à Roma, e não nos sentimos muitos co-responsáveis em tal governo. As nunciaturas e as delegações apostólicas interferem excessivamente no governo das Igrejas particulares e, por seu caráter diplomático, os núncios e delegados criam obstáculos e muitas vezes impedem indevidamente e imprudentemente, as ações de muitas conferências. [É preciso rever a estrutura e o caráter das nunciaturas e das delegações, no caso de serem necessárias, que sejam servidoras e não dominadoras das Igrejas particulares [...] As conferências devem estabelecer que se possa discordar entre os bispos, até mesmo publicamente, em questões opináveis [...] Deve ser revista a forma de eleição dos bispos e dar oportunidade, de alguma forma eficaz, ao clero e aos leigos, de participar da escolha de seus pastores [...] Damos sempre uma , falsa ou verdadeira, de riqueza e de poder. Continuamos identificados com os ricos e os poderosos. Aceitamos benzer os seus estabelecimentos, tais como bancos, empresas capitalistas, quartéis militares e armas [...] Por fim, esquecemos que somos testemunhas [...]. (Ibidem, p. 177).

<sup>103</sup> A III Conferência estava marcada para 1978, porém, a morte do papa João Paulo I impediu que o evento ocorresse na data prevista. Passada a eleição de João Paulo II, em 16 de outubro de 1978 estabeleceram-se duas posições no interior do episcopado latino-americano. Um grupo defendia a realização do evento em janeiro de 1979, utilizando a estrutura já montada, sob risco de arcar duas vezes com os mesmos custos. Esse grupo tinha ainda um outro motivador para sua posição, as eleições do CELAM seriam em março de 1979 e a correlação de forças no momento apontava para uma provável vitória das correntes progressistas. O adiantamento do evento garantiria um maior controle dos conservadores sobre sua realização, ademais, havia a esperança de que a presença de João Paulo II contribuísse com uma mudança na correlação de forças para impedir a vitória progressista no CELAM nas eleições que se seguiriam. (Ibidem, p.5).

<sup>104</sup> Como se saberia depois, a eleição do papa polonês foi o ponto de partida da reviravolta conservadora na Igreja. João Paulo II iniciou seu papado em combate. Se três foram seus alvos principais, a saber, o comunismo, a Teologia Liberal europeia e a Teologia da Libertação, foram sobre os libertadores que se deu sua primeira empreitada. A primeira viagem de João Paulo II foi para o México, para acompanhar/intervir a III Conferência - Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979, na cidade de Puebla, México. (Ibidem p.5).

grupo, além de rejeitar os avanços de Medellín, queria suprimi-los<sup>105</sup>. Enquanto isso, do lado oposto, postavam-se os liberais, defensores corajosos de um segmento radical dos ensinamentos de Jesus Nazaré, e ancorados nos preceitos da Teologia da Libertação. Além as divergências de ordem teológica e eclesiológica, o capitalismo e marxismo, de forma latente, acirravam ainda mais as animosidades entre as partes.

Todo o Documento de Consulta (DC) foi estruturado segundo o método Ver, Julgar e Agir, já consagrado em Medellín. Entre os diversos assuntos abordados no DC, a desgraça da injustiça social foi entendida como sendo um pecado que deveria ser combatido. E por conta de o referido documento seguir os mesmos postulados da *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (EN)<sup>106</sup>, reafirmou que o caminho da evangelização deveria, obrigatoriamente, passar pelo viés da promoção da dignidade humana, motivo pelo qual postulou uma opção preferencial pelos pobres, não ignorando, contudo outros segmentos da sociedade, que por conta da realidade latino-americana de então necessitavam de uma atenção especial do episcopado naquele delicado momento histórico. No tocante aos pobres, vale frisar, que o Documento de

---

<sup>105</sup> Outro acontecimento importante ocorrido foi a proibição da presença dos teólogos assessores dos bispos, num mecanismo de marginalização dos teólogos da libertação da confecção do texto final. Esses teólogos haviam desenvolvido uma grande quantidade de pesquisas e reflexões que compunham o quadro das manifestações teológicas das conferências episcopais, dioceses, entre outros, constituindo um verdadeiro braço teológico desses bispos. Ao invés de assumirem igual posição na Conferência, foram nomeados outros teólogos como peritos, todos na linha conservadora do Vaticano. [...] Em 10 de fevereiro, Trujillo flagrou o cardeal Arns sendo orientado por Leonardo Boff e Jon Sobrino (curiosamente dois teólogos posteriormente condenados pelo Vaticano), pediu a saída dos teólogos e mandou reforçar a segurança do evento, proibindo inclusive que qualquer documento fosse passado para dentro do evento por qualquer pessoa. (Ibidem, p.6).

<sup>106</sup> [...] A Exortação Apostólica do Papa Paulo VI ao Episcopado, ao Clero, aos Fiéis de toda a Igreja, sobre a Evangelização no mundo contemporâneo. Esta Exortação Apostólica, que foi chamada a Carta Magna do Pontificado de Paulo VI, foi apresentada por esse Papa, em dezembro de 1975. Ela determina uma mudança na orientação para toda a Igreja, é como um marco, antes e depois dela: 14. A Igreja sabe-o bem, ela tem consciência viva de que a palavra do Salvador, "Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus", (34) se lhe aplica com toda a verdade. Assim, ela acrescenta de bom grado com São Paulo: "Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho". (35) Foi com alegria e reconforto que nós ouvimos, no final da grande assembléia de outubro de 1974, estas luminosas palavras: "Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja";(36) tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. (PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, §14).

Consulta de Puebla<sup>107</sup> abordou essa questão a partir de uma perspectiva acentuadamente teológica, estratégia adotada para minimizar, o quanto fosse possível, as questões ideológicas que envolviam e referido tema<sup>108</sup>.

Comblin também observa que se em Medellín a ala conservadora da Igreja esteve presente em pequeno número, por entender que o CELAM não tinha importância e que a conferência seria irrelevante e não afetaria a vida de suas dioceses, idêntico erro de avaliação não se repetiria Puebla<sup>109</sup>. Como pôde ser visto rapidamente nos excertos acima, a III Conferência transcorreu em um clima de grande tensão, isso porque enquanto de um lado posicionava-se a ala progressiva da Igreja da AL, que atuava profeticamente, inspirada pelos ventos renovadores do Concílio Vaticano II e inteira e corajosamente comprometida com as propostas emanadas da Conferência de Medellín. Esse grupo sedento por mudanças profundas ansiava e efetivamente lutava, pelo desabrochar de uma igreja inteiramente comprometida com a dura realidade da AL, carcomida pela pobreza, dilacerada pelas ditaduras militares, desfigurada pela violência urbana e arrasada economicamente pela gananciosa e desumana exploração econômica promovida pelos países desenvolvidos e suas multinacionais.

---

<sup>107</sup> O Documento de Consulta (DC) foi objeto de diversas críticas. Leonardo Boff, por exemplo, reportou-se a ele da seguinte forma: O documento é decepcionante não atende às grandes expectativas da Igreja continental que espera ser reafirmada a caminhada dos últimos anos. Sente-se em todas as partes a vontade de frear, de reprimir posições do passado e polemizar. Falta no texto um senso de realidade em dois sentidos: não detecta com pertinência os problemas sociais do Continente, não se esforça para ir às causas que os explicam e a proposta que oferece para o seu equacionamento recente de uma velha fórmula, totalmente inviável no contexto do mundo atual: a gestação de uma cultura, de uma civilização de amor. (BOFF, Leonardo. *Ilusão de uma Nova Cristandade: crítica à tese central de consulta para Puebla*, p. 3).

<sup>108</sup> [...] A Guerra Fria estava no auge, como no auge estavam os regimes militares e as perseguições contra "a Igreja de Medellín". No auge, também estava na Igreja, o conflito entre as duas linhas pastorais. Tais linhas eram, em parte, reflexo da situação política [...]. COMBLIN, José. *Puebla: Vinte Anos Depois*, p. 231).

<sup>109</sup> [...] "Porém, depois de Medellín, os conservadores passaram por um momento de pânico: descobriram sinais de perigo. Assim articularam sua reação". [...] A ofensiva conservadora articulou-se ao redor de temas bem determinados: queriam a condenação da Teologia da Libertação, das Comunidades Eclesiais de Base, da CLAR (Conferência Latino Americana de Religiosos) e da interferência dos padres e religiosos na "política". Os conservadores percebiam muito bem que tudo aquilo constituía uma revisão total da linha tradicional das Igrejas latino-americanas. [...] Ibidem, p. 231).

João Paulo II, no discurso de abertura de Puebla, admoestou severamente a ala liberal da Igreja por conta de seu comprometimento com a TdL, que propunha um caminho político para combater as inúmeras mazelas que assolavam o continente, mesmo que isso não significasse abandonar a via pastoral. Por seu lado, a ala conservadora da Igreja Latina, apoiada na Teologia do Amor, atuava com todas as suas forças para despolitizar a Igreja. À época, ao analisar o antagonismo vigente entre eclesiologias tão conflitantes e aparentemente excludentes, Leonardo Boff, mostrou-se um tanto receoso quanto aos possíveis resultados de Puebla<sup>110</sup>. Luiz Alberto Gómez de Souza, pelo fato de ter estado muito próximo dos acontecimentos da III Conferência, nos dá uma visão muito próxima da ação verdadeiramente *parresiástica*, que foi de importância capital para os avanços conquistados a duras penas em Medellín não fossem definitivamente perdidos em Puebla.<sup>111</sup>

Finalizando esse sobrevoo é possível constatar que mesmo considerando a forte intervenção romana em Puebla, ainda assim foi possível a produção de um texto relativamente progressista, sobretudo na afirmação da Opção Preferencial pelos

---

<sup>110</sup> [...] A proximidade da III Conferência Episcopal Latino-americana em Puebla levanta expectativas, mas também ceticismo. [...] Há os que esperam dos bispos uma opção mais decidida pelo povo e com o povo; uma condenação profética do Capitalismo (especialmente do Imperialismo) e suas consequências econômicas (exploração, desigualdade etc.) e política (regimes militares etc.) uma convocação aos cristãos para se engajarem mais corajosamente nas lutas políticas, uma estimulação particular ao movimento das CEB (Comunidades Eclesiais de Base) e seus novos ministérios. [...] Reivindica uma representatividade maior da Comunidade eclesial, que não é a hierarquia [...] Só então a Conferência seria eclesial e não episcopal. [...] Mas há também os cétricos, [...] acham que também os bispos, pela posição que ocupam, são incapazes de propor soluções radicais, como a situação exige. [...] Em seguida, parece-lhes que, com a publicação do Documento de Consulta (DC) a sorte já está lançada. E este documento tem pressupostos sociológicos e eclesiológicos que o levam ao “terceirismo” – o de uma nova cristandade – negócio já liquidado para muitos. Neste ponto o povo continua sendo tratado como massa de manobra, objeto de ação da igreja e não sujeito. [...] (BOFF, Leonardo. *Ilusão de uma Nova Cristandade: Crítica à Tese Central de Consulta para Puebla*, p. 5-6).

<sup>111</sup> Analisando de perto as discussões nas comissões de Puebla e a elaboração das diferentes versões de seus documentos, salta à vista o contraste entre a força das experiências vitais da pastoral popular e de uma reflexão teológica vigorosa em torno ao tema da libertação e a falta de resultados significativos dos setores tradicionais, com seus discursos vagos, carregados de lugares comuns, enredados em medos e cautelas. Os primeiros impuseram-se naturalmente, à medida que se faziam presentes nos debates. Isso era bem claro, aliás, nas entrevistas com a imprensa, onde era possível sentir o impacto de certos testemunhos (Cardeal Arns, D. Moacyr Grechi, do Acre, D. Leonidas Proano, de Riobamba no Equador, Pe. Arrupe, superior dos jesuítas) e a impaciência diante de intervenções gerais ou apenas acauteladoras, frequentemente pequenos sermões de conselhos piedosos. O mesmo ocorria no interior do encontro, onde intervenções mais incisivas Convenciam e superavam incertezas e dúvidas, contagiando todos aqueles que não tinham a mente e o coração fechados, e procuravam entender os caminhos misteriosos por onde ia soprando, através de práticas, às vezes surpreendentes, o Espírito de Deus. SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. *A Caminhada de Medellín a Puebla*, p. 231.

Pobres. Porém, um resumo mais abalizado sobre esse marco histórico da Igreja latino-americana foi dado por Comblin, por intermédio das seguintes palavras: *“Puebla ainda se mantém viva na consciência católica, e que sua lembrança aflora espontaneamente”. E complementa: “Muitas vezes Puebla vem associada a Medellín, como se Puebla e Medellín formassem um só fato, uma só referência”*<sup>112</sup>.

Ainda de acordo com Comblin, Medellín e Puebla representaram a tomada de consciência e a afirmação da personalidade própria da Igreja latino-americana, que finalmente chegara à sua maturidade: *“Antes de Puebla, a Igreja latino-americana via-se a si mesma como o prolongamento da Igreja europeia, a franja periférica que se contentava em seguir os movimentos imprimidos nas Igrejas mais antigas, da Itália, da França, da Espanha, eventualmente, da Alemanha”*.<sup>113</sup>

### 3.6 A Teologia da Libertação e a *Parresía*.

A TdL, por ser uma teologia eminentemente histórica, se alicerça no chão da história para a partir dele pensar e elaborar os seus conteúdos de fé, e até mesmo os exclusivamente transcendentos. Logo, sua própria denominação nada mais é do que a “historicização” do central da fé cristã, que considera salvação como sinônimo de libertação.

Em decorrência das características aludidas, é possível afirmar que a TdL é uma teologia *parresiástica*<sup>114</sup>, ou seja, profética em sua gênese e natureza, ao

---

<sup>112</sup> (COMBLIN, José. Puebla: Vinte Anos Depois, p. 205).

<sup>113</sup> (Ibidem, p. 205).

<sup>114</sup> Por conta de sua veia profética, teólogos ligados à teologia da libertação, não raras vezes, foram admoestados por Roma, que não simpatizava com algumas das ideias mestras da TdL. Um dos teólogos advertido foi Jon Sobrino: Jon Sobrino causou certa polêmica com a Igreja Católica por conta de sua cristologia. Por causa disso a Congregação para a Doutrina da Fé emitiu uma Notificação de cautela para Sobrino por ele não abordar de maneira clara os axiomas postulados pela cristologia dos concílios. É claro que Sobrino não foi o último e muito menos o primeiro a sofrer sanções por parte da “Igreja das notificações”. Todos aqueles que ousam pensar com outros pressupostos pagam um preço alto na Igreja romana. Aconteceu com Sobrino o mesmo que com Leonardo Boff e sua sentença de silêncio. O fato é que Sobrino contribuiu para uma cristologia libertadora na América Latina e desafia a todos para um compromisso com o Reino de Deus, nem que para isso seja morto. Isso porque, Sobrino foi colaborador e amigo de Dom Oscar Romero, assassinado enquanto celebrava uma missa no dia 24 de março de 1980, Sobrino o considera um mártir do Reino. O mesmo aconteceu com Ignacio Ellacuría

desmascarar e denunciar primeiramente o pecado histórico.<sup>115</sup> Este aspecto faz dela uma teologia praxica, que se interessa pela transformação da realidade histórica quando esta avilta e até mesmo destrói a vida de muitos em benefício do privilégio de poucos.

Resumindo, a TdL é uma teologia prática que vê no povo, em sua dupla dimensão de coletividade e de maiorias oprimidas, o real destinatário de sua ação e, ao mesmo tempo, o sujeito de sua produção teológica. Nesse sentido, é uma teologia totalizante sem ser totalitária, por se comprometer com a busca do Reino de Deus celeste dentro de nossa realidade terrestre.<sup>116</sup> A dimensão salvífica do Reino beneficia a todos sem exceção, pois salvaguarda o que é essencial à condição humana. Deste aspecto decorre o seu caráter totalizante.

Genericamente falando, o saber teológico de forma geral, elabora racionalmente as verdades da fé e tira delas novas conclusões. Porém, nenhuma

---

e com outros bispos de El Salvador. (GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e Práxis Pastoral. Uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino, p. 34).

<sup>115</sup> A Teologia da Libertação é um fruto brotado em uma América Latina espoliada, vilipendiada e oprimida há muitos séculos pelos interesses econômicos dos países ricos que veem esta parte do mundo como um mero repositório de matérias-primas e o seu povo sofrido apenas como mão de obra barata a ser explorada sem piedade. Vejamos como um autor latino enxerga e interpreta esse cenário: “O livro *“As veias abertas da América Latina”* do autor uruguaio Eduardo Galeano nos ajuda a ter uma noção histórica do contexto latino-americano ou da práxis histórica sobre a qual a Teologia da Libertação tem o foco”. Galeano diz que na divisão internacional do trabalho há países que se especializam em perder e outros em ganhar, diz que nossa comarca do mundo, América Latina, especializou-se em perder desde cedo, desde o tempo em que os europeus do Renascimento se abalçaram pelo mar e encravaram suas presas em sua garganta. Com o passar dos séculos a América Latina aperfeiçoou suas funções. Já não é o reino das maravilhas, onde a realidade derrotava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus das conquistas, as jazidas de ouro e prata. Mas continua sendo serviçal, atendendo a necessidades alheias, pois é fonte de petróleo e ferro, cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que ganham muito mais, consumindo-os, do que a América Latina ganha produzindo. (GALEANO, Eduardo. *As Veias Abertas da América Latina* p. 17. APUD: TIMOTHEO DA SILVA, João Paulo. *Teologia da Libertação: origens, crítica e atualidade*, p. 66).

<sup>116</sup> [...] Ignacio Ellacuría é da opinião de que tanto “os conceitos de ‘Povo de Deus’ como de ‘Reino de Deus’ foram desvalorizados e desfigurados ao serem referidos direta, imediata e totalmente ao conceito de ‘Igreja: “A centralidade no Reino de Deus ajuda a superar dois perigos práticos”. Um, o grave perigo sempre iminente na história de identificar o Reino de Deus com a Igreja. O Reino garante que a Igreja não fuja do mundo, pois o Reino é mundo, como também que não seja configurado conforme o mundo, pois o Reino é de Deus. Levar a sério o Reino é o que possibilita e exige que a Igreja seja mundanal, mas não mundana. Outro, o Reino de Deus evidencia claramente a maldade do mundo, ou seja, as estruturas de pecado que configuram o antirreino [...]. APUD ZANINI, Rogério Luiz. *O Reino de Deus e as Vítimas da História: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*, p. 37).

teologia nasce no vácuo, haja vista que é tributária dos elementos condicionados ao tempo e espaço em que é elaborada. E assim aconteceu com a TdL, originária da América Latina das décadas de 60 e 70, que, entre outros problemas, vivia mergulhada na miséria, na desigualdade social e na violência. Em termos teóricos, a TdL significou ainda um movimento de libertação ante à teologia europeia<sup>117</sup>.

Apesar de o pensamento acima ter sido formulado há mais de trinta anos e de certas eclesiologias terem tentado desmerecer e suprimir a TdL, sua proposta libertadora continua ainda hoje viva, atual e pertinente. Antônio Manzatto é outro teólogo que enxerga na TdL uma alternativa válida para a vivência de um cristianismo comprometido com a vida e com os pobres<sup>118</sup> Também Libânio faz uma reflexão assaz interessante com a qual diferencia a TdL de outras teologias.<sup>119</sup>

Ao longo dos anos, e por conta de seu caráter franco e profético, essa corrente teológica e os teólogos<sup>120</sup> que a defendem foram objeto de críticas, admoestações e

---

<sup>117</sup> [...] Hoje, a teologia, principalmente a latino-americana de liberdade, aparece mais como uma reflexão crítica sobre a práxis do que mesmo como um conjunto de teoria abstracionista e desvinculada do histórico. A reflexão teológica da América Latina aceitou o desafio vindo da realidade de dependência. Conseguiu, a muito custo, libertar-se dos esquemas de uma teologia orientada para a ortodoxia e para a limpidez das fórmulas sem vinculação com a práxis histórica da fé cristã e começou a pensar os seus próprios problemas concretos. A marginalização e pobreza de milhões não é apenas uma constatação histórica científica. Para a fé significa a corporificação do pecado e da injustiça. Vê na práxis histórica latino-americana a recusa do desígnio de Deus. Fazer teologia não é mais buscar a “sabedoria”, nem buscar na fé verdades abstratas através da racionalidade metodológica. Fazer teologia, hoje, significa refletir criticamente sobre a práxis da fé cristã. [...] (ANDRADE FILHO, Francisco Antônio. *Igreja e Ideologias na América Latina Segundo Puebla*, p. 47-48).

<sup>118</sup> A Teologia da Libertação trabalha os pontos afirmados em Medellín: a aproximação fé-vida como caminho para viver o cristianismo; o compromisso com os pobres, sobretudo por meio das comunidades de base; releitura dos conteúdos da teologia, privilegiando os pobres; a ação política como forma de superar as atuais injustiças sociais. Essa maneira de fazer teologia, que vai se sistematizando aos poucos, explica os caminhos pastorais trilhados pela Igreja latino-americana na década de 70 e aponta para os compromissos assumidos em Puebla. Na verdade, é esse pensamento que conduz a Igreja da América Latina de Medellín a Puebla. (MANZATTO, Antônio. De Medellín a Puebla, p. 5).

<sup>119</sup> A TdL diferencia-se das outras teologias não porque não se refira à Revelação. Nisso todas as teologias se igualam. Mas porque essa referência a partir de situação nova, diferente: a de nosso continente cristão, sob a tensão da dominação e da liberdade. E noutro momento acrescenta: A TdL quer ser uma reflexão crítica da própria prática teológica, das práticas pastorais das comunidades cristãs e das práticas político-sociais do cristão e do ser humano como tal. Portanto, temos três níveis de práxis: prática intrateológica, intraeclesial e sociopolítica. A teologia não se pode restringir somente a alguma delas. (LIBÂNIO, João Batista. *A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura*. p. 172-182).

<sup>120</sup> Na página 53 de sua tese de mestrado, intitulada *Teologia da Libertação: origens, crítica e atualidade*, TIMOTHEO DA SILVA, enumera os nomes de alguns dos acusados de serem teólogos da libertação, em decorrência do que passaram a ser desacreditados e evitados para evitar a

perseguições movidas pela Cúria Romana e seus representantes locais. Tais acontecimentos validam plenamente o que foi postulado por Foucault no tocante a *parresía*, ou seja, que quem faz uso dessa virtude incorre em perdas e, em seu limite máximo, põe a vida do *parresiásta* em risco.<sup>121</sup>

Caso fosse necessário, seria possível aumentar ainda em muito a relação de acusados, acusadores e acusações naquilo que concerne à TdL. Entretanto, insistir nessa linha além de não agregar valor ao trabalho, apenas o tornaria repetitivo. Por certo, os exemplos dados até o momento já são suficientes para mostrar a verve *parresiástica* dessa corrente teológica, que por se assentar na prática de Jesus de Nazaré e no árido solo da história da América Latina expõem os seus seguidores a uma enormidade de riscos e provações, que no final das contas são as mesmas sofridas pelo Nazareno, quando em seu tempo enfrentou os opositores do Reino.

---

contaminação das almas inocentes dos fiéis, são eles: Gustavo Gutiérrez, Juan Luis Segundo, Ronaldo Muñoz, João Batista Libânio, Luiz Carlos Susin, Cleto Caliman, Leonardo Boff, Carlos Palácio, F. Taborda, Agenor Brighenti, Jon Sobrino, I. Ellacuría, Pedro Trigo, Luis del Valle, Carlos Bravo, Miguel Concha, Virgilio Elizondo, Hugo Echegaray, Víctor Codina, Alberto Parra, Roberto Oliveros, José Luis Caravias, Pablo Richard, Paulo Suess, Diego Irrarázaval, Marcelo Barros, Juan Hernández Pico. (TIMOTHEO DA SILVA, João Paulo. Teologia da Libertação: Origens, Crítica e Atualidade, p, 53).

<sup>121</sup> [...] Quando o padre Roger Vekemans depois de Medellín declarou guerra a Gustavo Gutiérrez prometendo que iria destruí-lo. Deixando o Chile foi para a Colômbia onde fundou um centro dedicado exclusivamente a atacar e denunciar a Teologia da Libertação. Vekemans acusava a Teologia da Libertação de ser uma fachada onde escondia o marxismo na Igreja. Vekemans fundou uma revista que sempre fazia as mesmas denúncias [...] Vekemans fornece toda uma documentação a Alfonso Lopez Trujillo para atacar os teólogos da libertação. Trujillo fora mais adiante. Até mesmo a Instrução Libertatis Nuntius do cardeal Ratzinger, [...] repete todos os argumentos de Vekemans. Diz ser verdade que o Papa João Paulo II declarou a Teologia da Libertação como morta, e abgora Roma descobrindo que ela não está totalmente morta quer dar um golpe final. [...]. (TIMOTHEO DA SILVA, João Paulo. Teologia da Libertação: Origens, Crítica e Atualidade Teologia da Libertação: origens, crítica e atualidade p.54).

### 3.7 *Parresía* e Martírio na América Latina.

Como foi possível verificar desde o início deste trabalho, o exercício da *parresía*, como virtude, é algo que põe em risco todos aqueles que se colocam em oposição aos poderes estabelecidos em qualquer uma de suas instâncias, quando estes deixam de preservar o direito e a justiça. Em decorrência disso, ao longo dos séculos, o seguimento fiel aos ensinamentos de Jesus de Nazaré gerou incontáveis perseguições, torturas e mortes.

A despeito de a questão do martírio<sup>122</sup> se manifestar desde o cristianismo embrionário, é importante voltar o olhar para a história contemporânea da Igreja na América Latina e analisar os lugares em que os verdadeiros princípios cristãos foram realmente vividos. Contudo, nos ocuparemos apenas em tratar de alguns dos muitos mártires contemporâneos, que nas últimas décadas do Século XX. tiveram o sangue derramado em solo latino-americano, por levantarem sua voz profética e destemida em favor daqueles que nunca tiveram vez ou voz.

Na América Latina das décadas de 60 e 70, a exploração das classes subalternas pelo grande capital, de modo mais fragante o estrangeiro, fez com que profetas nativos, alicerçados nos valores do Evangelho, se interpusessem energicamente contra o poder destrutivo de um capitalismo selvagem e desumano. Nesse cenário, muitos mártires, religiosos ou não, tombaram pelas mãos de

---

<sup>122</sup> José Comblin, em seu tomo *O Povo de Deus*, nos dá importantes pistas sobre a importância da figura do mártir para o cristianismo: "O martírio de Jesus é o sinal sempre presente, sempre consciente na vida de todos os cristãos. A imagem do crucificado é de longe a mais popular, a que mais espelha; é a imagem do herói mártir, o crucificado. [...] Nos primeiros séculos os mártires ocuparam na Igreja lugar insuperável. Sem eles a Igreja não teria sobrevivido nem mantido a unidade. Viviam sem cessar na memória do povo cristão. Eram o verdadeiro povo cristão, como celebram os escritores daquele tempo. Mesmo depois das perseguições, a lembrança dos mártires dos primeiros séculos esteve sempre em primeiro lugar. Não somente a liturgia, mas inúmeros santuários, relíquias e devoções transmitiram a memória dos mártires, sustentando a fé dos cristãos nas circunstâncias mais penosas da vida. Até a poucas gerações, a morte dos mártires eram objeto de leitura frequente nos lares cristãos. [...] O que sempre levantou o ânimo dos cristãos foi a consciência de pertencer à Igreja dos mártires. A consciência do povo de Deus manteve-se apesar de tanta corrupção no decorrer dos séculos, porque a Igreja ainda se definia como Igreja dos mártires, mesmo quando ela mesma produzia mártires e matava hereges ou infiéis. No meio de tantos espetáculos tristes havia a celebração dos mártires. Pelo menos eles eram a imagem da Igreja que se queria". (COMBLIN, José. *O Povo de Deus*, p. 173).

carrascos oficiais e sob o olhar indiferente de uma Igreja que por conta e contingências históricas perdera o que lhe era essencial.<sup>123</sup>

Um profeta, que realiza uma forma particular de *parresía*, independentemente do vocábulo que se utilize para se reportar a esse tipo singular de pessoa, lança mão da palavra verdadeira em prol do outro, sem nada esperar em troca. O profeta encarna de forma radical o modo de ser cristão, ou seja, é alguém que, movido por uma fé inabalável, anuncia o bem e denuncia o mal. Com esperança de reverter as práticas de dominação, ele enfrenta as injustiças, os percalços do caminho e as ofensas. Enquanto caminha, doa tudo o que tem pela causa do Reino, inclusive suas próprias vidas<sup>124</sup>.

---

<sup>123</sup> [...] Nos tempos recentes os mártires foram mortos pelos governos constituídos ligados às classes dominantes ou por proprietários de oligarquias dominantes, geralmente amigos de sacerdotes ou bispos, e que se proclamavam os grandes defensores da fé. Esses matavam em nome de Deus. Não queriam perseguir a religião no sentido que eles entendiam. Esperavam da Igreja um comportamento de apoio à autoridade e à propriedade, e achavam que o papel da Igreja era pregar a obediência incondicional a qualquer autoridade de fato. Perseguiram, prenderam, torturaram e mataram em nome da ideia que tinham da Igreja. Como Jesus tinha anunciado, mataram os seus discípulos pensando servir a Deus. Os mártires morreram para defender o verdadeiro sentido do cristianismo e da Igreja [...]. (Ibidem, p. 175).

<sup>124</sup> [...] No continente inteiro existe a veneração a D. Oscar Romero – que o povo e as Igrejas já canonizaram, embora a Igreja romana esteja demorando. Na Argentina existe a veneração a D. Enrique Angelelli; [...] na Guatemala D. Juan Girardi. Alguns sacerdotes martirizados permanecem também na memória do povo: O Pe. Rutilio Grande, na República de El Salvador, o jesuíta que era confessor de D. Oscar Romero; [...] o Pe. Bosco Penido Burnier, de São Felix do Araguaia; [...] o Pe. Hector Gallegos, do Panamá. E naturalmente os seis jesuítas da UCA, em Salvador, sendo o mais conhecido Ignácio Ellacuria [...]. (Ibidem, p. 175).

### **3.8 Mudar para Voltar ao Caminho de Jesus.**

Seria incorreto e injusto ignorar tudo aquilo que a Igreja Católica fez e ainda faz em prol da humanidade. Ainda hoje, comunidades eclesiais de todo o mundo realiza um grandioso e incansável trabalho de mobilização seja em favor da evangelização ou da ação social. Em todo o globo, homens, mulheres, sacerdotes, religiosos e religiosas entregam suas vidas ao seguimento de Cristo e em favor ao próximo, o que se revela um autêntico testemunho de fé.

A despeito disso, como visto no decorrer deste trabalho, em muitas ocasiões ao longo desses vinte séculos, a Igreja, por conta de sua face humana e pecadora, deixou de viver o autêntico seguimento de Jesus de Nazaré. E todas as vezes em que isso aconteceu ela perdeu grande parte da eficácia no exercício de seu múnus evangelizador. E nessas ocasiões, Infelizmente, quem mais perdeu foi o povo de Deus, que em diversas ocasiões ficou perdido tal qual a uma ovelha sem pastor, correndo com isso o risco de ser seduzido por falsos pastores e se afastar da proposta do Reino de Deus.

Basta uma rápida olhada nas páginas dos jornais e revistas de grande circulação das últimas décadas para nos depararmos com relatos de pedofilia acobertados, desvios financeiros, intrigas por poder e outros escândalos envolvendo membros do alto e do baixo clero. Fatos que redundaram em uma significativa perda de fieis em todos os continentes.

Quando esses e outros desvios surgem de forma recorrente no caminho daqueles que anseiam e precisam conhecer Jesus de Nazaré, o que talvez represente um dos maiores desafios aos teólogos de hoje, o pensar teológico deve, obrigatoriamente, ser exercitado à luz da Sagrada Escritura, especialmente dos

Evangelhos, porém sem desprezar ou prescindir do auxílio de outros saberes, para as ovelhas perdidas possam retornar ao redil de seu Senhor, o Bom Pastor<sup>125</sup>.

Levando-se em conta a situação atual da Igreja e a contribuição de pensadores preocupados com os rumos da Igreja, serão apresentados alguns dos desvios verificados na práxis da Igreja hodierna e alguns sinalizadores para a sua correção de rota. E para isso, será utilizada a obra *Por uma Igreja do Reino: Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*, de Adriano Sella, que faz suas as palavras do cardeal Martini, o qual elenca um extenso rol de mazelas constatadas na igreja, como por exemplo, o carreirismo, em favor do qual a verdade e o Evangelho chegam a ser preteridos <sup>126</sup> como também a vaidade <sup>127</sup>. Outro ponto aventado por Sella, que coaduna inteiramente com a linha de raciocínio desenvolvida neste estudo, diz respeito à exigência ética de existir plena coerência entre aquilo que um mestre professa e efetivamente pratica situação.e que como vimos, materializou-se verificável tanto na vida do ateniense Sócrates como na de Jesus de Nazaré. Todavia, e a despeito de tal comportamento ser algo óbvio e esperado da Igreja, na prática, nem sempre acontece, o que se torna um grande obstáculo à evangelização nestes dias<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> (Cf. Jo 10,1-21).

<sup>126</sup> [...] Há demasiados anseios dentro de nós, gostamos mais do aplauso do que da via [...] Vaidade, inveja e calúnias, vícios capitais também na Igreja [...] Todos esses pecados. Sem exceção alguma, têm sido cometidos na história do mundo, mas não só. Têm sidos cometidos também na história da Igreja. Por leigos, mas também por sacerdotes, irmãs, religiosos, cardeais bispos também por papas. É mister uma renovação da mente. [...] O vício clerical por excelência. A inveja nos leva a dizer: “Por que aquele outro obteve o que era para mim”?! Há pessoas arruinadas pela inveja que dizem: “O que fiz de mal para que esse nomeado bispo e eu não? ” [...] Infelizmente, há padres que se propõem chegar a bispo e conseguem. Há bispos que não falam porque sabem que não serão promovidos a uma sede mais importante. Outros não falam para bloquear a própria candidatura ao cardinalato. Devemos pedir a Deus o dom da liberdade. Somos chamados a ser transparentes, a dizer a verdade. Uma grande graça é necessária. Mas, quem sai disto é livre. [...] Também na Cúria romana cada qual quer ser mais. Resulta uma certa censura inconsciente nas palavras. Certas coisas não se dizem porque se sabe que freiam a carreira. Este é um mal gravíssimo da Igreja, sobretudo aquela ordenada segundo a hierarquia, porque nos impede de dizer a verdade. [...] (SELLA, Adriano. *Por uma Igreja do Reino: Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*, p,32-33).

<sup>127</sup> E poderia acrescentar que é grande a vaidade da Igreja. Grande. Mostra-se no vestir. Houve tempo que também os cardeais tinham seis metros de cauda de seda. Mas continuamente a Igreja se desposa e se reveste de ornamentos inúteis. Tem essa tendência à ostentação. (Ibidem, p.33).

<sup>128</sup> [...] “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres é porque são testemunhas” (n. 41): é a célebre frase passagem da exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI que nos dá a entender como o mundo tem

Tais casuísticas, mesmo não sendo globalizantes, são suficientes para mostrar a face de uma Igreja que, embora e felizmente não represente o seu todo, se retraiu frente às novidades advindas do Concílio Vaticano II e das conquistas de Medellín e Puebla. Todavia, como diz o velho dito popular: “Não há bem que seja eterno e nem mal que sempre dure”. A ação do Espírito fez com que Francisco ascendesse ao papado e suscitasse no povo de Deus renovada esperança.

---

necessidade de testemunhas mais que de mestres. [...] A Igreja se apresentou, sobretudo no segundo milênio, sempre mais com o rosto de mestra de todos de todos, sempre ensinando e talvez somente amestrando. Como expressão desse empenho, foram elaborados muitos documentos oficiais e no nível pastoral aparece muitos catecismos. [...] O ensinamento geralmente fica restrito às pregações feitas dos púlpitos em forma de ensinamento. [...] O testemunho se funda, pois, não tanto no ensinamento, mas no discipulado. É o que fez Jesus Cristo: antes de ensinar os apóstolos e os discípulos, os chama a segui-lo e, antes de enviá-los a anunciar o Evangelho, os conduz a fazer uma forte experiência de discipulado caminhando com Ele pelas estradas da Palestina, encontrando o povo, escutando-o e vendo com os próprios olhos seus gestos e escolhas de vida. [...] É essa experiência de vida com o Mestre que torna os discípulos capazes de viver o Evangelho com a própria vida e de testemunhá-lo com o anúncio. [...] A Igreja deve recuperar essa dimensão evangélica de discipula de Jesus Cristo e o faz quando se põe a caminho com o ressuscitado pelas estradas de hoje: as muitas estradas que das atuais Jerusalém levam aos muito Emaús de hoje. Porém, muitas vezes ela pensa que já chegou e se senta para amestrar. [...] (Ibidem, p. 38-40).

### 3.8 Francisco, o Arauto da Esperança.

O papa Francisco, eleito pelo colégio cardinalício em 13 de março de 2013, é o primeiro pontífice nascido em solo latino americano. Além disso, também é o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos e o primeiro papa jesuíta da história. Em seu ainda curto ministério, Francisco tem se mostrado uma pessoa simples, próxima aos pobres e disposta a recuperar muito daquilo que o Concílio legou ao mundo, mas que nos últimos anos vinha sendo esquecido.

O estilo de Francisco é inovador, característica facilmente verificável na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium (EG)* A Alegria do Evangelho. A *EG* é um documento essencialmente pastoral, que não mostra a preocupação de desenvolver avanços doutrinários ou elaborar novas doutrinas. Utilizando-se de estilo literário simples e de fácil assimilação, Francisco dá significativas pistas de seu programa de pontificado, magistralmente sintetizado no parágrafo 49<sup>129</sup>.

Mesmo que não se pretenda aqui estudar e explorar toda a riqueza desse documento, os trechos desse parágrafo mostram suficientemente o modelo de Igreja desejado e perseguido tenazmente pelo Papa. Não obstante, ao propor que a Igreja se desinstale, saia de si, de seu comodismo histórico, abandone velhos vícios e saia em missão, sabemos que existe o risco real de que tanto ele quanto sua proposta, que nada mais é do que a busca de uma verdadeira vivência evangélica, sofram fortes oposições e sejam rejeitadas.

---

<sup>129</sup> [...] Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! [...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37). (PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, § 49).

Com suas posições corajosas o papa Francisco nos faz ver que a dimensão espiritual do cristianismo não anula o seu papel histórico, a sua responsabilidade e a livre capacidade de tomar decisões. Fatores esses que fazem da Igreja um ativo agente de mudança frente às vicissitudes da existência humana.

Diante dessa inescapável realidade, cabe à Igreja, no decorrer de seu peregrinar histórico, se aperfeiçoar, se santificar e, numa conformidade aos ensinamentos de Cristo, se tornar autêntico sacramento. Só assim a ela poderá cumprir com fidelidade o inalienável compromisso de acolher todos aqueles que o mundo ignora, despreza e até mesmo rejeita. Porém, se assim não for, colocará inexoravelmente em risco sua missão de evangelizadora do mundo, sem a qual não há sentido e nem razão de existir.

Da mesma forma, a teologia cristã, ao racionalizar as verdades da fé, não pode se manter neutra ante os dramas e injustiças que a circundam. Em decorrência disso, cabe a todos aqueles que se dedicam a esse saber, além de elaborarem a reflexão e um discurso coerente sobre Deus, tornarem-se também um canal de libertação por meio de seu *modus vivendi*. Este deve ser capaz de defender e promover incondicionalmente a vida. O pensar e o fazer teologia precisam ter como meta a clarificação de uma fé que seja capaz de suscitar a esperança e fomentar a caridade, de maneira que todos os filhos de Deus adquiram a inspiração e a sabedoria do Cristo, uma vez que quem vê o Filho, também vê o Pai.

## CONCLUSÃO

Este breve estudo teológico/filosófico sobre o franco-falar de Jesus de Nazaré como luz para os povos e paradigma de evangelização, permite perceber a importância de se viver aquilo que se professa. Quando a coerência entre o discurso e práxis eclesial deixa de existir, a Palavra perde sua força transformadora e a mensagem evangélica se esvazia, perdendo assim o seu caráter de Boa-Nova. Por isso, cabe a todo cristão, e ao teólogo em particular, independentemente dos riscos envolvidos, levantar sua voz na defesa dos princípios que o próprio Jesus de Nazaré nos legou. Foi justamente o resgate dessa ideia que foi buscado neste trabalho. Porém, como essa temática é vastíssima, seria impossível esgotar o tema dentro de seu escopo. A pesquisa não tem falsos pudores e preconceitos ao buscar fontes não ortodoxas para analisar e buscar saídas válidas para problemas candentes manifestos na Igreja hodierna.

Assim sendo, mesmo que Michel Foucault tenha criticado as práticas de dominação operadas pelo Cristianismo, aproximar-se sem preconceitos de suas pesquisas relativas à *parresía* constitui nenhuma heresia. Ao contrário disso, a leitura de seus estudos pode ser uma experiência enriquecedora para todo cristão que almeja conquistar o que pediu o mestre Jesus: “sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5, 48). Segundo o filósofo francês, a busca de uma estética da existência, dando um melhor acabamento à nossa condição humana, é a resultante de todo seu estudo sobre as formas de subjetivação na antiguidade, também denominadas “*modos de constituição de si*”.

Embora as análises foucaultianas concernentes à *parresía* tenham se voltado para o âmbito filosófico e o político, nada de sua relevância se perde se a aplicarmos no âmbito religioso. E mesmo que o franco-falar seja efetivamente fonte de múltiplos riscos para aqueles que a vivenciam, não há sentimento mais gratificante do que a íntima convivência com alguém que é íntegro. Sendo que no caso do *parresiasta*, esse alguém é ele próprio.

Do mesmo modo que a Igreja cristã embrionária viveu intensamente a *parresía*, a hodierna também deve vivê-la, ressaltando-se que isso não se trata de amor incondicional ao martírio, o que poderia resvalar num sadismo ou algo parecido, mas num prazer sem medida pela defesa do bem de si e dos outros. É o mesmo que sentia Sócrates, ao defender que seria melhor sofrer o mal do que fazê-lo, por considerar insuportável conviver de forma tão íntima com um facínora, que no caso seria ele mesmo.

No mundo semita, mais propriamente no Primeiro Testamento, vimos as agruras sofridas por Jeremias, por atuar como um genuíno arauto de Javé. No Segundo, o maior exemplo de *parresiásta* sofredor (Servo-Sofredor) por conta de sua fala franca, foi Jesus de Nazaré, que por fazer a vontade do Pai plenamente e sem concessões aos poderosos de seu tempo, foi perseguido, supliciado e levado ao madeiro.

Como visto no Evangelho de Marcos, o franco-falar é uma virtude que encerra em si um grande valor pedagógico, que se legitima no agir sujeito que a profere. Apesar disso, os discípulos de Jesus demoraram muito para perceber aquilo que o Mestre queria lhes ensinar, e só a duras penas assimilaram que o Caminho de Jesus antes de chegar ao céu deveria passar obrigatoriamente pelo calvário.

Em momento algum, Jesus mentiu aos seus discípulos lhes dizendo que a sua missão seria fácil ou coroada com as glórias terrenas. Em vez disso, ao atuar como uma genuína pedra-de-toque, Jesus fez com que eles reconhecessem as suas fraquezas manifestas pelo egoísmo, individualismo e covardia. O Nazareno mostrou que esses sentimentos se configuravam em sérios obstáculos ao seu segmento, motivo pelo qual foram trazidos à luz para que posteriormente fossem capazes de realizar a missão que lhes seria reservada: beber do mesmo cálice do Senhor.

Vários séculos depois, por conta das contingências históricas e das debilidades humanas, a Igreja fechou-se para mundo. Foi preciso que o Povo de Deus aguardasse o pronunciamento da voz profética (*parresiástica*) de João XXIII, pedindo o “*aggiornamento*” da Igreja, para que esta voltasse a dialogar com o mundo. A decisão

inspirada e corajosa desse velho pontífice, eleito para ser um papa de transição, preteriu o ideal da cristandade medieval para que o ideal da autêntica Igreja de Cristo pudesse ser retomado, agora em mundo secularizado e sujeito a constantes mudanças. Além do papa, o senso *parresiástico* moveu diversos padres conciliares para que uma Igreja hierarquizada e enrijecida por estatutos jurídicos pudesse retornar à sua vocação de Igreja povo de Deus, como aquela definida pela Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Três anos após o término do CV II, a esperança continuava no ar, e na II conferência do CELAM, acontecida em Medellín, na Colômbia, bispos e teólogos progressistas, contagiados e imbuídos pelas novidades advindas do Concílio, deram vida a uma eclesiologia e teologia encarnadas na história e adequadas à realidade de uma América Latina espoliada pelo grande capital estrangeiro e pisada pelos coturnos das ditaduras militares. Em Medellín, a Teologia da Libertação (TdL) foi gestada e trazida à luz, exigindo justiça social e liberdade para os pobres, o que deu origem a tensões locais, pois os poderes constituídos, e inclusive uma parte da Igreja, viu em Medellín indícios de comunismo, o que fez com que os teólogos ligados à TdL fossem sistematicamente desacreditados e admoestados por Roma.

Em 1979, em Puebla, no México, aconteceu a III Conferência do CELAM. Nela, as forças conservadoras da Igreja, sob o comando de João Paulo II, tentaram banir definitivamente a TdL do horizonte eclesial. A ala progressista resiste e, apesar dos percalços, a opção preferencial pelos pobres foi reafirmada. As ditaduras militares continuam a assolar a AL e muitos dos padres que lutavam pelos direitos dos pobres foram perseguidos, torturados e assassinados, dentre eles está D. Oscar Romero, bispo de El Salvador. O Povo clama por justiça, apesar do silêncio de parte das autoridades eclesiais.

Em 1985, no Sínodo Extraordinário dos Bispos, instituído oficialmente para comemorar os vinte anos do Concílio, colocou a eclesiologia do povo de Deus sob suspeita. Interpretou-a como possuidora de um caráter mais sociológico do que teológico, conclusão oriunda do grupo conservador encabeçado pelo Cardeal Joseph

Ratzinger, futuro papa Bento XVI, que se propôs a realizar uma interpretação “correta” dos pronunciamentos conciliares. Segundo ele, a noção povo de Deus enfatiza o conflito entre ricos e pobres e não representa adequadamente a unidade da Igreja, que estaria melhor representada pela categoria teológica “Corpo de Cristo”. Em razão disso, os revisionistas trocaram a eclesiologia do povo de Deus pela eclesiologia de comunhão.

O pontificado de Bento XVI, que sucedeu a João Paulo II, foi ainda mais conservador, e nele, a hierarquia da Igreja pareceu querer se afastar cada vez mais das novidades trazidas pelo Concílio, o que redundou, entre outros, em retrocessos no âmbito da liturgia e do diálogo ecumênico. Além disso, vários teólogos, principalmente aqueles que abordam questões de cunho moral, foram notificados e advertidos pela Congregação da Defesa da Fé. Por outro lado, fora do campo eclesiológico e teológico, escândalos financeiros e sexuais envolvendo clérigos se sucederam mundo afora e foram denunciados pela mídia. Isso fez com que cada vez mais Igreja perdesse a credibilidade e fieis.

Passados cinquenta anos do CV II, vivemos tempos de marasmo teológico e eclesiológico, no qual vicejam uma eclesiologia e uma teologia por vezes irrealis e desconectadas da vida e da história, fato bastante que deve ser considerado como grave, ainda mais se levarmos em conta o despontar de nichos eclesiais saudosistas, cujas ações manifestam o inequívoco desejoso de retornar à época da cristandade, em que existiu uma Igreja triunfante. A resposta dada a isso, pelo mundo globalizado e secularizado, foi deixada nos bancos vazios das igrejas europeias e no crescimento do neo-pentecostalismo na América Latina, eventos loquazes por si mesmos.

Não obstante, para que a Igreja não corra o risco de perder a sua razão de ser, faz-se necessária a volta ao único caminho que é seguro: o agir *parresiástico* de Jesus de Nazaré, que se mostra solidário com os pobres, os pecadores e os crucificados da história.

Os conteúdos teológicos e filosóficos ora estudados indicam que sem o concurso de uma autêntica *parresía*, que permita refletir e, quando preciso, até mesmo

criticar a práxis da Igreja atual, o saber teológico torna-se estéril e em razão disso inútil. E em decorrência disso, antes de reprimir e procurar erros, a hierarquia eclesial deveria incentivar o franco-falar teológico. Ao invés de exigir que os teólogos exerçam o mero e pífio papel de reprodutores acéfalos e passivos de todo e qualquer conteúdo oriundo do Magistério, mas vale o incentivo do múnus *parresiástico*/profético testemunhados por teólogos que buscam uma coerência cada vez maior entre a pregação e a práxis, evitando assim a tentação de se produzir teologias abstratas e desvinculadas do mundo real.

Por causa de uma repressão cada vez maior do discurso *parresiástico*, boa parte da teologia produzida atualmente volta-se para esquemas teológicos orientados pela “limpidez” das fórmulas ortodoxas, fórmulas essas que por serem demasiadamente universais nem sempre conseguem dar as respostas e o consolo adequados às angustias, dúvidas e temores do homem moderno, de modo a reconduzi-lo a Deus. Logo, fazer Teologia com “T” maiúsculo, significa ir além do perscrutar na fé verdades abstratas por meio de uma racionalidade metodológica. Significa buscar no fiel seguimento de Jesus de Nazaré a liberdade de expressão e a seriedade para conjugar vida e fé, como ensina a própria Tradição.

É justamente nessa linha que vai a Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*, na qual o papa Francisco diz, com todas as letras, preferir uma Igreja que saia para o mundo ainda que maculada, do que a uma Igreja “enferma” pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. No lugar de uma Igreja preocupada com o erro metodológico, o Papa exorta a Igreja que exercite mais e mais a virtude da compaixão.

Em seu início de pontificado, o papa Francisco tem mostrado a sua veia profética, sua humildade e preocupação com as periferias do mundo. Sua simplicidade e sinceridade parecem incomodar a alguns, assim como incomodam todos os profetas. Talvez seja este o momento oportuno, para que a teologia hoje, às vezes tão acomodada e morna, seja sacudida também por esse belo exemplo de discipulado e se deixe ela mesma passar pela experiência de libertação.

Para que esta pesquisa tivesse consistência, coerência e agregasse algum valor ao pensar teológico e à vivência pastoral, foi preciso contemplar, mesmo que de forma panorâmica, as três grandes áreas do saber teológico. A Teologia Sistemática ou Dogmática, na qual se insere a Cristologia, nos deu importantes subsídios que possibilitaram compreender que uma espiritualidade autêntica, que tributa o devido valor ao Cristo da fé, deve partir inexoravelmente, do conhecimento do Jesus histórico. Em suas palavras e ações, tais quais nos mostram a Teologia Bíblica, encontramos as referências sem as quais o catolicismo correria o risco de se tornar discurso vazio e, portanto, sem eficácia redentora e soteriológica.

Da Teologia Sistemática, extraímos importantes contributos para uma melhor compreensão da fé, de suas razões, o que é fundamental levando-se em conta quem em nossos dias a imposição de verdades prontas não é capaz de satisfazer a uma parcela significativa da população. Ademais, a filosofia permite analisar de forma racional e não emocional, situações que não são aderentes àquilo que a Igreja professa e que, conseqüentemente, deveria observar integralmente.

No campo da Teologia Prática, procuramos analisar certos posicionamentos eclesiais, que, por terem se distanciado dos preceitos bíblicos basilares, de modo especial os provenientes de Jesus de Nazaré, criaram e ainda criam um grande obstáculo à evangelização. Todavia, eventuais críticas não foram feitas com o propósito de diminuir o valor da Igreja, mas sim de procurar contribuir, mesmo que de forma modesta, para que ela possa, o quanto antes, retomar os ensinamentos de Mestre, como aconteceu nos tempos da Igreja primitiva, mesmo considerando que os tempos e os desafios são de outra magnitude.

O esforço e a dedicação para a produção deste trabalho foram grandes, e mesmo que não tenham sido suficientes para esgotar temas tão complexos, profundos e até polêmicos. Eles constituem o primeiro passo de alguém que ama a Igreja e deseja caminhar com ela no mundo. E se o Pai assim o permitir, com os dons recebidos do Espírito, procurará contribuir da melhor forma possível para a construção

daquele Reino, pelo qual Jesus de Nazaré, de forma dedicada e corajosa lutou durante toda a sua vida terrena.

\* \* \*

## BIBLIOGRAFIA

### Documentos do Magistério da Igreja.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e revisitada. São Paulo: Paulus, 2002.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. (1962-1965). 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre a vocação eclesial do Teólogo*. São Paulo: Paulinas, 1990.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelli Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO VI. *Evangelli Nuntiandi* Exortação Apostólica Sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo. 7. Ed. Petrópolis: Loyola, 1987.

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. São Paulo: Loyola, 1998.

### Cursos de Foucault.

\_\_\_\_\_. *Governo de Si e dos Outros*: Curso no Collège de France (1982-1983). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. FOUCAULT, Michel: *A Coragem da Verdade*: Curso no Collège de France (1983-1984). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Discurso e Verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a parrhesia. *Prometeus* - ano 6, n 13.

**Obra sobre o Evangelho de João.**

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. Tradução de Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1989.

Obras Diversas.

ANDRADE FILHO, Francisco Antônio de: *Igreja e Ideologias na América Latina Segundo Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1982.

AQUINO JUNIOR, Francisco. *Da Práxis Eclesial: uma aproximação à teologia de Ignácio Ellacuría*. *Perspectiva Teológica*, n 36, 2004, p. 197.

BEOZZO, Pe. José Oscar. *O Concílio Vaticano II: etapa preparatória*. *Vida Pastoral*, p. 5, [jul – ago] de 2005.

BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução: Luiz Alexandre Solano e Eliane Cavaliere Solano Rossi. São Paulo, Paulus, 2003. (Nova Coleção Bíblica) 7.edição revista e ampliada.

BOFF, Leonardo. *Ilusão de uma Nova Cristandade: crítica à tese central de consulta para Puebla*. *REB – Petrópolis*, v.38, n. 149, p. 5, mar de 1978.

BRITO, Lucelmo Lacerda. *Medellín e Puebla: epicentros e confrontos entre progressistas e conservadores na América Latina*. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10681/5854>>. Acesso em: 20 de abr de 2014.

CODINA, Victor. *O Vaticano II, um Concílio em Processo de Recepção*. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewArticle/415//>>. Acesso em: 16 de fev de 2013.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a Tradição de Jesus* (Obra póstuma em administração de Monica Maria Muggler). São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

COMBLIN, José. *A Profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

COMBLIN, José. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, José. Puebla: Vinte Anos Depois. In: *Perspectiva Teológica* – Belo Horizonte, ano XXXI, n 84, p. 205. [mar-ago] 1999.

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. O Impulso Bíblico no Concílio: a bíblia na igreja depois da Dei Verbum. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1669/1202>>. Acesso em: 30 de jun de 2013.

DUSSEL, Enrique. *De Medellín a Puebla: uma década de sangue e esperança* – de Medellín a Sucre 1968 – 1972 – São Paulo: Edições Loyola, 1981.

GOMES, Rita Maria. Discipulado em Marcos. Disponível em: < [fajopa.com.br/contemplacao/index.php/revista/article/download/44/41](http://fajopa.com.br/contemplacao/index.php/revista/article/download/44/41)>. Acesso em: 06 de jan de 2014.

GONÇALVES, Alonso. Reino de Deus e práxis pastoral: uma abordagem a partir da teologia de Jon Sobrino. Disponível em: < <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/index.php/artigos/reino-de-deus-e-praxis-pastoral-uma-abordagem-a-partir-da-teologia-de-jon-sobrino/>>. Acesso em: 18 de abri de 2014.

GUTIERREZ, Gustavo. *A Verdade Vos Libertará*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

HOLTHMAM, Ivete. Qual o significado da Palavra Vingador de Sangue? Disponível em: < <http://www.abiblia.org/ver.php?id=3511#.U90gCGPQpoM>>. Acesso em: 02 de ago de 2014.

KUNRATH, Pedro Alberto. *Teologia Para um Outro Mundo Possível*. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER – organização - São Paulo: Paulinas, 2006.

LIBÂNIO, João Batista. A Trinta Anos do Encerramento do Concílio Vaticano II: chaves teológicas de leitura. Disponível em: <

[http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/?tac=96](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/?tac=96)>. Acesso em: 10 jul 2013.

LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. Disponível em: <[http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop\\_publish/?tac=102](http://www.jbllibanio.com.br/modules/mastop_publish/?tac=102)>. Acesso em: 03 mai 2014.

LIBÂNIO, João Batista: O Olhar do Teólogo: a força da religiosidade popular. Disponível em: <<http://www.jbllibanio.com.br/modules/wfsection/article.php?articleid=938/>>. Acesso em: 23 de jan de 2013.

MANZATTO, Antônio. De Medellín a Puebla. *Vida Pastoral*, n. 249, 2006.

MOREIRA, Gilvander Luiz. Transformação Socioambiental e Espiritualidade Libertadora. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER – organização - São Paulo: Paulinas, 2007.

NEVES. Rosemary Francisca. O Profeta-servo do Exílio da Babilônia a Partir do Segundo Canto do Servo de YHWH. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/06/010ProfetaServo.pdf>>. Acesso em: 18 de jan de 2014.

OTTAVIANI, Edelcio Serafim. A Busca da Verdade no Exercício da Liberdade: especificidades, dificuldades e espiritualidade do teólogo contemporâneo.

PATIAS, C Jaime. Papa Francisco Reabre a Causa de Beatificação de Oscar Romero. <Disponível em: < <http://www.pom.org.br/index.php?>>. Acesso em: 05 de mai de 2014.

PONTES. Edimilton de Carvalho. Vocação e Crise Profética uma Leitura Pastoral a Partir de Jeremias. <Disponível em: <[http://tede.est.edu.br/tede/tde\\_arquivos/1/TDE-2011-09-19T111141Z-292/ Publico/ Pontes\\_ec\\_tmp178.pdf](http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2011-09-19T111141Z-292/ Publico/ Pontes_ec_tmp178.pdf)>. Acesso em: 18 de jan de 2014.

RAMOS NETO, João Oliveira. Um Profeta Relevante, Ontem e Hoje. In: *Theos – Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas*. Campinas: 6 Ed., V.5, n1, Jun de 2009.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição*. Trad. Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2011.

SELLA, Adriano. *Por Uma Igreja do Reino: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial*. Trad. Pe. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de: A Caminhada de Medellín a Puebla. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, ano XXXI, n 84, p. 231. [mar - ago] 1999.

SASSI, Katia Rejane. O Evangelho Segundo Marcos. Disponível em: <<http://www.estef.edu.br/katia/wp-content/uploads/2012/04/Evangelho-Segundo-Marcos.pdf>>. Acesso em 05/01.2014.

SOUZA, Michel Aires de: Sócrates: a filosofia como conhecimento de si mesmo. Disponível em: <[filosofonet.wordpress.com/2011/07/14/socrates-a-filosofia-como-conhecimento-de-si-mesmo/](http://filosofonet.wordpress.com/2011/07/14/socrates-a-filosofia-como-conhecimento-de-si-mesmo/)>. Acesso em 09 de mar de 2014.

TEIXEIRA, Faustino. Bento XVI: alcances e limites de seu pontificado. Disponível em: <http://fteixeira-dialogos.blogspot.com.br/2013/05/bento-xvi-alcances-e-limites-de-seu.html/>. Acesso em 15 de jul de 2013.

TIMOTHEO DA SILVA, João Paulo. Teologia da Libertação: origens, crítica e atualidade. Disponível em: <<http://www.iteocg.xpg.com.br>>. Acesso em 12 de Jan de 2014.

ZANINI, Rogério Luiz. O Reino de Deus e as Vítimas da História: uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=4064](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4064)>. Acesso em 10 de jan de 2014.

ZILLES, Urbano. O Perfil do Teólogo Hoje. Disponível em: <  
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/5365/3901>>.  
Acesso em: 05/06/2014.